



Amanda Londero dos Santos

**Satisfação com o relacionamento amoroso:
variáveis preditoras e impacto sobre o bem-
estar subjetivo**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Março de 2020



Amanda Londero dos Santos

**Satisfação com o relacionamento amoroso:
variáveis preditoras e impacto sobre
o bem-estar subjetivo**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Clarissa Pinto Pizzaro de Freitas

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Bruno Figueiredo Damásio

UFRJ

Prof. José Augusto Evangelho Hernandez

UERJ

Rio de Janeiro, 06 de março de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Amanda Londero dos Santos

Graduada em Scienze Psicologiche Sociali e del Lavoro pela Università degli Studi di Padova (Itália) em 2012. Possui mestrado em Psicologia Sociale, del Lavoro e della Comunicazione pela Università degli Studi di Padova (Itália) em 2012.

Ficha Catalográfica

Santos, Amanda Londero dos

Satisfação com o relacionamento amoroso : variáveis preditoras e impacto sobre o bem-estar subjetivo / Amanda Londero dos Santos ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2020.

141 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Satisfação com o relacionamento amoroso. 3. Bem-estar subjetivo. 4. Personalidade. 5. Percepção de investimento do parceiro. 6. Apego. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para meu filho.

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo o apoio, suporte, confiança, atenção e carinho de todas as horas.

Ao Jean, pelas importantes contribuições, ajuda e companheirismo.

À minha querida orientadora Professora Terezinha Féres-Carneiro, pelo seu acolhimento, apoio, estímulo e suporte durante esses quatro anos.

Aos meus colegas da PUC-Rio, em especial, às queridas colegas do grupo de pesquisa do LEFaC e do grupo de orientação das terças à tarde, aos amigos do L2PS e aos queridos do grupo do coração.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento pelos ensinamentos e pela ajuda, em especial, às queridas Verinha e Marcelina. E em memória à querida Nice.

A todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam ou me ajudaram.

Ao CNPq, CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

Londero-Santos, Amanda; Féres-Carneiro, Terezinha. **Satisfação com o relacionamento amoroso: variáveis preditoras e impacto sobre o bem-estar subjetivo.** Rio de Janeiro, 2020. 141p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Satisfação com o relacionamento amoroso é um dos principais temas estudados na área de relações interpessoais, e é algo muito desejado pelas pessoas que estão em relacionamento. Os objetivos gerais desta tese foram identificar preditores da satisfação com o relacionamento amoroso e verificar a relação entre satisfação com o relacionamento amoroso e o bem-estar subjetivo. Para atingir tais objetivos, foram desenvolvidos quatro estudos. O primeiro estudo investigou conceitos associados à valência positiva referentes ao relacionamento e ao parceiro amoroso. No segundo estudo, adaptou-se para o Brasil uma escala mundialmente utilizada para avaliar a satisfação com o relacionamento amoroso e também se propôs uma versão revisada dessa escala. No terceiro estudo, testou-se o poder mediador da percepção do investimento do parceiro na relação entre apego e satisfação com o relacionamento. Enfim, o quarto estudo investigou o poder preditivo de aspectos do relacionamento amoroso sobre o bem-estar subjetivo, além do que é explicado pelas variáveis sociodemográficas e de personalidade. Os resultados revelaram conceitos frequentemente associados aos esquemas de relacionamento e parceiro amoroso, o que permitiu encontrar possíveis preditores da satisfação com o relacionamento amoroso. A percepção de investimento passivo simbólico do parceiro foi um importante preditor positivo da satisfação com o relacionamento, mediando completamente a relação entre apego e satisfação com o relacionamento. A satisfação com o relacionamento foi um dos principais preditores positivos do bem-estar subjetivo. A partir dos resultados dos estudos desta tese sugerem-se possíveis intervenções para melhorar os

relacionamentos amorosos que, por sua vez, venham contribuir para uma vida mais feliz.

Palavras-chave

Satisfação com o relacionamento amoroso; bem-estar subjetivo; personalidade; percepção de investimento do parceiro; apego.

Abstract

Londero-Santos, Amanda; Féres-Carneiro, Terezinha. (Advisor). **Romantic satisfaction: predictor variables and impact on subjective well-being.** Rio de Janeiro, 2020. 141p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Relationship satisfaction is one of the main subjects studied in the area of interpersonal relationships, and it is something very desired by people who are in romantic relationship. The general aims of this thesis were to identify predictors of relationship satisfaction and to verify the relationship between relationship satisfaction and subjective well-being. To achieve these objectives, four studies were developed. The first study investigated concepts associated with positive valence regarding the relationship and the romantic partner. In the second study, a scale used for evaluating relationship satisfaction was adapted for Brazil and a revised version of this scale was also proposed. In the third study, the mediating effect of the perception of partner's investment in the relationship between attachment and relationship satisfaction was tested. Finally, the fourth study investigated the predictive power of aspects of the romantic relationship over subjective well-being, in addition to what is explained by the sociodemographic and personality variables. The results revealed concepts frequently associated with the relationship and romantic partner schemes, which allowed finding possible predictors of relationship satisfaction. The perception of partner's unbankable symbolic investment was an important positive predictor of relationship satisfaction, fully mediating the relationship between attachment and relationship satisfaction. Relationship satisfaction was one of the main positive predictors of subjective well-being. Based on the results of the studies in this thesis, possible interventions are suggested to improve romantic relationships that, in turn, will contribute to a happier life.

Keywords

Relationship satisfaction; subjective well-being; personality; perception of partner's investment; attachment.

Sumário

Introdução	14
Esquemas de Relacionamento e de Parceiro Romântico: Conceitos Associados à Valência Positiva	20
Resumo	21
Abstract	22
Método	29
Participantes	30
Instrumentos	30
Procedimentos	31
De coleta de dados	31
De análises de dados	32
Resultados	33
Aspectos positivos do relacionamento	33
Aspectos positivos do parceiro	34
Relações entre categorias e satisfação com o relacionamento	36
Discussão	37
Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso	48
Resumo	49
Abstract	50
Estudo 1	55
Método	55
Participantes	55
Instrumentos	55
Procedimentos	56
De coleta de dados	56
De análise de dados	56
Resultados	57
Discussão	57
Estudo 2	58
Método	58
Participantes	58
Instrumentos	59
Procedimentos	60
De coleta de dados	60
De análise de dados	60
Resultados	61
Discussão geral	63
Apego e Satisfação com o Relacionamento Amoroso: o Papel Mediador da Percepção de Investimento do Parceiro	71

Resumo	72
Abstract	73
Investimento do parceiro e satisfação no relacionamento	74
Apego e percepção de investimento do parceiro	76
Apego e satisfação	78
Método	79
Participantes	80
Instrumentos	80
Procedimentos	83
De coleta de dados	83
De análise de dados	83
Resultados	84
Discussão	86
Relacionamentos amorosos promovem felicidade? Características do relacionamento amoroso como preditoras do Bem-Estar Subjetivo	94
Resumo	95
Abstract	96
Método	103
Participantes	103
Instrumentos	104
Procedimentos	105
De coleta de dados	105
De análise de dados	106
Resultados	106
Discussão	108
Conclusão	117
Referências	124

Lista de tabelas

Tabela 1 - Categorias, Frequência de Participantes, Descrições e Exemplos de Palavras/Expressões Referentes aos Aspectos Positivos do Relacionamento	46
Tabela 2 - Categorias, Frequência de Participantes, Descrições e Exemplos de Palavras/Expressões Referentes aos Aspectos Positivos do Parceiro	47
Tabela 1 - Cargas Fatoriais e Parâmetros dos Itens da ENSRA e ENSRA-R	67
Tabela 2 - Índices de Ajuste para os Modelos	68
Tabela 3 - Correlação de Pearson entre Variáveis, Média, Desvio-Padrão, Assimetria e Curtose	69
Tabela 1 - Correlações entre Variáveis, Coeficientes alfa de Cronbach, Médias e Desvios-Padrões	91
Tabela 2 - Índices de Ajuste dos Modelos Testados	92
Tabela 1 - Correlação entre Bem-Estar Subjetivo, Variáveis Sociodemográficas, Personalidade e Relacionamento Amoroso	113
Tabela 2 - Variáveis Sociodemográficas, Personalidade e Variáveis do Relacionamento Amoroso como Preditores da Satisfação de Vida	114
Tabela 3 - Variáveis Sociodemográficas, Personalidade e Variáveis do Relacionamento Amoroso como Preditores do Afeto Positivo	115
Tabela 4 - Variáveis sociodemográficas, personalidade e do relacionamento como Preditores do Afeto Negativo	116

Lista de figuras

Figura 1 - Curvas de informação dos testes ENSRA e ENSRA-R e erro padrão	70
Figura 1 - Modelo de mediação completa	93

Capítulo 1

Introdução

A qualidade das relações íntimas é um dos principais preditores de longevidade, saúde e doenças (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010). A satisfação com o relacionamento amoroso tem impacto em diversos desfechos positivos, por exemplo, na persistência e manutenção do relacionamento (e.g., Rusbult, Agnew, & Arriaga, 2011; Weiser & Weiser, 2016), na satisfação sexual com o parceiro (e.g., McNulty, Wenner, & Fisher, 2016) e na saúde e bem-estar (e.g., Hollist et al., 2016; Londero-Santos, Pereira Neto, & Natividade, 2017; Scorsolini-Comin & Santos, 2011; para uma revisão, ver Proulx, Helms, & Buehler, 2007). Conhecer os preditores e desfechos da satisfação com o relacionamento amoroso pode ser útil na proposição de intervenções mais eficazes na prática clínica.

Segundo Rusbult (1980), a satisfação com o relacionamento (*relationship satisfaction*, em inglês) é o resultado do grau em que um indivíduo experimenta afetos positivos ou negativos como resultado do seu relacionamento. Ainda, para determinar o nível de satisfação com o relacionamento, as experiências de afetos positivos (benefícios) e/ou negativos (custos) seriam comparadas com as expectativas de um indivíduo sobre relacionamentos amorosos no geral. Por exemplo, se um indivíduo espera que em relacionamentos amorosos se vivenciem mais custos do que benefícios, em um relacionamento em que ele receba moderado benefício, esse indivíduo estaria satisfeito em seu relacionamento. Já um indivíduo que espera alto benefício e baixo custo, no mesmo relacionamento citado anteriormente, se encontraria insatisfeito.

Para Shackelford e Buss (1997), sob uma perspectiva evolucionista, a satisfação conjugal (marital satisfaction, em inglês) diz respeito a “[...] um estado psicológico que monitora os benefícios e custos gerais associados a uma particular união conjugal” (p. 10). A satisfação conjugal tem uma função adaptativa para motivar os indivíduos a: (1) em caso de baixa satisfação, modificar uma relação existente, transformando-a em mais satisfatória, ou procurando outra relação que seja mais propícia; (2) em caso de alta satisfação, aumentar o investimento no relacionamento.

No Brasil, Mosmann et al. (2007) consideram a satisfação um dos fatores da qualidade conjugal. A qualidade conjugal, por sua vez é compreendida como “[...] resultado de um processo dinâmico e interativo do casal que resulta na avaliação que cada cônjuge tem do nível de qualidade que experimenta em sua união” (p. 322). Já para Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani e Natividade (2004) a satisfação com o relacionamento diz respeito a uma “avaliação cognitiva positiva de um objeto [*neste caso, o objeto seria o relacionamento amoroso*] obtida após comparação com objetos semelhantes [*outros relacionamentos amorosos*] que possuam características aceitáveis ou boas” (p. 11). Os autores destacam a satisfação com a atração física e a sexualidade e satisfação com as afinidades de interesses e comportamentos como componentes da satisfação com o relacionamento amoroso. Dela Coleta (1989) definiu satisfação conjugal como “[...] a atitude com relação a aspectos do cônjuge e da interação conjugal” (p. 98). A satisfação conjugal incluiria três componentes: satisfação com a interação conjugal, satisfação com a forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge e satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge.

Baseando-se em teorias de Cognição Social e Psicologia Social, nesta tese, adotou-se uma definição que considera a satisfação com o relacionamento como uma atitude face ao próprio relacionamento e ao parceiro amoroso (Dela Coleta, 1989; Londero-Santos, Natividade, & Féres-Carneiro, 2018; Roach, Frazier, & Bowden, 1981). Para isso, considera-se atitude como uma avaliação positiva/favorável ou negativa/desfavorável sobre um objeto (para uma revisão sobre atitude, ver Fazio & Petty, 2008). Em específico, para Greenwald et al. (2002), atitude é definida como uma associação entre um conceito de objeto social, ou grupo social, e um conceito de atributo com valência positiva ou negativa. O conjunto de conceitos relacionados a um mesmo objeto social ou a objetos sociais fortemente associados são chamados de esquemas cognitivos.

Em termos cognitivos, a satisfação decorre das associações entre conceitos dos objetos sociais ‘relacionamento amoroso’/‘parceiro amoroso’ e conceitos de atributos com valência positiva ou negativa. Dado que os indivíduos podem manter atitudes positivas e negativas simultaneamente frente a um mesmo objeto social (Crano & Gardkiotis, 2015), quanto mais frequentes e mais fortes forem as associações entre os conceitos de relacionamento e de parceiro amoroso e um dos polos de valência (positivo vs. negativo), mais forte será a atitude frente ao relacionamento/parceiro, e, portanto, maior a satisfação.

Os objetivos principais desta tese foram identificar preditores da satisfação com o relacionamento amoroso e verificar a relação entre satisfação com o relacionamento e bem-estar subjetivo. Identificar variáveis que tenham um impacto significativo sobre satisfação com o relacionamento amoroso pode ser importante para promovê-la, seja em termos de medidas preventivas ou mesmo remediadoras. Assim como, é importante conhecer os impactos da satisfação com

o relacionamento no bem-estar subjetivo dos indivíduos. A presente tese foi desenvolvida em quatro estudos apresentados em formato de artigos.

Com o intuito de identificar possíveis preditores da satisfação com o relacionamento amoroso, delineou-se o Estudo 1, descrito no segundo capítulo desta tese, intitulado “Esquemas de parceiro e de relacionamento amoroso: Conceitos associados à valência positiva”. Trata-se de um estudo de caráter exploratório, de método qualitativo, em que se buscou identificar conceitos associados a cargas afetivas positivas sobre relacionamento amoroso e sobre parceiros amorosos, a fim de mapear os esquemas sobre esses dois fenômenos.

O estudo se fundamentou no primeiro princípio que rege os esquemas cognitivos, postulado por Greenwald et al. (2002). Segundo esse princípio, quando dois conceitos estão ligados a um terceiro conceito (chamado de link compartilhado de primeira ordem), uma ligação entre os dois primeiros tende a se formar, ou a força da associação entre os dois primeiros tende a aumentar. Em termos práticos, isso significa que se o parceiro é percebido pelo indivíduo como carinhoso (associação parceiro-carinhoso), e ser carinhoso é um conceito associado ao atributo positivo (associação positivo-carinhoso), então, há uma tendência de se formar ou aumentar a força da associação entre os outros dois primeiros conceitos (associação parceiro-positivo). Essa última associação é uma atitude positiva frente ao parceiro e, portanto, é o que fundamenta a satisfação com o relacionamento amoroso.

Os conceitos com valência positiva fortemente associados (e, portanto, mais acessíveis) aos conceitos de relacionamento e parceiro amoroso forneceriam indicadores da satisfação com o relacionamento. Também foram testadas diferenças do nível de satisfação com o relacionamento entre os participantes que

citaram e os que não citaram determinados conceitos. O Estudo 1 foi capaz de levantar os indicadores, porém, para testá-los enquanto preditores da satisfação era necessária uma medida adequada de satisfação. Então, delineou-se o Estudo 2 com o objetivo de adaptar para o contexto brasileiro uma escala capaz de aferir satisfação no relacionamento. Esse estudo, descrito no terceiro capítulo, intitulou-se “Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso”. Nele, adaptou-se a Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento de Rusbult et al. (1998), escala mundialmente utilizada para mensurar esse construto, e buscaram-se evidências de validade da mesma.

Assim, foi possível realizar o terceiro estudo, que é descrito no quarto capítulo desta tese, intitulado “Apego e Satisfação com o Relacionamento Amoroso: o Papel Mediador da Percepção de Investimento do Parceiro”. Nesse estudo, foi testado o papel mediador da percepção do investimento passivo simbólico do parceiro na relação entre o apego e satisfação com o relacionamento amoroso. Essa percepção de investimento do parceiro mostrou-se, no primeiro estudo, como possível preditor da satisfação com o relacionamento amoroso.

Enfim, o quarto estudo, apresentado no quinto capítulo desta tese, intitulado “Relacionamentos românticos promovem felicidade? Características dos relacionamentos como preditores do bem-estar subjetivo”, teve o objetivo de investigar o poder preditivo de aspectos da relação amorosa sobre o bem-estar subjetivo, além do que é explicado pelas variáveis sociodemográficas e de personalidade. Esse estudo foi desenvolvido pois apesar de haver um relativo consenso de que variáveis sociodemográficas e da personalidade humana são importantes preditoras do bem-estar subjetivo (para uma revisão ver Diener, Oishi, & Tay, 2018; Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999), não se tem

conhecimento se variáveis dos relacionamentos amorosos impactam no bem-estar subjetivo, após controlado o efeito de variáveis sociodemográficas e de personalidade.

Capítulo 2

Esquemas de Relacionamento e de Parceiro Romântico:

Conceitos Associados à Valência Positiva

Resumo

Este estudo teve como objetivo identificar conceitos associados a cargas afetivas positivas sobre relacionamento amoroso e sobre parceiros amorosos, a fim de mapear os esquemas sobre esses dois fenômenos. Aos participantes ($N = 158$) foi solicitado que escrevessem sobre aspectos positivos do relacionamento e do parceiro. As respostas foram submetidas a análises lexical e de conteúdo. Emergiram 19 categorias referentes a conceitos que compõem o esquema de relacionamento amoroso; e 21, do parceiro. As palavras e categorias mencionadas com mais frequência para caracterizar aspectos positivos do relacionamento foram companheirismo e confiança; para caracterizar aspectos positivos do parceiro, foram cuidadoso e afetuoso. Houve recorrência nas palavras e categorias utilizadas pelos participantes, indicando consenso sobre aspectos positivos do relacionamento e do parceiro. Também foram testadas diferenças do nível de satisfação com o relacionamento entre os participantes que citaram e os que não citaram as categorias. Indivíduos que mencionaram categorias como companheirismo, afeto, respeito e diálogo apresentaram maiores níveis de satisfação do que aqueles que não mencionaram essas categorias. Os resultados sugerem que os esquemas podem fornecer indicadores da satisfação com o relacionamento.

Palavras-chaves: esquemas; relações conjugais; satisfação com o relacionamento

Abstract

This study identifies concepts associated with positive valence of romantic relationship and partner, in order to characterize the schemas about these two phenomena. Participants ($N = 158$) were asked to write about the positive aspects of their relationship and their partner. These reports were subjected to lexical and content analysis. Nineteen categories emerged, related to the concepts that compose the relationship schema, and 21 others related to the partner. Words and categories most frequently mentioned to characterize positive aspects of the relationship were companionship and trust, and to characterize positive aspects of the partner were caring and affectionate. There was recurrence in words and categories used among participants, indicating consensus about which aspects are positive in a relationship and a romantic partner. Differences in relationship satisfaction levels between those who mentioned and those who did not mention categories created from the reports were tested. Individuals who mentioned categories as companionship, affection, respect, and dialogue showed higher levels of satisfaction than those who did not mention these categories. The results suggest that the schemes can provide indicators of satisfaction with the relationship.

Keywords: schemas, marital relations, relationship satisfaction

De uma perspectiva cognitivista, os indivíduos organizam o próprio conhecimento sobre o mundo social através de esquemas sociais. Os esquemas sociais são estruturas mentais que as pessoas usam para organizar, por temas ou assuntos, seu conhecimento do mundo social e são formados por um conjunto de conceitos inter-relacionados (Greifeneder, Bless, & Fiedler, 2018). Os esquemas sociais podem referir-se ao self (e.g., como sou eu?), a papéis sociais (e.g., como são os casais românticos?), sobre outras pessoas (e.g., como é o meu parceiro amoroso?), e sobre acontecimentos gerais ou específicos (e.g., como são os relacionamentos ou como é o meu relacionamento amoroso com meu parceiro?). Os esquemas sociais podem incluir outros esquemas e estão relacionados entre si (Greifeneder et al., 2018).

Importantes esquemas utilizados pelas pessoas no âmbito de suas vidas amorosas são os esquemas de relacionamento amoroso e de parceiro amoroso. Whisman e Delinsky (2002) definem esquemas de parceiros como “[...] generalizações cognitivas, derivadas de experiências passadas, que organizam e guiam o processamento de informações relacionadas a parceiros” (p. 619). O esquema de relacionamento amoroso, analogamente, seria entendido como generalizações cognitivas que organizam e guiam o processamento de informações pertinentes ao relacionamento, e estaria intimamente associado ao esquema de parceiro, já que é através da vivência com o parceiro amoroso que o esquema de relacionamento amoroso se desenvolve. Ainda, os esquemas de parceiro e de relacionamento fariam parte de um esquema maior: o esquema geral de relacionamento (Baldwin, 1992). Os esquemas de relacionamento e de parceiro podem funcionar como filtros de percepção e interpretação de novos eventos, pensamentos e lembranças sobre aspectos relacionados à vida amorosa, e parecem

ser importantes preditores de comportamento futuro, através das atitudes sociais (Heim, Ajzen, Schmidt, & Seddig, 2018). Os esquemas auxiliam na atribuição de significado a um evento e orientam as respostas emocionais e comportamentais frente a estímulos externos ou internos. Identificar esquemas sobre relacionamento e sobre parceiros pode contribuir na caracterização da rede de conteúdo associada à vida amorosa. Essa rede de conteúdo é acessada nos inúmeros acontecimentos ligados ao relacionamento, por exemplo, para fazer avaliações acerca do relacionamento (e.g., julgamento sobre a satisfação com o próprio relacionamento) ou perceber e interpretar novos eventos (e.g., atribuição de causalidade do comportamento do parceiro).

Greenwald et al. (2002) postulam três princípios que regem os esquemas cognitivos. O primeiro princípio, denominado princípio de equilíbrio-consistência, afirma que quando dois conceitos estão ligados a um terceiro conceito (chamado de link compartilhado de primeira ordem), uma ligação entre os dois primeiros tende a se formar, ou a força da associação entre os dois primeiros tende a aumentar. Quando, por exemplo, o conceito de parceiro amoroso é associado a outros conceitos (e.g., parceiro-carinhoso, parceiro-companheiro) e esses, por sua vez, são associados a conceitos de atributo com valência positiva (e.g., carinhoso-positivo; companheiro-positivo), tende-se a formar um link entre o conceito de parceiro e o atributo de valência positiva (parceiro-positivo). Forma-se, assim, uma atitude positiva frente ao parceiro, dado que atitude pode ser definida como uma associação entre um conceito de objeto, ou grupo social, e um conceito de atributo com valência positiva ou negativa (Greenwald et al., 2002).

O segundo princípio, denominado princípio do desequilíbrio-dissonância, postula situações nas quais não ocorre o primeiro princípio (Greenwald et al.,

2002). Não tenderá a se formar uma associação entre dois conceitos que compartilham link com um terceiro conceito quando esses dois conceitos têm menos links compartilhados de primeira ordem do que o esperado ao acaso (chamado de oposição bipolar de ligação). Assim, apesar de um indivíduo manter, em seu esquema do próprio parceiro amoroso, alguns conceitos associados à valência negativa (e.g., parceiro-preguiçoso; preguiçoso-negativo), o conceito de parceiro não irá se associar com a valência negativa, caso haja poucas associações com outros conceitos associados também à valência negativa.

O terceiro princípio trata do modo no qual as pessoas resolvem as dissonâncias cognitivas, denominado princípio de conceito pressionado (Greenwald et al., 2002). Dissonância cognitiva, de acordo com Festinger (1957), ocorre quando um indivíduo percebe uma incoerência (dissonância) entre cognições (por exemplo, o indivíduo que inclui no esquema do parceiro amoroso conceitos como carinhoso e gentil, percebe o parceiro se comportando de maneira rude). Um conceito é chamado de pressionado quando ele é forçado (através do princípio de equilíbrio-consistência) a desenvolver links entre polos opostos (positivo vs. negativo), assim, o conceito pressionado tende a se dividir em subconceitos, permitindo assim que cada um desses subconceitos se associe com um dos polos. O conceito de parceiro amoroso, assim, caso o indivíduo experimente dissonância cognitiva, sofreria uma pressão para se dividir, podendo, por exemplo, ser dividido em: (A) parceiro amoroso na maior parte do tempo e (B) parceiro amoroso quando muito cansado e estressado com o trabalho. Retornando, assim, à consonância cognitiva.

De fato, diversas pesquisas mostram que indivíduos, frequentemente, minimizam os eventos negativos que acontecem em seus relacionamentos

amorosos, realizando as chamadas atribuições benevolentes diante de comportamentos negativos do cônjuge (McNulty, O'Mara, & Karney, 2008; Karney, 2015). Assim, ao atribuir o comportamento negativo do cônjuge a um evento passageiro e com causa externa ao cônjuge (e.g., meu cônjuge foi agressivo hoje, pois o seu chefe o estressou muito), o conceito do relacionamento com o cônjuge continua sendo positivo, ou seja, o indivíduo continua mantendo uma atitude positiva frente ao seu relacionamento, permanecendo satisfeito com ele. Karney, McNulty e Frye (2001) encontraram que avaliações globais do relacionamento permanecem positivas, mesmo diante a eventos específicos negativos (possíveis causadores de dissonância cognitiva), quando os indivíduos realizam atribuições de responsabilidades positivas (e.g., não culpam o próprio parceiro por um evento negativo).

De acordo com Fletcher, Simpson e Thomas (2000), as pessoas mantêm esquemas cognitivos sobre como seus relacionamentos e seus parceiros deveriam ser: esquema de relacionamento ideal e esquema de parceiro ideal. Os autores observaram que indivíduos que permaneceram em seus relacionamentos, por um longo período, mudaram seus esquemas de relacionamento e parceiro ideais a fim de adequá-los às suas percepções sobre seus próprios parceiros. Sugere-se que isso tenha acontecido para reduzir a dissonância cognitiva causada pelo confronto entre como gostariam que seus parceiros fossem e como os parceiros realmente eram.

O esquema de parceiro ideal, que também pode ser compreendido no escopo dos estudos de preferência de parceiro, pode ser definido como cognições, representações mentais, sobre as características que as pessoas desejam em um parceiro romântico (Boxer, Noonan, & Whelan, 2015). Similarmente, o esquema

de relacionamento ideal refere-se às representações mentais sobre as características que as pessoas desejam em um relacionamento romântico. De maneira geral, os esquemas de parceiro ideal e de relacionamento ideal são compartilhados entre os indivíduos, indicando que existe certo consenso de quais aspectos faz um relacionamento e um parceiro serem desejáveis (Boxer et al., 2015; Buss & Schmitt, 2019; Féres-Carneiro, 1997; Souza, Conroy-Beam, & Buss, 2016; Sheckelford & Buss, 2000).

Dentre as características importantes no esquema de parceiro ideal, podem-se destacar: atração mútua/amor; caráter confiável; estabilidade emocional e maturidade; disposição para agradar; educação/inteligência (Buss, Schackelford, Kirkpatrick, & Larsen, 2004; Souza, Conroy-Beam, et al., 2016). Souza, Conroy-Beam, et al. observaram que, em uma amostra brasileira, dentre uma lista com características presentes em um parceiro potencial, aquelas mais desejadas foram, em ordem de importância: legal e compreensivo; inteligência; fácil de lidar; personalidade exuberante (para homens) e saudável (para mulheres); fisicamente atraente (para homens) e boa perspectiva para ganhar bem (para mulheres).

Segundo Fletcher e Simpson (2000), a discrepância entre esquemas de parceiro ideal e parceiro real (e discrepância entre esquemas de relacionamento ideal e real) tem a função de avaliar a qualidade de seu parceiro/relacionamento, explicar ou entender eventos na relação amorosa e regular e fazer julgamentos no relacionamento. Esses autores consideram que a satisfação com o relacionamento está associada com a consistência ideal-percepção, ou seja, a quanto o parceiro possui as características ideais para o indivíduo.

Os esquemas associados ao relacionamento e parceiro amoroso, logo, exercem um importante papel na avaliação da satisfação com o relacionamento. A

satisfação com a relação amorosa pode ser definida como uma atitude frente ao parceiro e ao relacionamento, e, portanto, deriva de um julgamento avaliativo acerca do relacionamento amoroso com o parceiro. Em termos cognitivos, a satisfação decorre das associações entre os conceitos ‘relacionamento amoroso’ e ‘parceiro amoroso’ a conceitos de atributos com valência positiva ou negativa. Dado que os indivíduos podem manter atitudes positivas e negativas simultaneamente frente a um mesmo objeto social (Crano & Gardkiotis, 2015), quanto mais frequentes e mais fortes forem as associações entre os conceitos de relacionamento e de parceiro amoroso e um dos polos de valência (positivo vs. negativo), mais forte será a atitude frente ao relacionamento/parceiro, e, portanto, maior a satisfação.

Nesse sentido, Wilde e Dozois (2018) encontraram associações entre esquema de parceiro e satisfação com o relacionamento. Esquemas de parceiro contendo conceitos altamente associados à valência negativa e pouco associados à valência positiva explicaram negativamente parte da variância de satisfação com o relacionamento. De maneira semelhante, Whisman e Delinsky (2002) encontraram que satisfação conjugal foi negativamente explicada por associações de conceitos negativos ao parceiro e positivamente por associações de conceitos positivos ao parceiro. Jose, Rajaram, O’Leary e Williams, (2010) encontraram que indivíduos satisfeitos com o próprio relacionamento classificaram as palavras positivas como mais características de seu parceiro do que os indivíduos insatisfeitos; indivíduos insatisfeitos avaliaram as palavras negativas como mais características de seu parceiro do que os indivíduos satisfeitos.

Outros estudos focalizaram esquemas pessoais desenvolvidos na infância que poderiam impactar negativamente na vida amorosa na pessoa adulta

(Dumitrescu & Rusu, 2012; Scribel, Sana, & Benedetto, 2007; Paim, Madalena, & Falcke, 2012). Dumitrescu e Rusu, por exemplo, observaram que esquemas iniciais disfuncionais (e.g., percepção de que o parceiro não é capaz de fornecer apoio ou proteção emocional, ou de que as necessidades de afeto nunca serão atendidas adequadamente) predizem negativamente a satisfação com o relacionamento.

Apesar da importância dos esquemas sociais na vivência amorosa dos indivíduos, estudos que investigam esquemas sociais de relacionamento e parceiro amoroso são raros. Ainda, os instrumentos empregados em estudos para medir tais esquemas utilizam conceitos previamente definidos (e.g., Jose et al., 2010; Whisman & Delinsky, 2002; Wilde & Dozois, 2018). Embora apresente vantagens, esse método condiciona o conjunto de conceitos dos esquemas pesquisados ao crivo dos pesquisadores. Uma alternativa que poderia contribuir para superar essa limitação seria solicitar aos participantes que descrevessem o que pensam sobre um determinado alvo de esquema (e.g., relacionamento amoroso). Pesquisas desse tipo são raras, sobretudo, com amostra brasileira.

Assim, este estudo teve por objetivo geral identificar esquemas de relacionamento amoroso e de parceiro amoroso. Foram objetivos específicos: (1) caracterizar conceitos associados a cargas afetivas positivas sobre o próprio relacionamento amoroso; (2) caracterizar conceitos associados a cargas afetivas positivas sobre o parceiro amoroso; (3) verificar associações desses conceitos e gênero dos participantes; (4) verificar diferenças nos níveis de satisfação com o relacionamento amoroso entre quem compartilhava ou não determinados conceitos.

Método

Participantes

Participaram do estudo 158 adultos heterossexuais que estavam em um relacionamento amoroso e coabitavam com seus parceiros, sendo 134 mulheres e 24 homens. A média de idade foi de 37,6 anos ($DP = 11,4$), mínimo de 19 e máximo de 73 anos. Em relação à renda financeira, a média da renda individual foi de R\$ 6.481,30 ($DP = 7.719,01$) e a média da renda domiciliar per capita foi de R\$ 4.644,90 ($DP = 3.804,46$). Com relação ao nível de escolaridade, 68,8% responderam estar frequentando ou ter concluído curso de pós-graduação (sendo, 35,0% referente à especialização de nível superior, 17,2%, ao mestrado e 16,6%, ao doutorado), 26,1% responderam estar frequentando ou ter concluído ensino superior, enfim, 5,10 % frequentaram ensino fundamental ou ensino médio. A maior parte dos participantes provinha das regiões sudeste (68,2%) e sul (24,9%) do Brasil, os demais provinham da região centro-oeste (3,82%), nordeste (3,17%). No que diz respeito ao relacionamento amoroso, o tempo médio de relacionamento foi de 10,9 anos ($DP = 10,6$), variando de um mínimo de três meses e um máximo de 51 anos. Do total dos participantes, 38% responderam ter casado no civil e no religioso, 19,6% somente no civil, 1,3% somente no religioso, e 41,1% afirmaram viver em união consensual. A média de idade do(a) parceiro(a) amoroso(a) foi de 39,9 anos ($DP = 12,9$). Pouco mais da metade, 91 (57,6%) participantes tinham filhos, sendo a média de número de filhos de 1,82 filho ($DP = 0,85$).

Instrumentos

Os dados foram levantados por meio de um questionário on-line, disponibilizado na internet, contendo perguntas abertas, ou seja, de respostas discursivas, referentes aos possíveis antecedentes da satisfação conjugal, além de

perguntas sociodemográficas. Foram feitas as seguintes perguntas para acessar conceitos associados a cargas afetivas positivas dos esquemas de (1) relacionamento (denominados, aqui, de aspectos positivos do relacionamento): “O que faz o seu relacionamento ser bom?” e “Quais são as características do seu relacionamento que você mais aprecia?”; e de (2) parceiro (denominados, aqui, de aspectos positivos do parceiro): “O que faz você considerar o seu parceiro um bom parceiro?” e “Quais as características do seu parceiro de que você mais gosta?”. Abaixo das perguntas havia um espaço para os participantes escreverem suas respostas. O questionário também continha uma escala para aferir a satisfação com o relacionamento amoroso.

Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (Rusbult, Martz, & Agnew, 1998). Trata-se de uma subescala da Investment Model Scale de Rusbult et al. adaptada para o Brasil neste estudo. O instrumento contém cinco itens em formato de afirmativas para serem respondidos numa escala de concordância de nove pontos, tal que 0 = Discordo completamente e 8 = Concordo completamente, quanto maiores os escores, maior a satisfação com a relação amorosa. Exemplo de item: “Nosso relacionamento me faz feliz”. Na versão original, a escala apresentou coeficiente alfa de 0,95. Já, neste estudo, o coeficiente alfa foi de 0,91.

Procedimentos

De coleta de dados.

Os participantes foram recrutados por meio de convites em redes sociais na internet. No convite para participar, solicitava-se a participação de adultos casados ou vivendo juntos com o parceiro. Aqueles que aceitavam participar deviam clicar no link do endereço disponibilizado no convite e eram direcionados para o

questionário. Dentre as respostas obtidas, foram selecionados para este estudo os respondentes adultos, heterossexuais, que reportaram morar junto com o parceiro. A pesquisa foi encaminhada a Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e obteve parecer favorável, número de protocolo 2.803.433.

De análises de dados.

Em um primeiro momento, as respostas às duas perguntas abertas referentes aos aspectos positivos do relacionamento e às duas referentes aos aspectos positivos do parceiro foram agrupadas e formaram, respectivamente, dois corpora de análise. Então, foi realizada análise lexical preliminar de cada corpus, por meio da frequência de palavras na forma lematizada. Em seguida, foi realizada análise de conteúdo em cada corpus, conforme como proposto por Bardin (2011). As categorias emergiram a partir das respostas com significados semelhantes entre si, sendo, portanto, semântico o critério de categorização. Somente categorias que foram citadas por pelo menos dois participantes foram mantidas. Categorias com significados semelhantes foram aglutinadas, buscando manter as categorias mutuamente exclusivas, homogêneas e exaustivas, além de manter um equilíbrio entre generalidade e especificidade das mesmas. Os temas, ou seja, as unidades de registro escolhidas, foram recortados do corpus textual e alocados na categoria correspondente.

Foram realizados testes de homogeneidade (qui-quadrado, ou teste exato de Fisher quando frequência esperada menor do que cinco) para verificar (1) associação entre o gênero do participante e citação de palavras (considerando somente as palavras com frequência absoluta superior a 20 no corpus de análise), e (2) associação entre gênero do participante e citação de categorias resultantes da análise de conteúdo (considerando apenas as categorias com frequência de

participantes que as citaram superior a 10% da amostra). Adicionalmente, foi realizado teste de normalidade da variável satisfação com o relacionamento. Então, realizaram-se testes U de Mann-Whitney para verificar (1) diferenças de mediana na satisfação com o próprio relacionamento entre quem citou e não citou as categorias e (2) diferença entre homens e mulheres dos níveis de satisfação com o relacionamento amoroso. Nessas análises, consideraram-se apenas as categorias com frequência de participantes superior a 10% da amostra (16 participantes).

Resultados

Aspectos positivos do relacionamento

A fim de verificar as palavras mais utilizadas pelos participantes para caracterizar os aspectos positivos do relacionamento, foi contabilizado o número de ocorrências das palavras no corpus textual referente a esse tema. A palavra com maior frequência citada pelos participantes foi “companheirismo” (frequência da palavra, $f = 73$). Outras palavras com frequência de citação superior a 20 foram “cumplicidade” ($f = 43$), “respeito” ($f = 38$), “confiança” ($f = 33$), “amizade” ($f = 26$), “amor” ($f = 24$), “muito” ($f = 22$), “junto” ($f = 21$), e “carinho” ($f = 21$).

Com a finalidade de verificar se as palavras foram citadas com frequência similar entre homens e mulheres, realizaram-se testes de associação entre o número de vezes que a palavra foi citada e o gênero dos participantes. O teste qui-quadrado (com correção de Yates) indicou associação entre citação da palavra “companheirismo”, $\chi^2(1, N = 158) = 4,16; p = 0,041; V = 0,18$, e “cumplicidade”, $\chi^2(1, N = 158) = 4,03; p = 0,044; V = 0,18$ e o gênero dos participantes. As mulheres, proporcionalmente, citaram as palavras “companheirismo” (50% das mulheres citaram essa palavra) e “cumplicidade” (30,6%) mais do que os homens

(25% e 8,3%, respectivamente). As demais palavras não apresentaram associação estatisticamente significativa com o gênero dos participantes.

Referente à análise de conteúdo, observou-se um total de 766 unidades de registro (palavras/expressões) caracterizadoras de aspectos positivos do relacionamento. A partir da semelhança de significado foi agrupado 91,8% do total das unidades de registro em 19 categorias. As categoriais foram nomeadas da seguinte forma: Admiração, Afeto, Afinidade, Amizade, Bom humor, Companheirismo, Confiança, Cuidado, Diálogo, Estabilidade, Fazer família, Harmonia, Individualidade, Intimidade, Nada, Planos futuros, Resolução de conflitos, Respeito e Sexo. A Tabela 1 mostra as categorias, a frequência de participantes que as citaram, suas definições e exemplos de temas que as compuseram. A categoria Companheirismo foi a mais frequentemente citada, sendo que 70,9% dos participantes a citaram. Outras categorias citadas por mais de 20% dos participantes foram: Confiança (34,2%), Afeto (31%), Respeito (28,5%) e Cuidado (25,9%). Com objetivo de testar associações entre ter citado uma categoria e o gênero do participante, realizaram-se testes de qui-quadrado. Não foi encontrada associação entre gênero e citação das categorias.

INSERIR TABELA 1

Aspectos positivos do parceiro

Com o intuito de verificar as palavras mais frequentemente citadas para caracterizar os aspectos positivos do parceiro, computou-se a frequência de ocorrência das palavras no corpus textual referente a esse tema. A palavra com maior frequência citada pelos participantes foi “bom” ($f = 33$). Outras palavras com frequência de citação superior a 20 foram “carinhoso” ($f = 32$),

“companheiro” ($f = 23$), “humor” ($f = 23$), “inteligência” ($f = 23$), e “muito” ($f = 21$).

Testes de homogeneidade foram realizados para verificar se homens e mulheres têm as mesmas proporções de citação de palavras. O teste exato de Fisher indicou associação entre citação da palavra “carinhoso” e gênero dos participantes ($p = 0,049$). O teste qui-quadrado (com correção de Yates) indicou associação entre citação da palavra “bom” e gênero dos participantes, $\chi^2 (1; N = 158) = 6,05$; $p = 0,010$; $V = 0,22$. As mulheres citaram mais frequentemente as palavras “carinhoso” (23,1% das mulheres citaram essa palavra) e “bom” (24,6%) do que homens (4,17% e 0%, respectivamente). As demais palavras não apresentaram associação estatisticamente significativa com o gênero dos participantes.

No que diz respeito à análise de conteúdo, as duas respostas às perguntas sobre os aspectos positivos do parceiro geraram 801 unidades de registro, dentre os quais 95,6% foram codificadas em 21 categorias. As categorias foram nomeadas da seguinte forma: Amigo; Aspectos físicos; Bom coração; Bom Humor; Carinhoso; Caseiro; Companheiro; Cuidadoso; Batalhador; Extrovertido; Família; Honestidade; Inteligente; Juventude; Lealdade; Otimismo; Respeitoso; Semelhança dos parceiros; Sexo; Tranquilo; Tudo. Na Tabela 2, encontram-se a categoria, a frequência de participantes que as citaram, suas definições e exemplos de temas que as compuseram. A categoria Cuidadoso foi a mais frequentemente citada, sendo enumerada por 40,5% dos participantes. Outras categorias citadas por mais de 20% dos participantes foram Carinhoso (35,4%), Companheiro (33,5%), Batalhador (31,6%), Honestidade (25,9%), Bem humorado (24,1%), Lealdade (22,8%) e Inteligente (20,9%).

INSERIR TABELA 2

A fim de verificar a associação entre a citação das categorias e o gênero dos participantes, realizaram-se testes de homogeneidade. O teste qui-quadrado (com correção de Yates) indicou associação entre quem citou a categoria Cuidadoso e gênero dos participantes, $\chi^2(1, N = 158) = 6,67; p = 0,010; V = 0,21$. As mulheres citaram mais frequentemente a categoria Cuidadoso (38,8% das mulheres citaram essa categoria) do que os homens (12,5%). As demais categorias não apresentaram associação estatisticamente significativa com gênero.

Relações entre categorias e satisfação com o relacionamento

Para verificar se a variável satisfação com o relacionamento amoroso apresentava distribuição normal, foi realizado teste de Kolmogoriv-Smirnov e constatou-se não haver normalidade nos dados, $D(158) = 0,17; p < 0,001$. Então, testaram-se diferenças na satisfação com o relacionamento entre quem citou e quem não citou cada uma das 12 categorias com maior frequência (frequência maior que 10%) sobre os aspectos positivos do relacionamento por meio de um teste não paramétrico. O teste U de Mann-Whitney apontou diferença significativa nos níveis de satisfação com o relacionamento amoroso entre quem citou a categoria: Companheirismo ($Med = 7,00; n = 112$) e quem não a citou ($Med = 5,80; n = 46$), $U = 1536,5; z = -3,99; p < 0,001; r = 0,32$; quem citou a categoria Afeto ($Med = 7,00; n = 49$) e quem não a citou ($Med = 6,80; n = 109$), $U = 2119,5; z = -2,08; p = 0,038; r = 0,17$; quem citou a categoria Respeito ($Med = 7,40; n = 45$) e quem não a citou ($Med = 6,60; n = 113$), $U = 1770; z = -2,98; p = 0,003; r = 0,24$; quem citou a categoria Diálogo ($Med = 7,60; n = 16$) e quem não a citou ($Med = 6,80; n = 142$), $U = 727; z = -2,36; p = 0,018; r = 0,19$.

Em seguida, testaram-se diferenças na satisfação com o relacionamento entre quem citou e quem não citou cada uma das 13 categorias com maior frequência (frequência maior que 10%) sobre os aspectos positivos do parceiro. O teste U de Mann-Whitney apontou diferença significativa nos níveis de satisfação com o relacionamento amoroso entre quem citou a categoria Companheiro ($Med = 7,00; n = 53$) e quem não citou ($Med = 6,80; n = 105$), $U = 2224,5; z = -2,06; p = 0,040; r = 0,16$; e entre quem citou a categoria Carinhoso ($Med = 7,0; n = 56$) e quem não citou ($Med = 6,60; n = 102$), $U = 2250,5; z = -2,21; p = 0,030; r = 0,18$.

Por fim, testaram-se diferenças entre homens e mulheres nos níveis de satisfação com o relacionamento amoroso. O teste U de Mann-Whitney não apontou diferença significativa nos níveis de satisfação entre homens ($Med = 6,90; n = 24$) e mulheres ($Med = 7,00; n = 134$), $U = 1411; z = -0,96; p = 0,34; r = 0,080$.

Discussão

Este estudo teve como principal objetivo identificar os conceitos associados a cargas afetivas positivas sobre relacionamento amoroso e sobre parceiros amorosos, a fim de caracterizar os esquemas sobre esses dois fenômenos. Para tanto, utilizaram-se respostas discursivas de pessoas casadas que descreviam seus próprios relacionamentos. As respostas geraram 766 unidades de análise referentes aos aspectos positivos do relacionamento, sendo que 91,8% desse total foram incluídas em 19 categorias temáticas; e 801 unidades de análise referentes aos aspectos positivos do parceiro amoroso, tal que 95,6% desse total foram agrupadas em 21 categorias.

Muitas das palavras e categorias mencionadas para caracterizar os aspectos positivos do relacionamento também foram utilizadas para caracterizar os

aspectos positivos do parceiro, por exemplo, companheirismo, companheiro; cuidado, cuidadoso; amizade, amigo; carinho, carinhoso. Os esquemas de relacionamento e parceiro amoroso mostraram-se semelhantes, tal que houve recorrência nas palavras e categorias utilizadas pelos participantes para caracterizar os dois fenômenos. Isso era esperado já que o esquema de relacionamento amoroso se dá através da vivência com o parceiro amoroso, portanto, esperava-se que ambos os esquemas (do relacionamento e do parceiro) fossem coerentes entre si, isto é, apresentando núcleos comuns entre eles (para uma revisão sobre cognição social, ver Greifeneder et al., 2018).

Os conceitos associados aos aspectos positivos do relacionamento e do parceiro relevados neste estudo estão em conformidade com os encontrados em estudos nacionais e internacionais. Em um estudo com indivíduos casados, utilizando diversas fontes de avaliação, Buss e Barnes (1986) encontraram que as 10 características mais valorizadas em um parceiro amoroso são: bom companheiro, atencioso, honesto, carinhoso, confiável, inteligente, amável, compreensivo, interessante para conversar, e leal. Ainda, em uma pesquisa exploratória qualitativa, mais da metade de todas as respostas dos participantes sobre preferência de parceiros referiam-se a cinco temas característicos: cuidado, agradável, consciencioso, confiança e inteligência (Boxer et al., 2015). Féres-Carneiro (1997) também observou que, para homens e mulheres heterossexuais, as qualidades mais valorizadas de parceiros amorosos são ser fiel, companheiro, íntegro, carinhoso e apaixonado. Essas mesmas características foram também encontradas no presente estudo, indicando que, de maneira geral, os indivíduos compartilham os esquemas de parceiro e de relacionamento, pelo menos aquela parte do esquema associada à valência positiva. Além disso, esse resultado parece

indicar que existe certo consenso de quais aspectos são positivos e valorizados em um relacionamento e um parceiro.

O conceito de companheirismo mostrou-se presente no esquema de relacionamento e parceiro amoroso para maioria dos participantes. De fato, esse foi um dos conceitos mais fortemente associados ao próprio relacionamento (as palavras “companheirismo” e “cumplicidade” obtiveram, respectivamente, 73 e 43 ocorrências no corpus textual; e a categoria Companheirismo foi citada por 70,9% dos participantes) e ao parceiro amoroso (a palavra “companheiro” obteve 23 ocorrências no corpus textual e a categoria Companheiro foi citada por 33,5% dos participantes). Além disso, amizade e amigo (palavras e categorias citadas pelos participantes para caracterizar aspectos do relacionamento e do parceiro, respectivamente) também estão intimamente associados ao companheirismo, já que companheirismo estimulante é uma das funções exercidas pela amizade (Souza, Ávila-Souza, & Gauer, 2016). Outras pesquisas também evidenciaram a importância do companheirismo em relacionamentos amorosos, seja na escolha de parceiros, seja em relacionamentos de longo prazo (e.g., Costa & Mosmann, 2015; Féres-Carneiro, 1997; Gonçalves et. al., 2018; Menkin, Robles, Wiley, & Gonzaga, 2015; Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017).

Companheirismo refere-se a comportamentos ligados a atividades prazerosas com outra pessoa sem um propósito específico (Sarason & Sarason, 2001) e pode ser visto como aspecto da comunicação da afetividade socialmente solidária. Segundo a teoria da troca afetiva (Floyd, 2016), a comunicação afetiva pode ser realizada através de três modos diferentes: afetividade verbal (e.g., comunicando afeto através da fala ou escrita), afetividade direta não verbal (e.g., através de gestos afetuosos, como beijar e abraçar) e afetividade socialmente

solidária (e.g., através de comportamentos que transmitem sentimentos afetivos, como o oferecimento de apoio e suporte). Também podem ser considerados aspectos da comunicação afetiva: ser cuidadoso, carinhoso, respeitoso, demonstrar afeto, e ter intimidade com o parceiro. A comunicação afetiva seria um dos principais comportamentos responsáveis para satisfação da necessidade de formar e manter relacionamentos pessoais próximos, possibilitando a criação da solidariedade e intimidade, e seria uma adaptação comportamental que teria contribuído para a sobrevivência e reprodução (Floyd, 2016).

Cuidadoso foi a categoria mais frequentemente citada pelos participantes para caracterizar aspectos positivos do parceiro. Ser cuidadoso é característica de quem é altruísta, empático, prestativo, atencioso, e está intimamente relacionada com o fator de personalidade Socialização (Natividade & Hutz, 2015). A tendência de cooperar, ajudar e cuidar do outro parece ser um dos principais critérios de seleção de parceiro para relacionamento de longo prazo, para homens e mulheres (Shackelford & Buss, 2000). Diversas pesquisas, consistentemente, evidenciam a preferência por parceiros com altos níveis de socialização ou que demonstram cuidado com o parceiro (e.g., Boxer et al., 2015; Huang, Hou, & Tseng, 2017; Shackelford & Buss, 2000; Souza, Conroy-Beam, et al., 2016; para uma revisão, ver Nettle & Clegg, 2008). Pessoas com altos níveis de socialização tendem a ser fiéis, leais e cooperativas com seus parceiros amorosos, dispostas a investir no próprio relacionamento, e a manterem relações harmoniosas com os demais (Nettle & Clegg, 2008). Portanto, indivíduos cuidadosos seriam mais propensos a formar aliança cooperativa com seus parceiros e, conseqüentemente, esse conceito está presente nos esquemas associados a afetos positivos.

Outros conceitos que compuseram os esquemas de relacionamento e parceiro amoroso foram aqueles relacionados ao investimento emocional do parceiro, tais como perceber que o parceiro é carinhoso e afetuoso. Investimento emocional é um importante mecanismo para manter o relacionamento de longo prazo, contribuindo para que o indivíduo que recebe o investimento se sinta amado e seguro (Ellis, 1998; Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). “Carinhoso” (para caracterizar aspectos positivos do parceiro) foi uma das palavras mais mencionadas no discurso dos participantes ($f = 32$). Já em relação aos aspectos positivos do relacionamento, Afeto foi a categoria citada por quase um terço dos participantes. Intimidade, que pode ser entendida como o processo de expressão de sentimentos e pensamentos pessoais a alguém e a responsividade desse último (Laurenceau, Barrett, & Pietromonaco, 2004), também caracteriza o investimento emocional do parceiro. Floyd et al. (2005) encontraram que ser afetuoso e receber afeto têm desfechos positivos para o indivíduo (e.g., relação negativa com depressão), e para o relacionamento interpessoal (e.g., relação positiva com satisfação com o relacionamento). No Brasil, estudos também apontam para a importância das trocas afetivas, afetividade, demonstração de afeto e o carinho nos relacionamentos amorosos (e.g., Braz, Dessen, & Silva, 2005; Costa & Mosmann, 2015; Féres-Carneiro, 1997; Silva et al., 2017).

Conceitos não diretamente associados ao relacionamento amoroso, que compuseram o esquema de parceiro amoroso, foram: ser batalhador, inteligente (categorias citadas por, respectivamente, 31,6% e 20,9% dos participantes quando perguntados sobre os aspectos positivos de seus parceiros), e ter bom-humor (uma das palavras mais utilizadas para caracterizar aspectos positivos do parceiro). Amplamente apontadas pela literatura, características associadas à capacidade de

angariar recursos e vontade de investir tais recursos no parceiro e na futura prole são consideradas importantes para avaliar potenciais parceiros amorosos (Buss & Schmitt, 2019). Buss e Schmitt relatam diversos estudos, de culturas diferentes, mostrando que homens e mulheres preferem parceiros dotados de ambição e operosidade, mesmo observando diferenças sexuais em relação a essas variáveis. Inteligência também seria uma capacidade com alto poder preditivo de renda e status ocupacional (Buss, 2012). De fato, pesquisas, com amostras brasileiras e de outros países, indicam que homens e mulheres consideram muito importante que seus parceiros sejam inteligentes (e.g., Boxer et al., 2015; Souza, Conroy-Beam, et al., 2016). Tal como a inteligência, humor seria outra importante variável utilizada para avaliar o potencial parceiro, tanto para homens quanto para mulheres (e.g., Boxer et al., 2015; ver também Hone, Hurwitz, & Lieberman, 2015; Medlin, Brown, & Sacco, 2018). Segundo Medlin et al., o humor promoveria a proximidade social e o fortalecimento dos laços entre o casal, além de ser um indicativo de inteligência do parceiro (Hone et al., 2015).

Características frequentemente apontadas como importantes na escolha amorosa, como confiança, estabilidade emocional, maturidade, gentileza, compreensão, fidelidade, e compartilhamento de valores, personalidade, comportamentos e crenças (Buss, 2012) também compuseram os esquemas de parceiro e relacionamento, quando associados a aspectos positivos. Por exemplo, foram frequentemente citadas pelos participantes as categorias Honestidade, Lealdade, Respeitoso, Bom coração, Tranquilo, Semelhança com o parceiro (para caracterizar aspectos positivos do parceiro), Confiança, Respeito, Afinidade, Harmonia, Estabilidade, Resolução de conflitos, Planos futuros (para caracterizar aspectos positivos do relacionamento). Essas características estariam relacionadas

à vontade de investir recursos no parceiro e na prole e, conseqüentemente, ao aumento da sobrevivência deles, à boa capacidade parental e à formação de aliança cooperativa (Buss, 2012). Regan, Levin, Sprecher, Christopher, & Cate (2000) afirmam que certos atributos de personalidade, tais como, honestidade, confiança e gentileza, são importantes para considerar parceiros potenciais para relacionamentos de longo prazo, pois essas características indicariam que indivíduos dotados dessas características são capazes de prover suporte emocional aos seus parceiros e à futura prole.

Os resultados deste estudo mostraram, ainda, que indivíduos que carregam em seus esquemas de relacionamento amoroso os conceitos de companheirismo, afeto, respeito e diálogo e em seus esquemas de parceiro amoroso conceitos de companheiro e carinhoso apresentaram um maior grau de satisfação com o relacionamento, comparados com aqueles que não carregam tais conceitos em seus esquemas. Logo, quem associou esses conceitos com o próprio relacionamento e parceiro amoroso apresentou maior nível de satisfação. Esses resultados sugerem que conceitos fortemente associados à valência positiva servem de base para a avaliação da satisfação com o relacionamento amoroso, sobretudo ao se considerar que a satisfação diz respeito a uma atitude e deriva de um julgamento avaliativo acerca do relacionamento com o parceiro amoroso. Ainda, pode-se supor que alguns conceitos sejam mais importantes do que outros para a avaliação da satisfação com o relacionamento. Assim, é possível supor que pessoas que carregam tais conceitos em seus esquemas tenderão a apresentar maiores níveis de satisfação com seus relacionamentos. Logo, seriam preditores de satisfação a percepção de companheirismo, respeito, afetividade e diálogo em seus relacionamentos. Outros estudos também encontraram essas variáveis como

preditoras da satisfação (e.g., Floyd et al., 2005; Gullede, Gullede, & Stahmann, 2003; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Shackelford & Buss, 2000).

Os resultados deste estudo também revelaram associações entre o gênero dos participantes e mencionar as palavras “companheiro”, “cumplicidade” (para caracterizar aspectos positivos do relacionamento), “carinhoso” e “bom” e citar a categoria Cuidadoso (para caracterizar aspectos positivos do parceiro); sendo as mulheres aquelas que mencionam proporcionalmente mais essas palavras e citam mais frequentemente essa categoria. Logo, os esquemas das mulheres sobre relacionamento e parceiro apresentam esses conceitos mais frequentemente que os dos homens. De acordo com a teoria das estratégias sexuais e da teoria do investimento parental (ver Buss & Schmitt, 2019), ao longo da evolução, as mulheres teriam desenvolvido preferência por parceiros que demonstram ser capazes e ter vontade de cuidar delas e de sua prole. Portanto, essas características seriam bons indicadores de comprometimento com o relacionamento e seriam consideradas positivas, desejadas e valorizadas pelas mulheres.

Nas demais categorias/palavras não foram observadas diferenças de gênero, apesar de muitos estudos apontarem consistentemente diferenças entre homens e mulheres nas preferências por parceiros (e.g., status social e atratividade, ver Buss & Schmitt, 2019). Regan et al. (2000) encontraram que, para relacionamentos de longo prazo, tanto homens quanto mulheres preferem parceiros atraentes socialmente e com alto grau de similaridade com eles, comparados com preferências de parceiros para relacionamentos de curto prazo. Féres-Carneiro (1997) também observou que homens e mulheres heterossexuais valorizam as mesmas qualidades em seus potenciais parceiros. No entanto, tais estudos

investigam preferências de parceiros. Tais preferências podem não refletir exatamente as características de um parceiro real. É importante ressaltar que a amostra deste estudo é composta por pessoas casadas/união consensual, e, portanto, o parceiro já foi escolhido. As características apontadas como positivas podem ser diferentes daquelas preferidas em um parceiro amoroso ideal. Isto é, uma vez escolhido o parceiro, e assumindo que seja pouco provável selecionar um parceiro com todas as características desejáveis, espera-se que a pessoa valorize e aponte como positivas aquelas características que, dentre as desejáveis, o parceiro possua, de acordo com dissonância pós-decisão (Festinger, 1957).

Finalmente, as interpretações dos resultados devem levar em conta as limitações deste estudo. Em relação ao método utilizado para acessar os esquemas, é possível que tenham ocorrido distorções (acarretadas, por exemplo, pela desejabilidade social) ou, ainda, que os esquemas de relacionamento e de parceiro tenham sido acessados somente de modo parcial. Enfim, a amostra não probabilística, o corte transversal, e amostra pequena de indivíduos do sexo masculino impossibilita fazer generalizações e inferências para a população brasileira.

Tabela 1

Categorias, Frequência de Participantes, Descrições e Exemplos de Palavras/Expressões Referentes aos Aspectos Positivos do Relacionamento

Categorias	f (%)	Descrição	Exemplos palavras/expressões
Companheirismo	70,9	Apreciar a companhia um do outro.	Cumplicidade; companheirismo.
Confiança	34,2	Sentir confiança e segurança no parceiro.	Lealdade; sinceridade; fidelidade.
Afeto	31,0	Trocas afetivas entre o casal.	O carinho; ternura; afeto; amor.
Respeito	28,5	Respeitar e ser respeitado.	Respeito; compreensão; empatia;
Cuidado	25,9	Se sentir cuidado pelo parceiro.	Apoio; atencioso; o cuidado entre nós.
Amizade	16,5	Relação baseada na amizade.	Amizade; somos muito amigos.
Afinidade	16,5	Perceber semelhanças com o parceiro.	Nós temos os mesmos pensamentos.
Bom humor	12,7	Bom humor, vivenciar afetos positivos.	Bom humor; alegria.
Harmonia	12,7	Tranquilidade na relação.	É um relacionamento tranquilo, calmo.
Estabilidade	12,0	Ter um relacionamento seguro e estável.	Segurança; estabilidade.
Planos futuros	10,8	Ter planos futuros compartilhados com o parceiro.	Planos comuns; vontade de fazermos muitas coisas juntos.
Diálogo	10,1	Compartilhar pensamentos pessoais.	Abertura ao diálogo; boa comunicação.
Admiração	8,9	Admiração e orgulho pelo/do parceiro.	Admiração mútua; quando percebo o quanto meu parceiro me valoriza.
Fazer família	8,2	Referência à família ou papéis familiares.	Nossos filhos; ter um pai parceiro para criar minha filha.
Sexo	8,2	Atração sexual, sexo.	Sexo bom; atração física.
Resolução de conflitos	6,3	Capacidade de resolver conflitos	Não dormimos brigados; abertura ao perdão.
Intimidade	5,7	Ter intimidade com o parceiro.	Intimidade; troca de intimidades.
Individualidade	3,2	Expressar-se conforme própria vontade.	Me sentir livre.
Nada	1,3	Afirmção de que o relacionamento não tem aspectos positivos.	Nada; nenhuma.

Nota. f = porcentagem de participantes que citou a categoria.

Tabela 2

Categorias, Frequência de Participantes, Descrições e Exemplos de Palavras/Expressões Referentes aos Aspectos Positivos do Parceiro

Categorias	f(%)	Descrição	Exemplos palavras/expressões
Cuidadoso	40,5	Cuidar e ajudar o parceiro.	Cuida muito bem de mim, prestativo, atencioso.
Carinhoso	35,4	Demonstrar carinho, afeto.	Amoroso; carinhoso.
Companheir	33,5	Faz ou ir na companhia do parceiro.	Companheiro; cúmplice.
Batalhador	31,6	Ser laborioso.	Batalhador; trabalhador.
Honestidade	25,9	Ser confiar, honesto.	Honestidade, confiável.
Bom Humor	24,1	Ser bem humorado.	Alegre, bom humor.
Lealdade	22,8	Compromisso em manter o relacionamento amoroso	O comprometimento com nossa relação; lealdade; fiel.
Inteligente	20,9	Característica de quem é inteligente.	Inteligente; muito esperto.
Respeitoso	19,6	Ter consideração com o outro.	Respeitoso; compreensivo.
Bom coração	19,0	Ser generoso, benevolente.	Gentil; generoso; bondoso.
Tranquilo	13,9	Ter calma, serenidade, paciência.	Paciente; tranquilo; serenidade.
Amigo	12,7	Ser amigo, ter laço de amizade.	Amigo, amizade.
Família	12,7	Referência à família e a papéis familiares.	Uma mãe maravilhosa; boa referência paterna.
Aspectos físicos	7,0	Qualidade física do indivíduo.	Beleza física; bonito; bunda.
Otimismo	7,0	Disposição para ver o lado positivo das coisas.	Otimismo; pensamento positivo.
Sexo	6,3	Referência ao sexo ou à sexualidade.	Sexo; me atrai sexualmente.
Semelhança dos parceiros	5,7	Percepção de características comuns entre o casal.	Pensamentos alinhados; pensamos muitas coisas em comum.
Extrovertido	2,5	Manifestação de traços de extroversão.	Sociável, extrovertido.
Juventude	2,5	Característica de quem é jovem.	Juventude; jovialidade nas ideias.
Caseiro	1,9	Gostar muito de ficar em casa.	Caseiro.
Tudo	1,3	Afirmação de que todos os aspectos do cônjuge são positivos.	Tudo; não sei dizer, mas basicamente tudo.

Nota. f = porcentagem de participantes que citou a categoria.

Capítulo 3

Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso

Resumo

Esta pesquisa teve o objetivo de adaptar para o contexto brasileiro uma escala mundialmente utilizada para avaliar satisfação com o relacionamento amoroso, por meio de dois estudos. No primeiro estudo, buscaram-se evidências de validade baseadas na estrutura unifatorial do instrumento e analisaram-se as propriedades dos itens de acordo com a teoria de resposta ao item. No segundo estudo, propôs-se uma versão revisada da escala, incluindo-se novos itens com parâmetros mais elevados de dificuldade. Análises fatoriais exploratórias e confirmatórias indicaram uma estrutura unifatorial também para o instrumento revisado. Ainda, encontraram-se relações, conforme esperado teoricamente, entre satisfação com o relacionamento e outras variáveis. Verificaram-se correlações positivas com outra medida de satisfação com o relacionamento e com amor romântico. Ambas as versões do instrumento apresentam satisfatórias evidências de validade e adequados índices de precisão, contudo, a versão revisada mostrou-se mais informativa, cobrindo uma maior porção do traço latente, comparada à versão original.

Palavras-chave: satisfação com o relacionamento amoroso; adaptação de escala; amor

Abstract

This research aimed to adapt to the Brazilian context a worldwide scale used to evaluate romantic relationship satisfaction, through two studies. In the first study, we sought evidence of validity based on the unifactorial structure of the instrument and analyzed the properties of the items according to the item response theory. In the second study, a revised version of the scale was proposed, including new items with higher difficulty parameters. Exploratory and confirmatory factor analyzes indicated a one-factor structure also for the revised instrument. Still, relationships were found, as expected theoretically, between relationship satisfaction and other variables. Positive correlations were found with another measure of relationship satisfaction and romantic love. Both versions of the instrument provide satisfactory evidence of validity and adequate accuracy, however, the revised version was more informative, covering a larger portion of the latent trait compared to the original version.

Keywords: relationship satisfaction; cross cultural test adaptation; love

Satisfação com o relacionamento é um dos principais temas estudados na área de relacionamentos amorosos e de família e casais. A satisfação com o relacionamento tem impacto em diversos desfechos positivos, por exemplo, na persistência e manutenção da relação amorosa (e.g., Rusbult, Agnew, & Arriaga, 2011; Weiser & Weiser, 2016), na satisfação sexual com o parceiro (e.g., McNulty, Wenner, & Fisher, 2016), na saúde e bem-estar (e.g., Hollist et al., 2016; Londero-Santos, Pereira Neto, & Natividade, 2017; Scorsolini-Comin & Santos, 2011; para uma revisão, ver Proulx, Helms, & Buehler, 2007). Apesar da relevância desse tema, poucos instrumentos para avaliar a satisfação com o relacionamento amoroso apresentam satisfatórias evidências de validade e fidedignidade para população brasileira. Esta pesquisa teve o objetivo de adaptar para o contexto brasileiro uma escala mundialmente utilizada para avaliar a satisfação com o relacionamento amoroso e buscar evidências de validade e precisão.

Diversas definições de satisfação com o relacionamento amoroso foram propostas na literatura científica. Muitas dessas consideram a satisfação como um balanço entre aspectos positivos e negativos da relação amorosa (e.g., Shackelford & Buss, 1997; Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani, & Natividade, 2004). Para Rusbult (1980), o julgamento sobre a satisfação com o relacionamento depende da comparação de benefícios e recompensas ligadas ao relacionamento com as expectativas sobre o relacionamento. A satisfação também pode ser considerada uma atitude frente ao relacionamento com o parceiro amoroso (Dela Coleta, 1989; Londero-Santos, Natividade, & Féres-Carneiro, 2018). Assim, ela refere-se a uma associação entre o conceito ‘relacionamento’ e a ‘avaliação sobre esse conceito’

(para uma revisão sobre atitude e esquema social, ver Briñol, Petty, & Guyer, 2019; Greenwald et al., 2002; Greifeneder, Bless, & Fiedler, 2018).

Os instrumentos que visam a mensurar a satisfação com o relacionamento podem ser classificados, entre outras coisas, como unidimensionais ou multidimensionais. Dentre as escalas multidimensionais com evidências de validade para o Brasil podem-se citar a Escala de Satisfação Conjugal (ESC, adaptada para o contexto brasileiro por Dela Coleta, 1989; e revisada por Hernandez et al., 2017) e a escala de satisfação com o relacionamento de casal (Wachelke et al., 2004). Quanto aos instrumentos unidimensionais com evidências de validade para o Brasil, tem-se conhecimento apenas da Relationship Assessment Scale (RelAS, adaptada para o contexto brasileiro por Cassepp-Borges & Pasquali, 2011 e por Hernandez, 2014).

Além desses três instrumentos, existem outros com evidências de validade para o Brasil que medem construtos associados à satisfação com relacionamentos amorosos. Por exemplo, a subescala de satisfação diádica da Escala de Ajustamento Diádico (DAS, adaptada para o Brasil por Hernandez, 2008), a subescala de vínculo emocional da escala de Amor do Marriage and Relationships Questionnaire (adaptada para o Brasil por França, Natividade, & Lopes, 2016), a Escala de Avaliação da Qualidade em Relacionamentos Românticos (AQUARELA-R, De Andrade, & Garcia, 2012). Ainda, há instrumentos que foram traduzidos ou construídos ad-hoc e utilizados no Brasil para aferir satisfação com o relacionamento (e.g., De Andrade, Oliveira, & Hatfiel, 2017; Hollist et al., 2016; Miranda, 1987), no entanto, desconhecem-se estudos que apresentem suas evidências de validade e precisão.

Essa diversidade de instrumentos, cada qual com fundamentação teórica diferente, traz dificuldade para comparar achados empíricos. Scorsolini-Comim e Santos (2011), por exemplo, investigaram a relação entre a subescala Satisfação Diádica da DAS e os subfatores da Escala de Satisfação Conjugal e encontraram correlações entre 0,28 a 0,31. Esses resultados demonstram que a quantidade de variância compartilhada entre essas escalas é pequena. Isso sugere que essas medidas, embora sejam usadas para acessar a satisfação com o relacionamento, não medem o mesmo construto.

Além disso, ainda que as medidas multidimensionais sejam importantes, pois permitem acessar as dimensões que são potencialmente utilizadas para avaliar a satisfação geral com o relacionamento, essas medidas não representam adequadamente uma satisfação global com o relacionamento. Avaliar satisfação com o relacionamento por meio de aspectos específicos corresponde a avaliar atitudes frente a conceitos específicos (e.g., vida sexual; romantismo). Nesse sentido, ao partir de concepções prévias do que constitui a satisfação, esses instrumentos podem valorizar ou deixar de incluir aspectos que os indivíduos incluem nos seus esquemas de relacionamento positivo (ver Londero-Santos et al., 2018). Assim, inferir uma avaliação global sobre a satisfação com o relacionamento a partir de avaliações de domínios específicos pode levar a resultados imprecisos, já que o construto geral poderia incluir outros aspectos que não foram levadas em consideração pelas escalas específicas.

A Relationship Assessment Scale (RelAs, Cassepp-Borges & Pasquali, 2011; Hendrick et al., 1998; Hernandez, 2014) afere a satisfação global com o relacionamento. Trata-se da única escala unidimensional com evidências de validade e fidedignidade para população brasileira que se tem conhecimento. No

contexto internacional, outro instrumento muito utilizado para medir satisfação com o relacionamento é a Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso desenvolvida por Rusbult, Martz e Agnew (1998). Essa escala tem sido utilizada em diversos países (e.g., Suntornkanit & Varma, 2018; Tan, Arriaga, Agnew, 2018; Winking, Eastwick, Smith, & Koster, 2018). Uma versão dela para o Brasil incrementaria a comparabilidade dos resultados das pesquisas nacionais.

A Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (ENSRA) foi desenvolvida de acordo com o modelo de investimento do processo de comprometimento e é parte de uma bateria maior que avalia também qualidade de alternativas ao relacionamento, a quantidade de investimento no relacionamento e o nível de comprometimento com o relacionamento amoroso (Rusbult et al., 1998). Os itens da ENSRA são de dois tipos: cinco itens aparentes, que perguntam sobre exemplos concretos do relacionamento (e.g., “meu parceiro satisfaz minhas necessidades de intimidade...”), e cinco itens globais sobre aspectos gerais do relacionamento (e.g., “eu me sinto satisfeito com o nosso relacionamento”). As respostas aos itens aparentes não são usados para aferir o construto, eles são usados apenas aumentar a compreensão dos itens globais.

O modelo de investimento do processo de comprometimento pode ser considerado um dos modelos mais proeminentes e influentes no estudo do comprometimento com relacionamento amoroso. Amplamente utilizado no estudo dos relacionamentos amorosos, ele é também usado em pesquisas sobre outros tipos de relacionamentos, como, por exemplo, relacionamento entre amigos, com o trabalho e até mesmo com animais de estimação (e.g., Baker, Petit, & Brown, 2016; Eickholt & Goodboy, 2017; para uma metanálise ver Tran, Judge, & Kashima, 2019). Diante disso, e da ausência de instrumentos no Brasil para aferir

os componentes desse modelo, delineou-se esta pesquisa a fim de adaptar para o contexto brasileiro a Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento de Rusbult et al. (1998).

Estudo 1

Método

Participantes

Participaram do estudo 269 adultos que estavam em um relacionamento, sendo 214 mulheres (79,6%). A média de idade foi de 35,4 anos ($DP = 10,6$), mínimo de 19 e máximo de 84 anos. A maioria era heterossexual (90,7%), os demais eram homossexuais (4,46%) e bissexuais (4,83%). Quanto ao nível de escolaridade, 67,2% responderam estar frequentando ou ter concluído curso de pós-graduação; 28,7% responderam estar frequentando ou ter frequentado ensino superior; 4,10% frequentaram ensino médio ou ensino fundamental. A maior parte dos participantes residia nas regiões sudeste (69,5%) e sul (20,4%) do Brasil, os demais eram da região centro-oeste (4,46%), nordeste (4,09%), e de fora do Brasil (1,57%). No que diz respeito ao relacionamento amoroso, a maioria declarou viver junto com o parceiro (93,7%). O tempo médio de relacionamento foi de 9,24 anos ($DP = 9,35$). Pouco menos da metade dos participantes, 133 (49,4%), tinham filhos.

Instrumentos

Os dados foram levantados por meio de um questionário on-line, disponibilizado na internet, contendo questões sociodemográficas (e.g., gênero, orientação sexual, escolaridade, tempo de relacionamento) e a Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (ENSRA, Rusbult et al., 1998).

Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (ENSRA, Rusbult et al., 1998). Trata-se de uma escala adaptada para o Brasil neste estudo. O instrumento contém cinco itens em formato de afirmativas para serem respondidos numa escala de concordância de nove pontos, tal que 0 = Discordo completamente e 8 = Concordo completamente. Quanto maiores os escores, maior a satisfação com o relacionamento amoroso. Na versão original, a escala apresentou coeficiente alfa de 0,95.

Procedimentos

De tradução

Duas pessoas bilíngues (inglês-português), independentemente, traduziram a ENSRA do inglês para o português. Em seguida, uma terceira pessoa bilíngue, com experiência em adaptação de instrumentos psicológicos, comparou as versões traduzidas com o original em inglês e compilou as traduções em uma versão em português. Apresentou-se, então, a versão compilada a três pessoas para que julgassem a adequação da redação dos itens. A partir disso, fizeram-se pequenos ajustes de redação e elaborou-se a versão do instrumento para ser posta à prova empírica.

De coleta de dados

Os participantes foram recrutados por meio de convites por e-mail e em redes sociais na internet. Aqueles que aceitavam participar deviam clicar no link do endereço disponibilizado no convite e eram direcionados para o questionário. A pesquisa foi encaminhada a Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e obteve parecer favorável.

De análise de dados

Após exclusão de casos omissos, procederam-se análises dos dados com o software R. A fim de testar o ajuste dos dados ao modelo unidimensional proposto para o instrumento, realizou-se análise fatorial confirmatória para dados ordinais partindo-se da matriz de correlação policórica, utilizando-se o pacote Lavaan. A fim de decidir sobre o estimador para os índices de ajuste, primeiramente, verificou-se a normalidade multivariada dos dados por meio do teste de Mardia, utilizando o pacote semTools. Para estimar os parâmetros dos itens utilizou-se o Modelo de Resposta Gradual da Teoria de Resposta ao Item (Graded Response Model - GRM; Samejima, 1969) e o pacote mirt.

Resultados

O coeficiente de curtose multivariada estandardizado de Mardia indicou ausência de normalidade multivariada dos dados ($z = 33,1$; $p < 0,001$). O estimador empregado para a análise fatorial confirmatória foi o Diagonally Weighted Least Squares (DWLS), tendo em vista que esse estimador é adequado e frequentemente utilizado para analisar variáveis não normais e ordinais (Vecchione, Natali, & Fida, 2013). Os índices de ajuste dos dados ao modelo unifatorial foram os seguintes: $\chi^2 = 4,06$; $gl = 5$; $p = 0,54$; $\chi^2/gl = 0,81$, CFI = 1,00, TLI = 1,00, RMSEA < 0,01 (IC 90% = 0,00 – 0,08). O valor do coeficiente alfa de Cronbach da escala foi de 0,91 e o ômega de 0,90. Procedeu-se, então, a análise dos itens por meio do GRM. Os parâmetros de discriminação dos itens da escala variaram de 1,31 a 8,88; já os *thresholds* variaram de -3,04 a 1,09.

Discussão

Foi encontrada satisfatória evidência de validade baseada na estrutura da ENSRA, conforme os índices de ajustes da análise fatorial confirmatória. Os itens da ENSRA, de acordo com classificação de Baker (2001), apresentaram

parâmetros a muito altos ($a > 1,70$), com exceção do item 2, que apresentou nível moderado ($a = 1,31$). A análise dos *thresholds* dos itens indicou ausência de itens capazes de estimar adequadamente altos níveis do traço latente (alta satisfação com o relacionamento). Considera-se necessário, para uma estimação mais precisa dos níveis mais altos do traço latente, incluírem-se no instrumento itens com *thresholds* mais elevados. Diante disso, criaram-se quatro itens com o intuito de aumentar a precisão do teste nos níveis mais elevados de satisfação com o relacionamento, chegando, assim, a uma versão Beta da ENSRA. Foi realizado o Estudo 2 para verificar as propriedades psicométricas dessa versão.

Estudo 2

Método

Participantes

Participaram 1.498 pessoas provenientes das cinco regiões do Brasil, com média de idade de 33,4 ($DP = 9,71$), variando de 18 a 72 anos, 64,3% eram mulheres. A maioria dos participantes declarou-se heterossexual (85,8%), os demais, homossexuais (6,70%) e bissexuais (7,50%). Quanto à escolaridade, a maioria dos participantes frequentava ou havia realizado curso de pós-graduação (63,0%), particularmente, especialização (24,9%), mestrado (21,13%) e doutorado (16,8%). Os demais estavam cursando, ou haviam concluído, ensino superior (33,8%), ou tinham até ensino médio completo (3,30%). A maior parte dos participantes residia na região Sudeste (39,4%) e na região Sul (37,8%); na região Nordeste residia 11,6% dos participantes; na Centro-Oeste, 5,40%, na região Norte, 3,20%; os demais (2,70%) residiam fora do Brasil. Todos os participantes declararam estar envolvidos em relacionamento amoroso comprometido (e.g., namorando, noivo, casado, morando junto), a maioria (66,7%) estava vivendo

junto com seu parceiro. O tempo médio de relacionamento foi de 8,70 anos ($DP = 8,66$). A maioria dos participantes (67,6%) não tinham filhos.

Instrumentos

Utilizou-se um questionário on-line, disponibilizado na internet, contendo questões sociodemográficas (e.g., gênero, tempo de relacionamento) e as escalas descritas abaixo.

Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso – Beta (ENSRA-Beta). Com o objetivo de incluir itens com parâmetros b mais elevados, a escala ENSRA, descrita no Estudo 1, foi acrescida de quatro itens, a saber: item 6 = “Nosso relacionamento é perfeito”; item 7 = “Não mudaria nada em nosso relacionamento”; item 8 = “Nosso relacionamento tem aspectos negativos”; item 9 = “Acredito que estarei satisfeito com nosso relacionamento amoroso no futuro”.

Relationship Assessment Scale (RelAs; Cassepp-Borges & Pasquali, 2011). O instrumento, traduzido e adaptado para o Brasil do original (Hendrick, Dicke, & Hendrick, 1988), é uma medida unidimensional que afere níveis de satisfação no relacionamento. Ela é composta por sete itens respondidos em uma escala de intensidade de sete pontos, sendo que 1 representa baixa intensidade (e.g., “nada”) e 7, alta intensidade (e.g., “totalmente”). Exemplos de item: “O quanto você ama seu(sua) parceiro(a)?”. A versão brasileira do instrumento apresentou coeficiente alfa igual a 0,85 (Cassepp-Borgues & Pasquali).

Escala Tetrangular do Amor (ETA; Gouveia, Carvalho, Santos, & Almeida, 2013). ETA é uma versão modificada da Escala Triangular do Amor (Sternberg, 1997) por Yela (2006). Ela foi traduzida e adaptada para o Brasil por Gouveia et al. e afere o amor a partir de quatro componentes: paixão erótica, paixão romântica, intimidade, compromisso. Para responder aos itens, o

participante deve preencher mentalmente um espaço em branco com o nome do seu parceiro amoroso. Cada componente é composto por cinco itens, respondidos em uma escala Likert, variando de 1 (“Discordo totalmente”) a 5 (“Concordo totalmente”). Os coeficientes alfa variaram de 0,74 a 0,92.

Além disso, no questionário havia uma pergunta para investigar a intenção de terminar o relacionamento para ser respondida em uma escala de frequência de sete pontos, variando de 0 = Nunca a 6 = Todos os dias (“Com qual frequência você pensa em terminar o seu relacionamento amoroso?”). Enfim, junto aos itens da ENSRA-Beta, incluiu-se uma questão de controle em que se solicitava ao participante responder de uma maneira específica (“Essa é apenas uma pergunta de controle, por favor, marque o número quatro”). Esse item foi usado para excluir possíveis respostas falsas. O questionário foi configurado de modo a não permitir respostas omissas aos itens das escalas.

Procedimentos

De coleta de dados

Os procedimentos de coleta foram iguais ao do Estudo 1.

De análise de dados

Inicialmente, realizou-se uma limpeza dos dados, excluindo as respostas incorretas da questão controle. Tendo em vista a inclusão de quatro novos itens na versão Beta da escala, realizou-se uma análise fatorial exploratória (AFE) para investigar sua estrutura fatorial. Para tanto, a amostra foi dividida aleatoriamente em duas metades, uma para a análise fatorial exploratória (AFE, $n = 772$) e outra para análise fatorial confirmatória (AFC, $n = 726$). Para a AFE, foi utilizado o método Robust Diagonally Weighted Least Squares (RDWLS), a partir da matriz de correlação policórica, por meio do software Factor. A AFC e análise dos itens

foram realizadas conforme descritas no Estudo 1. Também foram computados os índices Average Variance Extracted (AVE) das escalas original e revisada, que se refere à quantidade de variância explicada pelo construto em relação à variância devido ao erro, por meio do pacote *semTools*. A fidedignidade dos instrumentos foi verificada por meio do coeficiente alfa de Cronbach e Ômega de McDonald, com o pacote *semTools*. O escore do participante na escala ENSRA-R foi computado de duas maneiras diferentes: por meio da teoria clássica dos testes (TCT) e da teoria de resposta ao item (TRI). Na TCT, o escore a partir do cálculo da média das respostas nos itens; na TRI, o escore se refere aos valores de traço latente dos indivíduos, utilizando método de estimação *expected a-posteriori*, pacote *mirt*. Foram, então, realizadas correlações de Pearson entre as variáveis do estudo. Enfim, foram realizadas ANOVAs para investigar diferenças sexuais e de orientação sexual nos níveis de satisfação com o relacionamento amoroso.

Resultados

Conduziu-se a AFE com os nove itens da ENSRA-Beta com aproximadamente 50% da amostra, selecionada aleatoriamente ($n = 772$). Constatou-se adequação dos dados à análise, $KMO = 0,93$; teste de esfericidade de Barlett, $\chi^2 (36, N = 772) = 5296,5; p < 0,001$. A análise de dimensionalidade pelo método Hull Comparative Fit Index (Lorenzo-Seva, Timmerman, Kiers, 2011) sugeriu a solução unidimensional. O fator explicou 68,3% da variância dos itens. As cargas fatoriais variaram entre 0,65 a 0,94, exceto para o item 8 (item invertido) que apresentou carga fatorial igual a -0,48. As comunalidades dos itens variaram de 0,42 a 0,88, com exceção do item 8, que apresentou comunalidade igual a 0,23.

Diante desse resultado, retirou-se o item 8, pois apresentava carga fatorial menor que 0,50, e procedeu-se à análise dos parâmetros dos oito itens restantes, pelo modelo GRM, com o total da amostra. Avaliaram-se os parâmetros a e $thresholds$ e optou-se por excluir mais três itens, obtendo-se, assim, a versão revisada da ENSRA (ENSRA-R) com cinco itens. A exclusão dos itens 2 (parâmetro $a = 1,36$; $thresholds$ variando de -2,47 a 1,27), 5 (parâmetro $a = 3,78$; $thresholds$ variando de -2,38 a 0,40) e 9 (parâmetro $a = 2,34$; $thresholds$ variando de -2,35 a 0,49) ocorreu, pois, esses itens apresentavam amplitude de $thresholds$ semelhantes a outros e menores parâmetros a comparados a outros itens. Na Tabela 1 encontram-se os parâmetros dos itens das escalas ENSRA e ENSRA-R.

Ainda, testou-se a adequação estrutural do instrumento original (ENSRA, Rusbult et al., 1998) e revisado (ENSRA-R) de maneira confirmatória, com a segunda metade da amostra ($n = 726$). Dado que ambas as versões da escala não seguiam uma distribuição normal multivariada, conforme teste de curtose multivariada de Mardia (ENSRA: $k = 31,7$; $p < 0,001$. ENSRA-R: $k = 18,83$; $p < 0,001$), o estimador utilizado foi o DWLS.

INSERIR TABELA 1

No que diz respeito ao instrumento original e revisado, observam-se adequados índices de ajustes, indicando que aos dados se ajustam ao modelo unidimensional. Na Tabela 2, encontram-se as cargas fatoriais da ENSRA e ENSRA-R. O AVE da escala original foi igual a 0,67 e da escala revisada, 0,66. Para a ENSRA, os valores dos coeficientes alfa e ômega foram de 0,91. Para ENSRA-R o valor do coeficiente alfa foi de 0,91 e o ômega de 0,90. A Figura 1 apresenta a Curva de Informação do Teste ENSRA e do ENSRA-R.

A fim de obter outras evidências de validade para o instrumento, testaram-se correlações entre diferentes estimações de satisfação com o relacionamento (por meio da ENSRA, ENSRA-R, ENSRA-R-Theta e RelAs), componentes do amor compromisso, intimidade, paixão romântica e paixão erótica (por meio da escala ETA), e questão critério sobre intenção de terminar o relacionamento amoroso. A Tabela 3 mostra os coeficientes de correlação de Pearson entre essas variáveis.

INSERIR TABELA 2

INSERIR TABELA 3

Enfim, foram conduzidas duas ANOVAs para investigar efeito do sexo e orientação sexual nas médias de ENSRA e ENSRA-R. A interação entre sexo e orientação sexual não foi significativa, ENSRA: $F(2,1492) = 1,24$; $p = 0,24$; ENSRA-R: $F(2,1492) = 1,11$; $p = 0,33$. Não houve efeito direto significativo nem de sexo, ENSRA: $F(1, 1492) = 0,015$; $p = 0,90$; ENSRA-R: $F(1, 1492) = 0,271$; $p = 0,60$, nem de orientação sexual, ENSRA: $F(1, 1492) = 1,81$; $p = 0,29$; ENSRA-R: $F(1, 1492) = 0,261$; $p = 0,77$.

Discussão geral

O objetivo desta pesquisa foi adaptar e buscar evidências de validade para a população brasileira do instrumento de autorrelato que mede satisfação com o relacionamento amoroso, proposto por Rusbult et al. (1998). Os resultados do primeiro estudo são consistentes com os estudos originais de Rusbult et al. (1998). A análise fatorial confirmatória indicou adequado o modelo unifatorial para explicar os dados provenientes da ENSRA. Os índices de ajuste (χ^2 , CFI, TLI, RMSEA) obtiveram valores dentro do indicado pela literatura (Ullman, 2013). A análise dos itens de acordo com a teoria de resposta ao item mostrou que os itens

são altamente ou moderadamente discriminativos, conforme proposto por Baker (2001). No entanto, nenhum item do instrumento original apresentou altos valores de parâmetro b , isto é, os itens do instrumento original não cobrem altos níveis do traço latente. Portanto, o segundo estudo propôs uma versão revisada do instrumento, ENSRA-R, incluindo itens com parâmetro b mais elevados.

A ENSRA-R apresentou satisfatórias evidências de validade. Os resultados da análise fatorial exploratória e confirmatória forneceram suporte empírico para um modelo unidimensional reflexivo de satisfação com o relacionamento amoroso. Os índices AVE da escala original e revisada indicaram evidências de validade convergente (Ingoglia, 2013). Os indicadores da ENSRA e ENSRA-R compartilharam, respectivamente, 67% e 66% de variância com o construto satisfação com o relacionamento. ENSRA e ENSRA-R mostraram forte correlação positiva com a escala RelAs (Cassepp-Borges & Pasquali, 2011), sugerindo que todas medem o mesmo construto.

Também se verificaram correlações entre satisfação com o relacionamento e os fatores da escala Tetragonal do Amor (compromisso, intimidade, paixão romântica e paixão erótica). Esse resultado seria esperado, já que pessoas satisfeitas com seus próprios relacionamentos tendem a se sentir conectadas (intimidade), atraídas sexualmente (paixão erótica) e apaixonadas (paixão romântica) pelos seus parceiros, e a se perceber comprometidas com o relacionamento (compromisso). De fato, os resultados desta pesquisa estão em conformidade com achados de pesquisas nacionais e de outros países (e.g., De Andrade, Wachelke, Howat-Rodrigues, 2015; Kochar & Sharma, 2015; Madey & Rodgers, 2009; Yela, 2006). Ao mesmo tempo também se esperavam correlações entre satisfação com o relacionamento e a pergunta sobre frequência de pensar em

terminar o relacionamento, tal como encontrado em diversos estudos (e.g., Baker, McNulty, & VanderDrift, 2017; Choice & Lamke, 1999; Le, Dove, Agnew, Korn, & Mutso, 2010). Logo, quanto maior a satisfação com o relacionamento amoroso, menor a frequência de pensar em terminar o relacionamento. Isso seria esperado porque, segundo do modelo de investimento do processo de comprometimento (Rusbult, et al., 2011), a satisfação é um importante preditor do comprometimento, entendido como intenção em persistir no relacionamento. Em relação à fidedignidade, as escalas ENSRA e ENSRA-R apresentaram adequada consistência interna ($\omega = 0,91$ e $\omega = 0,90$, respectivamente; $\alpha = 0,91$, em ambas as escalas), segundo Pedrabissi e Santinello (1997).

Análises dos itens, por meio do Modelo de Resposta Gradual da TRI (Samejima, 1969), indicou que os itens da ENSRA-R apresentam parâmetros a muito alto (variando de 2,02 a 5,37), conforme Baker (2001). Além disso, avaliando os parâmetros b e inspecionando a curva de informação dos itens da ENSRA-R, observa-se que houve uma ampla cobertura do traço latente satisfação com o relacionamento amoroso (variando de -2,51 a 2,33). Logo, pode-se concluir que os cinco itens da ENSRA-R conseguem distinguir eficazmente os indivíduos com diferentes níveis de traço latente. A versão revisada mostra-se mais vantajosa já que pode ser utilizada seja em população clínica (que tende a apresentar baixos níveis de satisfação) seja em população não clínica (que tende a apresentar elevados níveis de satisfação). Ainda, a estimação dos níveis de satisfação com o relacionamento, utilizando a ENSRA-R, se deu por meio da Teoria Clássica dos Testes e da Teoria de Resposta ao Itens. Pode-se observar que ambas as estimativas estão fortemente correlacionadas ($r = 0,96$), indicando que há um

compartilhamento de 92,2% de variância. Assim, é possível concluir que as duas estimações são equivalentes.

Não foi observado efeito de gênero e de orientação sexual na satisfação com o relacionamento. Indicando que a média dos níveis de satisfação com o relacionamento, em ambas as escalas, são similares entre homens e mulheres e entre heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Esses achados vão ao encontro de outros estudos que também não encontraram essas diferenças nos níveis de satisfação com o relacionamento (e.g., Baiocco, et al., 2015; Duffy & Rusbult, 1986; Kamp Dush & Amato, 2005; Jackson, Miller, Oka, & Henry, 2014; Rusbult, et al., 1998; Ubando, 2016).

As interpretações dos resultados devem considerar as limitações deste estudo. A amostra não probabilística limita inferências e generalizações para a população geral. Sugere-se, ainda, que sejam realizados estudos longitudinais, investigando a relação com outras variáveis e desfechos dos relacionamentos amorosos.

Tabela 1

Cargas Fatoriais e Parâmetros dos Itens da ENSRA e ENSRA-R

Item	λ	a	b_1	b_2	b_3	b_4	b_5	b_6	b_7	b_8
ENSRA										
1	0,93	5,42	-2,26	-1,95	-1,66	-1,39	-0,80	-0,56	-0,09	0,51
2	0,52	1,31	-2,53	-2,25	-1,92	-1,64	-0,33	-0,04	0,49	1,29
3	0,86	3,13	-1,98	-1,74	-1,44	-1,13	-0,47	-0,23	0,29	0,88
4	0,91	5,29	-2,53	-2,14	-1,86	-1,61	-0,98	-0,75	-0,30	0,19
5	0,86	3,91	-2,39	-2,00	-1,74	-1,47	-0,85	-0,59	-0,13	0,40
ENSRA-R										
1	0,87	5,37	-2,19	-1,89	-1,62	-1,36	-0,80	-0,57	-0,10	0,50
3	0,88	3,35	-1,91	-1,68	-1,40	-1,11	-0,47	-0,24	0,28	0,87
4	0,82	4,49	-2,51	-2,11	-1,84	-1,61	-1,00	-0,77	-0,33	0,17
6	0,73	2,02	-1,09	-0,90	-0,67	-0,46	0,28	0,50	1,08	2,33
7	0,80	2,42	-1,19	-0,97	-0,67	-0,41	0,23	0,44	0,92	1,83

Nota. Valores dos parâmetros a e b são estandardizados e foram estimados pelo modelo de Resposta Gradual; b_1 a b_8 = índice de localização ou *threshold*; a = parâmetro a ou slope; λ = carga fatorial estandardizada.

Tabela 2

Índices de Ajuste para os Modelos

	Modelos	
	ENSRA	ENSRA-R
χ^2	6,35	20,65
gl	5	5
p	0,27	0,001
χ^2/gl	1,27	4,13
GFI	0,998	0,996
AGFI	0,994	0,988
NFI	0,996	0,991
TLI	0,998	0,992
CFI	0,999	0,994
RMESA	0,019	0,066
IC 90% RMESA	0,000-0,058	0,038-0,096
SRMR	0,030	0,054

Nota. ENSRA = Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso; ENSRA-R = Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso Revisada; χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade; χ^2/gl = razão qui-quadrado por graus de liberdade; GFI = Goodness-of-Fit Index; AGFI = Adjusted Goodness-of Fit Index; NFI = Normed Fit Index; TLI = Tucker-Lewis Index; CFI = Comparative Fit Index; RMESA = Root Mean Square Error of Approximation; IC 90% RMESA = Intervalo de confiança de 90%; SRMR = Standardized root mean squared residual.

Tabela 3

Correlação de Pearson entre Variáveis, Média, Desvio-Padrão, Assimetria e Curtose

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. ENSRA	(0,91)							
2. ENSRA-R	0,93**	(0,91)						
3. ENSRA-R-Theta	0,92**	0,96**						
4. RelAs	0,90**	0,87**	0,87**	(0,91)				
5. Compromisso	0,73**	0,70**	0,68**	0,77**	(0,92)			
6. Intimidade	0,77**	0,76**	0,75**	0,79**	0,69**	(0,89)		
7. P. Romântica	0,67**	0,68**	0,67**	0,70**	0,68**	0,67**	(0,85)	
8. P. Erótica	0,42**	0,44**	0,44**	0,47**	0,45**	0,42**	0,67**	(0,90)
9. Freq termin. relac	-0,73**	-0,71**	-0,71**	-0,78**	-0,75**	-0,66**	-0,59**	-0,37**
<i>M</i>	5,70	4,98	0,00	5,50	4,37	4,11	3,71	3,77
<i>DP</i>	1,91	2,02	0,96	1,08	0,91	0,84	0,94	0,99
Assimetria	-0,93	-0,52	-0,12	-1,15	-1,70	-1,21	-0,76	-0,84
Curtose	0,20	-0,59	-0,14	1,26	2,32	1,21	0,02	0,14

Nota. ENSRA = Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso; ENSRA-R = Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso Revisada; ENSRA-R-Theta = Traço latente estimado a partir da ENSRA-R; Compromisso = componente Compromisso da ETA (Escala Tetrangular do Amor); Intimidade = componente intimidade da ETA; P. Romântica = componente Paixão Romântica da ETA; P. Erótica = componente Paixão Erótica da ETA; Freq termin. relac = Frequência de pensar em terminar o relacionamento. Na diagonal principal, o coeficiente alfa de Cronbach.

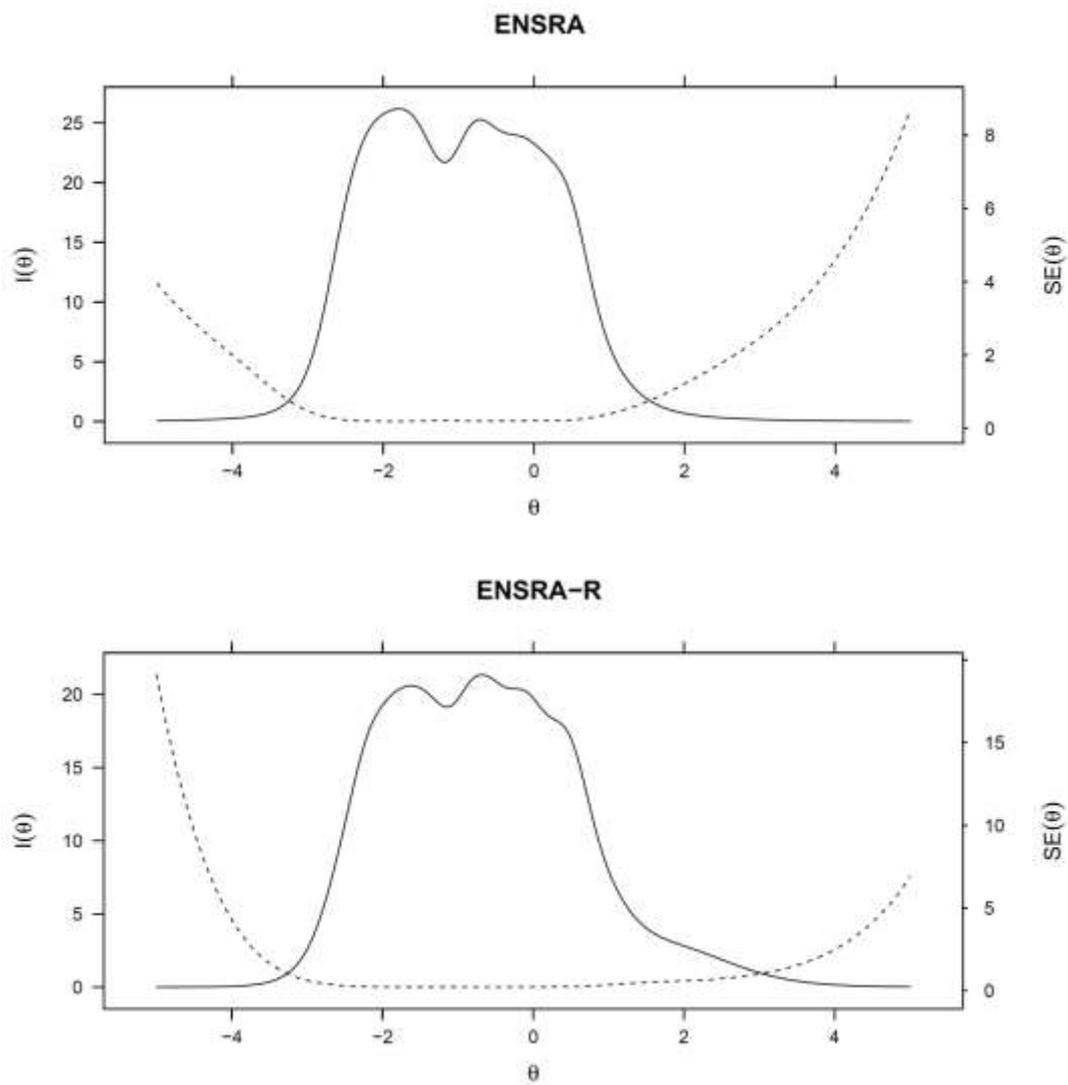


Figura 1. Curvas de informação dos testes ENSRA e ENSRA-R (linha contínua) e erro padrão (linha tracejada).

Capítulo 4

Apego e Satisfação com o Relacionamento Amoroso: o Papel Mediador da Percepção de Investimento do Parceiro

Resumo

A forma como o parceiro é percebido interfere na satisfação com o relacionamento amoroso. Ao mesmo tempo, os esquemas de apego do perceptor podem enviesar suas avaliações sobre o parceiro amoroso. Este estudo teve o objetivo de investigar o papel da percepção do investimento do parceiro como mediador da relação entre apego e satisfação com o relacionamento. Participaram 1.088 adultos de todas as regiões do Brasil, todos envolvidos em relacionamento amoroso monogâmico comprometido. Testaram-se as relações entre as variáveis do estudo por meio de modelagem de equações estruturais. Os resultados mostraram que a percepção de investimento do parceiro media completamente a relação entre ansiedade e evitação relacionada ao apego e à satisfação com o relacionamento amoroso. Os fatores de apego mediados pela percepção de investimento do parceiro explicaram 80,7% da variância da satisfação com o relacionamento amoroso. Os resultados revelam que quanto maiores os níveis de evitação e ansiedade relacionada ao apego menor a percepção de investimento do parceiro no relacionamento, e conseqüentemente, menor a satisfação com o relacionamento amoroso. Intervenções terapêuticas de casal podem atuar para reduzir o viés perceptivo, sobretudo, ao se ter conhecimento dos níveis de apego dos membros do casal.

Palavras-chaves: satisfação com o relacionamento amoroso, apego adulto, percepção de investimento do parceiro.

Abstract

The way the partner is perceived affects the relationship satisfaction. At the same time, the perceiver's attachment schemes can bias his assessments of the partner. This study aimed to investigate the role of the perception of partner's investment as a mediator of the relationship between attachment and relationship satisfaction. Participated in this study 1.088 adults from all regions of Brazil, all involved in a committed monogamous romantic relationship. The relationships between the variables in this study were tested using structural equations modeling. The results showed that the perception of partner's investment completely mediates the relationship between anxiety and avoidance attachment and romantic satisfaction. The attachment factors mediated by the perception of partner's investment explained 80.7% of the variance of romantic satisfaction. The results reveal that the higher the levels of avoidance and anxiety related to attachment, the lower the partner's perception of investment in the relationship, and consequently, the lower the satisfaction with the love relationship. Couple therapeutic interventions can act to reduce the perceptual bias, especially when knowing the attachment levels of the couple's members.

Keywords: romantic satisfaction, adult attachment, perception of partner's investment.

Perceber que o parceiro amoroso investe no relacionamento tem se mostrado um importante preditor de desfechos positivos nos relacionamentos amorosos, dentre esses, a satisfação com o relacionamento amoroso (e.g., Bell, Daly & Gonzales, 1987; Gadassi et al., 2016; Hendrick, Hendrick, & Adler, 1988; Reis & Gable, 2015; Stafford & Canary, 1991). Essa percepção deriva da interação entre aspectos objetivos (e.g., quanto o parceiro de fato investe no relacionamento) e aspectos subjetivos do perceptor (e.g., esquemas cognitivos do perceptor). Dentre os aspectos subjetivos do perceptor, o modelo de funcionamento interno do apego é um importante esquema cognitivo, amplamente estudado, que impacta no modo como a pessoa pensa, sente e se comporta nos relacionamentos ao longo de sua vida (Bowlby, 1969/2004; 1973/2004; 19780/2004). Diante disso, compreender as relações entre apego, percepção de investimento no relacionamento pelo parceiro e satisfação com o relacionamento deve contribuir para preencher uma importante lacuna na literatura científica.

Investimento do parceiro e satisfação no relacionamento

Entender como as pessoas permanecem satisfeitas em relacionamentos amorosos é um frequente objetivo de pesquisas desenvolvidas nas áreas de relacionamento amoroso e de casal e família (Glenn, 1990). Muitas pesquisas têm evidenciado que a satisfação é uma importante preditora da manutenção do relacionamento, isto é, geralmente, indivíduos satisfeitos permanecem em seus relacionamentos (e.g., Féres-Carneiro, 1998; Glenn, 1990; Karney & Bradbury, 1995; Rusbult, Agnew, & Arriaga, 2011). Os modelos preditivos da satisfação que têm sido propostos na literatura mostram que indivíduos ficam satisfeitos em seus relacionamentos, quando, por meio destes, conseguem satisfazer necessidades básicas, como, por exemplo, de afeição, de companheirismo (e.g., Rusbult, 1980).

Perceber que o parceiro investe no relacionamento pode ser um importante indicador de que ele esteja disposto a satisfazer tais necessidades do indivíduo.

Investimentos específicos são contribuições que o indivíduo traz para ou faz em um relacionamento amoroso e que influenciam o seu valor de troca no relacionamento (Ellis, 1998). Segundo Ellis, investimentos podem ser classificadas como ativos ou passivos. Investimentos ativos são aqueles investimentos que não são perdidos caso o relacionamento acabe (e.g., inteligência). Os investimentos passivos, por sua vez, são aqueles que uma vez aplicados no relacionamento não podem ser reinvestidos em outros relacionamentos. Investimento passivos podem ser tangíveis (e.g., dinheiro gasto em uma viagem a dois) ou simbólicos (e.g., ser carinhoso).

Investimentos específicos, segundo Ellis (1998), têm a função de garantir acesso aos recursos sociais, físicos e energéticos do receptor do investimento. Incluem, também, o esforço reprodutivo do receptor, bem como suas bases de recursos, tais como alianças políticas, redes de ajuda familiar, recursos econômicos e proteção física (Ellis). Enquanto o investimento específico tangível sinaliza ao receptor um investimento circunscrito naquele momento, o investimento simbólico sinaliza o comprometimento do emissor do investimento com o relacionamento por um período estendido, além disso, aumenta os níveis de confiança e segurança do receptor em relação ao emissor do investimento (Ellis). Ao confiar que o parceiro é responsivo e cuidadoso, o indivíduo engaja-se em estratégias cognitivas e comportamentais que promovem a intimidade com o parceiro e tende a apoiar os objetivos do parceiro, mesmo quando esses objetivos requerem sacrifícios pessoais (Cavallo, Murray, & Holmes, 2014).

O investimento passivo simbólico do parceiro envolve diferentes aspectos e tem sido estudado a partir de diferentes definições, por exemplo, comportamentos de manutenção relacional (Stafford & Canary, 1991), estratégias de manutenção-afinidade (Bell et al., 1987), responsividade do parceiro (Gadassi et al., 2016; ver Reis & Gable, 2015), suporte social (e.g., Cramer, 2006; Lawrence, Rothman, Cobb, Rothman, & Bradbury, 2008; Mak, Bond, Simpson & Rholes, 2010). A percepção de investimentos passivos simbólicos do parceiro no relacionamento tem se mostrado associada à satisfação do indivíduo no relacionamento (e.g., Bell, et al.; Gadassi et al., 2016; Hendrick, et al., 1988; Reis & Gable; Stafford & Canary).

Em um recente estudo com uma amostra brasileira, Londero-Santos, Natividade e Féres-Carneiro (submetido-a) encontraram que indivíduos que carregam em seus esquemas de relacionamento e de parceiro amoroso os conceitos de afetuosidade, respeito e diálogo apresentaram um maior nível de satisfação com o relacionamento amoroso, comparado com aqueles que não carregavam tais conceitos em seus esquemas. Esse resultado sugere que tais conceitos, aspectos do investimento passivo simbólico nos relacionamentos, são importantes preditores da satisfação com o relacionamento.

Apego e percepção de investimento do parceiro

O modelo de funcionamento interno do apego (em inglês, internal working models of attachment, Bowlby, 1969/2004; 1973/2004; 1980/2004; Bretherton & Munholland, 2016) é um importante esquema que se desenvolve já na primeira infância, frente aos cuidados da figura de apego. O estilo de apego que se desenvolve na infância se torna o modelo de esquema operante de como serão os relacionamentos com outros importantes, mantendo-se relativamente estável ao

longo da vida das pessoas (Hazan & Sharver, 1987). Ainda, assim como todos os outros esquemas cognitivos, ele auxilia na atribuição de significado a um evento e orienta as respostas emocionais e comportamentais frente a estímulos externos ou internos (Collins & Allard, 2001).

Existe um relativo consenso que apego adulto pode ser adequadamente representado por duas dimensões (Feeney, Noller, & Roberts, 1998). Essas dimensões refletem o nível em que um indivíduo se sente confortável com a proximidade em um relacionamento amoroso (dimensão evitação do apego) e o nível em que o indivíduo sente medo de ser abandonado, rejeitado ou não amado pelo parceiro amoroso (dimensão ansiedade do apego). Segundo Feeney et al. (1998), indivíduos com altos níveis de evitação acreditam que a figura de apego não é nem confiável, nem capaz de prover assistência quando necessário. Esses indivíduos, então, são relutantes para formar relacionamentos amorosos e negam a importância da figura de apego, desenvolvendo autossuficiência. Por outro lado, indivíduos com altos níveis de ansiedade acreditam que não são dignos de ser amados e não serão ajudados pela figura de apego em tempos de necessidade. Eles têm medo de ser abandonados e se tornam hipervigilantes, tornando-se, frequentemente possessivos (Feeney, et al., 1998). Enfim, pessoas com apego seguro, isto é, com baixos níveis nas dimensões ansiedade e evitação relacionada ao apego, percebem que são valorizadas e merecedoras de afeição pelo outro e percebem a figura de apego como responsivas, cuidadoras e confiáveis.

Considerando-se que o modelo de funcionamento interno do apego tem um papel importante na interpretação e ativação da memória de situações e eventos (Collins & Allard, 2001), indivíduos com níveis altos de evitação e ansiedade relacionada ao apego deveriam ter maior probabilidade de perceber e interpretar

negativamente os comportamentos de seus parceiros amorosos. O mecanismo pelo qual o apego impacta na percepção de investimento do parceiro parece ser o enviesamento cognitivo. De fato, estudos têm associado estilos de apego inseguro (níveis altos de evitação e ansiedade) a vieses na percepção do parceiro (e.g., Colling & Feeney, 2004; Collins, Ford, Guichard, & Allard, 2006; Overall, Fletcher, Simpson & Fillo, 2015; Florian, Mikulincer & Bucholtz, 1995; Frei & Shaver, 2002; Stackert & Bursik, 2003).

Por exemplo, Collins e Feeney (2004) realizaram um experimento em que manipularam suporte social provido pelo parceiro em uma situação estressante, por meio de mensagens escritas. Participantes com altos níveis de apego ansioso e evitativo, que receberam baixo suporte social do parceiro, perceberam as mensagens do parceiro de modo mais negativo comparados com participantes com apego seguro, diante da mesma situação. Stackert e Bursik (2003) encontraram que o estilo de apego está associado com crenças irracionais específica aos relacionamentos. Indivíduos com apego ansioso e com apego evitativo tiveram mais crenças irracionais do que indivíduos com apego seguro (Stackert & Bursik).

Apego e satisfação

O apego adulto tem se mostrado um importante preditor de satisfação com o relacionamento (e.g., Butzer & Campbell, 2008; Collins & Feeney, 2004; Feeney, Noller & Roberts, 1998; para revisões, ver Candel & Turliuc, 2019; Feeney, 2016; Mikulincer & Shaver, 2016). Em uma recente meta-análise, Candel e Turliuc (2019) encontraram que altos níveis de evitação e ansiedade relacionada ao apego estão associados a baixos níveis de satisfação com o relacionamento. Stackert e Bursik (2003) encontraram que indivíduos com apego seguro

apresentaram maiores níveis de satisfação com o relacionamento comparados com indivíduos com apego inseguro e apego evitativo.

No entanto, tem-se sugerido que o impacto do apego na satisfação com o relacionamento amoroso é mediado por outras variáveis. Kimmes, Durtschi, Clifford, Knapp e Fincham (2015), por exemplo, em uma pesquisa longitudinal, encontraram que atribuições pessimistas medeiam completamente a relação entre apego ansioso e satisfação com o relacionamento. Em outra pesquisa, Brassard, Lussier e Shaver (2009) mostraram que a relação entre os fatores de apego e a satisfação com o relacionamento são mediadas pela percepção de conflito no relacionamento. Mak et al. (2010), em uma pesquisa com participantes dos Estados Unidos e da China, encontraram que a relação entre os fatores de apego e satisfação com o relacionamento é parcialmente mediada pela percepção de suporte social do parceiro romântico.

Diante do exposto, hipotetiza-se que os fatores do apego (ansiedade e evitação) impactarão na satisfação com o relacionamento amoroso por meio da percepção do investimento do parceiro no relacionamento. Isto é, indivíduos caracterizados por altos níveis de ansiedade e/ou evitação relacionada ao apego tenderão a perceber mais negativamente seus parceiros, em específico, subestimarão o investimento passivo simbólico de seus parceiros amorosos. Essas percepções negativas, por sua vez, impactarão negativamente na formação da atitude frente ao parceiro, isto é, na satisfação com o relacionamento amoroso. Assim, delineou-se este estudo a fim de investigar o papel da percepção de investimento do parceiro como mediador da relação entre apego e satisfação com o relacionamento.

Método

Participantes

Participaram 1.088 adultos, com média de idade de 33,9 anos ($DP = 9,70$). A maioria dos participantes era mulher (64,8%). Todos os participantes declararam ser heterossexuais e estar envolvidos em relacionamento amoroso monogâmico. O tempo médio de relacionamento foi de 9,37 anos ($DP = 8,69$). A maioria dos participantes (70,9%) declarou viver em companhia com o parceiro. Um pouco menos de dois terços dos participantes (64,6%) não tinham filhos. A maior parte dos participantes residia nas regiões sul (39,0%) e sudeste (38,1%) do Brasil, os demais eram da região nordeste (11,9%), centro-oeste (6,20%), norte (1,80%) e de fora do Brasil (3,00%). Em relação à escolaridade, 65,0% declararam estar cursando ou ter cursado curso de pós-graduação, em específico, 24,9% especialização de nível superior, 21,7% mestrado e 18,4% doutorado. Os demais declararam ter ensino superior completo (19,0%), incompleto (14,2%), ou ter frequentado até o ensino médio (1,8%). A renda per capita mensal média dos participantes foi de R\$ 4.183,58 ($DP = 3.626,63$). Em relação à prática religiosa, 38,0% dos participantes declararam ser praticantes de sua religião, 29,0% não ser praticantes, e 33,0% declarou não ter religião.

Instrumentos

Os dados foram levantados por meio de um questionário on-line, disponibilizado na internet, contendo questões sociodemográficas (e.g., gênero, orientação sexual, escolaridade, estado civil, tempo de relacionamento). O questionário também continha escalas para medir as seguintes variáveis:

Satisfação com o relacionamento. Para isso utilizou-se a Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso Revisada (ENSRA-R, Londero-Santos, Natividade, & Féres-Carneiro, submetido-b). A ENSRA-R é uma versão

revisada da escala de Rusbult, Martz e Agnew (1998). O instrumento contém cinco itens em formato de afirmativas para serem respondidos numa escala de concordância de nove pontos, tal que 0 = Discordo completamente e 8 = Concordo completamente, quanto maiores os escores, maior a satisfação com o relacionamento amoroso. A escala é precedida por cinco itens de faceta, que fazem o participante pensar sobre exemplos concretos de seus relacionamentos. Apesar de não serem computados no escore do participante esses itens de faceta servem para aumentar a fidedignidade das respostas aos itens da escala. No estudo de Londero-Santos et al., a escala apresentou satisfatórias evidências de validade e coeficiente alfa igual a 0,91.

Percepção de investimento passivo simbólico do parceiro. Essa variável é composta por três fatores de primeira ordem: percepção de afetuosidade do parceiro frente ao indivíduo, percepção de respeito do parceiro pelo indivíduo, percepção de diálogo no relacionamento amoroso. Os itens foram construídos especificamente para este estudo, inspirados em Elis (1998), Londero-Santos, et al (submetido-a), e Reis, Crasta, Rogge, Maniaci e Carmichael (2006). Os itens referentes à percepção de afetuosidade foram: “Meu parceiro é carinhoso comigo”; “Meu parceiro demonstra o afeto que tem por mim”; “Meu parceiro é muito amoroso comigo”. Os itens referentes a percepção de respeito foram: “Meu parceiro me respeita”; “Meu parceiro me compreende”; “Meu parceiro respeita minhas opiniões, mesmo quando são diferentes das dele”. Enfim, os itens referentes a percepção de diálogo foram: “Eu e meu parceiro temos ótimas conversas”; “Existe muito diálogo no nosso relacionamento”; “Tudo no nosso relacionamento é dialogado”. Os itens deveriam ser respondidos em uma escala de 7 pontos, de 1 = Discordo completamente a 7 = Concordo completamente. O alfa

de Cronbach das subescalas percepção de respeito, de afetuosidade e de diálogo foram, respectivamente, iguais a 0,86, 0,95 e 0,91. A análise fatorial confirmatória que investigou o modelo hierárquico da percepção de investimento passivo simbólico (fator de segunda ordem) que explica as variáveis percepção de afetuosidade, percepção de respeito e percepção de diálogo (fatores de primeira ordem) apresentou adequados indicadores de ajustes, utilizando o estimador Maximum Likelihood Robusto: $\chi^2 = 93,1$; $gl = 24$; $p < 0,001$; CFI = 0,99; TLI = 0,98; RMSEA = 0,07; SRMR = 0,03.

Escala Reduzida Experience in Close Relationship (ECR-R-Brasil). A ECR-R-Brasil, proposta originalmente por Wei, Russell, Mallinckroft e Vogel (2007) e adaptada para o Brasil por Natividade e Shiramizu (2015), visa a mensurar o apego adulto, por meio de duas dimensões ortogonais: ansiedade relacionada ao apego e evitação relacionada ao apego. A escala adaptada contém 10 itens, cinco referentes a cada dimensão. Os itens são frases afirmativas e os participantes são solicitados a responder o quanto concordam com os itens, em uma escala de sete pontos. Quanto maiores os escores, maiores níveis de ansiedade e evitação relacionada ao apego. No estudo de Natividade e Shiramizu, a escala apresentou satisfatórias evidências de validade e coeficientes alfa de 0,73 para ambos os fatores.

O questionário teve versões para homens e mulheres, para que os termos, quando necessárias, fossem flexionadas de acordo com o gênero do participante e do sexo do parceiro, a fim de evitar vieses nas respostas (Natividade, Barros, & Hutz, 2012). Isso é importante porque, na língua portuguesa, alguns adjetivos são flexionados de acordo com o sexo e que podem influenciar as respostas de

homens e mulheres. Ainda, junto com os itens das escalas, havia questões de controle para verificar a fidelidade das respostas aos itens.

Procedimentos

De coleta de dados.

Os participantes foram recrutados por meio de convites por e-mail e em redes sociais na internet. Aqueles que aceitavam participar deviam clicar no link do endereço disponibilizado no convite e eram direcionados para o questionário. A pesquisa foi encaminhada a Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e obteve parecer favorável.

De análise de dados.

Foi realizada limpeza dos dados, excluindo as respostas incorretas da questão controle. Inicialmente foi inspecionado o gráfico de dispersão e posteriormente o coeficiente de correlação entre as variáveis. Para testar o efeito de mediação foram seguidos os passos propostos por Holmbeck (1997). Assim, testaram-se três modelos via equações estruturais, o primeiro modelo (Modelo 0) foi o de efeito direto de variáveis latentes preditoras (i.e., fator ansiedade e fator evitação do apego) sobre a variável latente critério (i.e., satisfação com o relacionamento amoroso). Caso esse modelo apresente adequação estrutural, segue-se com a testagem do próximo modelo. O segundo modelo (Modelo 1) testa a mediação parcial, inserindo-se a variável latente mediadora (i.e., percepção de investimento do parceiro). Nesse modelo estima-se o efeito das variáveis preditoras sobre a variável mediadora e variável critério, além do efeito da variável mediadora sobre a variável critério. A variável mediadora, a percepção de investimento do parceiro, por sua vez, é uma variável latente de segunda ordem, e explica as três variáveis de primeira ordem: percepção de afetuosidade, de

respeito, e de diálogo. O último modelo (Modelo 2) restringe a zero o efeito das variáveis preditoras sobre a variável critério. Utilizou-se o estimador Maximum Likelihood robusto, que utiliza a correção de Yung-Bentler (conforme sugerem Gana e Broc, 2019). Os efeitos de mediação foram estimados através do método *bootstrap (bias-corrected)* com 1000 simulações. Para encontrar o modelo mais adequado, compararam-se os índices de ajustes e qui-quadrados. Essas análises foram realizadas com o pacote lavaan versão 0.6-5 (Rosseel, 2012), no software R versão 3.6.1 (R Core Team, 2019).

Resultados

Foram investigadas as correlações entre as variáveis, dado que a inspeção dos gráficos de dispersão sugeriu que as variáveis são linearmente relacionadas. Na Tabela 1, encontram-se as correlações entre satisfação com o relacionamento amoroso, fatores evitação e ansiedade de apego, e os fatores percepção de afetuosidade do parceiro, de respeito do parceiro, e de diálogo no relacionamento, além das médias, desvios padrões e coeficientes alfa de Cronbach das escalas.

INSERIR TABELA 1

Procedeu-se à testagem do modelo de mediação. O Modelo 0 avaliou o efeito direto dos fatores ansiedade e evitação do apego sobre a satisfação com o relacionamento. Os caminhos do fator evitação e fator ansiedade para a satisfação com o relacionamento amoroso foram estatisticamente significativos ($\beta = -0,56$; $p < 0,001$ e $\beta = -0,31$; $p < 0,001$, respectivamente). Os fatores do apego explicaram 44,2% da variância da satisfação com o relacionamento. O Modelo 0 forneceu um adequado ajuste para os dados observados: $\chi^2 = 707,89$, $gl = 87$, $p < 0,001$; CFI = 0,92; TLI = 0,90; RMSEA = 0,08; IC 90% RMSEA = 0,07 – 0,09; SRMR = 0,08.

Dado que fator ansiedade e fator evitação predisseram a satisfação com o relacionamento amoroso, testaram-se os modelos de mediação parcial (Modelo 1) e completo (Modelo 2). No Modelo 1, os caminhos diretos dos fatores evitação e ansiedade para a satisfação com o relacionamento não foram significativos ($\beta_{\text{evitação}} = -0,02$; $p = 0,62$; $\beta_{\text{ansiedade}} = 0,03$; $p = 0,32$). Além disso, os fatores evitação e ansiedade do apego foram significativamente associados com a percepção de investimento do parceiro no relacionamento ($\beta_{\text{evitação}} = -0,60$; $p < 0,001$; $\beta_{\text{ansiedade}} = -0,37$; $p < 0,001$). A percepção de investimento do parceiro, por sua vez, foi preditora da satisfação com o relacionamento amoroso ($\beta = 0,90$; $p < 0,001$). O Modelo 1 explicou 80,8% da variância da satisfação com o relacionamento amoroso.

No Modelo 2, mediação completa, os fatores evitação e ansiedade do apego foram significativamente associadas com a percepção de investimento do parceiro ($\beta_{\text{evitação}} = -0,61$; $p < 0,001$; $\beta_{\text{ansiedade}} = -0,36$; $p < 0,001$). A percepção do investimento do parceiro foi preditora da satisfação com o relacionamento amoroso ($\beta = 0,90$; $p < 0,001$). O Modelo 2 explicou 80,7% da variância da satisfação com o relacionamento amoroso. Na Tabela 2 encontram-se os ajustes dos Modelos 1 e 2.

INSERIR TABELA 2

No Modelo 2, conforme apresentado na Figura 1, o efeito de mediação não estandardizado do fator evitação sobre a satisfação com o relacionamento amoroso foi significativo ($b = -1,36$; $SE = 0,13$; $p < 0,001$); intervalo de confiança de 95% $[-1,64; -1,14]$. O efeito de mediação não estandardizado do fator ansiedade sobre a satisfação com o relacionamento amoroso foi significativo ($b = -0,54$; $SE = 0,08$; $p < 0,001$); intervalo de confiança de 95% $[-0,71; -0,40]$.

INSERIR FIGURA 1

Para verificar o modelo mais adequado, foram comparados os ajustes dos Modelos 1 e 2 aos dados. O resultado indicou não há diferença significativa dos ajustes dos modelos: $\Delta\chi^2(2, N = 1051) = 1,7828; p = 0,41$. Assim, optou-se por reter o modelo mais parcimonioso, isto é, o Modelo 2.

Discussão

Este estudo teve o objetivo de investigar o papel do investimento passivo simbólico do parceiro como mediador da relação entre apego e satisfação com o relacionamento. A fim de verificar o papel de mediação, foram testados três modelos. Inicialmente, testou-se o efeito direto dos fatores de apego sobre a satisfação com o relacionamento amoroso. O impacto dos fatores ansiedade e evitação do apego foram significativos. Assim, procedeu-se à testagem dos modelos de mediação parcial e completa, introduzindo a variável mediadora percepção de investimento passivo simbólico do parceiro. Ambos os modelos apresentaram ajustes adequados, conforme sugere a literatura (Tabachnick & Fidell, 2013). Dado que não houve diferença entre os ajustes dos dois modelos, reteve-se o modelo mais parcimonioso, o de mediação completa. Os resultados evidenciam que percepção de investimento do parceiro medeia completamente a relação entre ansiedade e evitação relacionada ao apego e satisfação com o relacionamento amoroso.

Os fatores de apego mediados pela percepção de investimento passivo simbólico explicaram 80,7% da variância da satisfação com o relacionamento. Esses resultados estão em conformidade com outros estudos que encontraram que o apego impacta na satisfação com o relacionamento amoroso por meio de variáveis que estão ligadas ao modo como o indivíduo percebe o seu parceiro e

seu relacionamento (e.g., Brassard, et al., 2009; Kimmes, et al., 2015; Mak, et al., 2010; para uma revisão, ver Mikulincer & Shaver, 2016).

O esquema cognitivo relacionado ao apego auxiliária, assim, na atribuição de significado de comportamentos do parceiro e de eventos ocorridos no relacionamento (ver Cassidy & Shaver, 2016; Mikulincer & Shaver, 2016). Os indivíduos com altos níveis nos fatores ansiedade e evitação do apego seriam mais propensos a interpretar comportamentos dos seus parceiros de modo mais negativo, percebendo que seus parceiros investem pouco no relacionamento (i.e., percebem que seus parceiros são menos afetuosos e respeitosos, e menos dispostos a manter diálogo no relacionamento). Apesar de ambos os fatores de apego estarem associados a vieses perceptivos de seus parceiros, o mecanismo no qual eles impactam sobre a percepção de investimento do parceiro pode ser diferente, como sugerem Mikulincer e Shaver (2016).

Indivíduos com altos níveis de ansiedade relacionada ao apego, por temerem ser subestimados ou abandonados por seus parceiros românticos, são hipervigilantes quanto aos sinais de que seus parceiros possam estar se afastando deles (Mikulincer & Shaver, 2016). Isto é, eles são mais atentos a possíveis sinalizações de que seus parceiros possam abandoná-los. Diante de comportamentos ambíguos ou que possam sinalizar baixo investimento no relacionamento interpretam mais negativamente tais comportamentos (e.g., Collins & Feeney, 2004). Além disso, eles esperam que seus parceiros invistam mais intensamente em seus relacionamentos amorosos. Essa alta expectativa de investimento contribui para que os indivíduos percebam que seus parceiros investem pouco no relacionamento, quando tais expectativas não são alcançadas. De fato, Hudson e Fraley (2016) observaram que quanto maiores níveis de

ansiedade relacionado ao apego, mais os indivíduos exigem dedicação de tempo, afeto e autorrevelação (self-disclosure) para que sintam que têm um relacionamento próximo com seus parceiros. Ainda, diante das mesmas vinhetas descrevendo relacionamentos, quanto maior a ansiedade relacionada ao apego, menor a percepção de proximidade em tais relacionamentos (Hudson & Fraley). Assim, quanto mais ansiedade relacionada ao apego, mais os indivíduos desejam investimento por parte de seus parceiros e menos percebem que seus parceiros de fato investem.

Em relação a indivíduos com altos níveis de evitação relacionada ao apego, esses indivíduos acreditam que não podem confiar em seus parceiros, evitando assim dependência e suprimindo suas necessidades de apego. Eles mantêm conceitos e crenças negativas frente à figura de apego (Mikulincer & Shaver, 2016). Mikulincer e Shaver sugerem que esses indivíduos se utilizam de estratégias de deativação do mecanismo de apego que predispõem a visões negativas dos outros e essas visões são preservadas mesmo diante de evidências que as neguem. De fato, Overall, Fletcher, Simpson e Fillo (2015) relatam que indivíduos com altos níveis de evitação relacionada ao apego superestimam a intensidade de emoções negativas que seus parceiros sentem.

Apesar deste estudo sugerir que pessoas com níveis altos nos fatores ansiedade e evitação em relação ao apego percebem mais negativamente o investimento de seus parceiros, é possível que o que aconteça é que os parceiros de pessoas com apego inseguro invistam menos em seus relacionamentos. Nesse sentido, Overall et al. (2015) encontraram que quando indivíduos com altos níveis de evitação relacionado ao apego percebem emoções negativas por parte de seus parceiros, eles se comportam de maneira hostil e agem de maneira mais defensiva

frente aos parceiros. Diante de tais comportamentos seus parceiros podem, de fato, diminuir o investimento em seus relacionamentos. Sugere-se, assim, que sejam realizados estudos que investiguem o investimento real do parceiro.

A percepção de investimento do parceiro, por sua vez, impacta positivamente na atitude frente ao parceiro e ao relacionamento, isto é, na satisfação com o próprio relacionamento ($\beta = 0.90$). Assim, quanto mais os indivíduos percebem que seus parceiros investem no relacionamento, compreendido pela percepção de que seus parceiros são afetuosos, respeitosos consigo e mantêm diálogo em seus relacionamentos amorosos, mais satisfeitos eles relatam estar em seus relacionamentos amorosos.

Algumas limitações deste estudo merecem destaque. Primeiramente, o emprego de corte transversal de coleta de dados não permite tecer conclusões acerca da causalidade entre as variáveis. É possível, por exemplo, que satisfação com o relacionamento amoroso impacte na percepção de investimento do parceiro. Assim, sugere-se que estudos longitudinais sejam realizados. Outra limitação deve-se ao fato da utilização de instrumentos de autorrelato. Pesquisas futuras podem acessar as variáveis através de outros métodos de mensuração ou integrando diferentes métodos. Ainda, a percepção de investimento do parceiro foi avaliada por meio de três aspectos: percepção de afetuosidade, percepção de respeito e percepção de presença de diálogo. Sugere-se que se avaliem outros aspectos do investimento do parceiro, como, por exemplo, a percepção de validação por parte do parceiro.

Apesar dessas limitações, fica evidente que a percepção de investimento do parceiro no relacionamento tem um papel-chave na mediação entre apego e satisfação no relacionamento amoroso. Esses resultados podem trazer subsídios

para a prática clínica, sugerindo que para melhorar a qualidade dos relacionamentos amorosos é importante realizar intervenções com os objetivos de modificar esquemas mal-adaptativos relacionados ao apego e de reduzir vieses perceptivos. Além disso, é importante que os casais sejam treinados para sinalizarem mais eficazmente ao outro o próprio investimento no relacionamento, a fim de que o indivíduo perceba que seu parceiro investe de maneira mais efetiva no relacionamento.

Tabela 1

Correlações entre Variáveis, Coeficientes alfa de Cronbach, Médias e Desvios-Padrões

	<i>N</i>	1	2	3	4	5	6
1. Satisfação com o relacionamento	1088	(0,91)					
2. Apego – fator ansiedade	1051	-0,29*	(0,70)				
3. Apego – fator evitação	1051	-0,46*	0,10*	(0,70)			
4. Percepção de afetuosidade do parceiro	1088	0,64*	-0,34*	-0,39*	(0,95)		
5. Percepção de respeito do parceiro	1088	0,70*	-0,29*	-0,47*	0,70*	(0,85)	
6. Percepção de diálogo do parceiro	1088	0,70*	-0,27*	-0,49*	0,66*	0,72*	(0,91)
	<i>M</i>	5,24	3,66	2,03	5,89	5,78	5,65
	<i>DP</i>	1,91	1,31	0,97	1,36	1,26	1,43

Nota. Na diagonal principal, entre parênteses, coeficientes alfa de Cronbach dos instrumentos.

* $p < 0,001$.

Tabela 2
Índices de Ajuste dos Modelos Testados

	χ^2	gl	p	χ^2 /gl	CFI	TLI	RMSEA	IC 90% RMSEA	SRMR	AIC
Modelo 1	1007,0	243	<0,001	4,14	0,945	0,938	0,061	0,057 – 0,065	0,071	80608,3
Modelo 2	1008,5	245	<0,001	4,12	0,945	0,938	0,061	0,057 – 0,065	0,071	80606,7

Nota. Modelo 1 = Modelo de mediação parcial. Modelo 2 = Modelo de mediação completo. $N = 1051$.

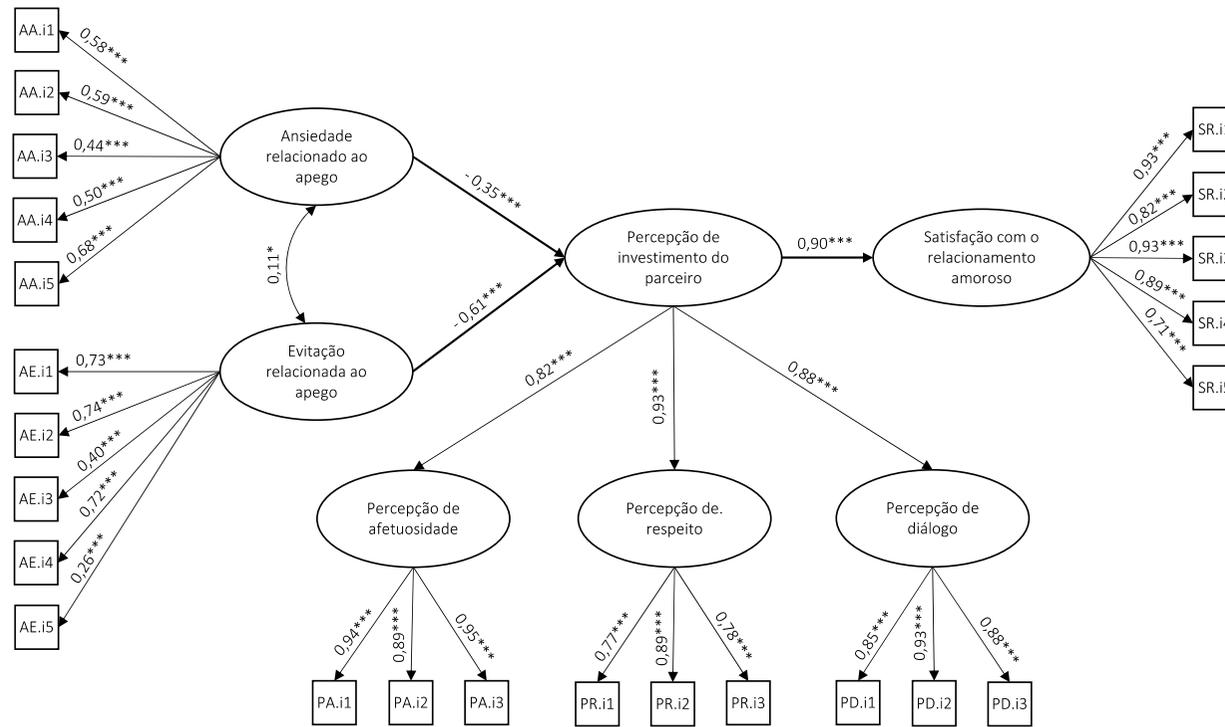


Figura 1.

Modelo de mediação completa (N = 1051). AA.i1 – AA.i5 = itens referentes à dimensão Ansiedade relacionada ao apego da Escala Reduzida Experience in Close Relationship (ECR-R-Brasil). AE.i1 – AE.i5 = itens do fator Evitação relacionada ao apego da ECR-R-Brasil. PA.i1 – PA.i3 = itens referentes à Percepção da afetuosidade; PR.1 – PR.i3 = itens referentes à Percepção de respeito. PD.i1 – PD.i3 = itens referentes à Percepção de diálogo. SR.i1 – SR.i5 = itens da Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso Revisada. Parâmetros estandardizados, estimados pelo método Maximum Likelihood robusto.

Capítulo 5

Relacionamentos amorosos promovem felicidade?

Características do relacionamento amoroso como preditoras do Bem-Estar Subjetivo

Resumo

Esta pesquisa teve o objetivo de investigar o poder preditivo de aspectos do relacionamento amoroso sobre o bem-estar subjetivo, para além do que é explicado por variáveis sociodemográficas e de personalidade. Participaram 490 adultos heterossexuais (68,8% mulheres), todos envolvidos em um relacionamento amoroso monogâmico. Variáveis do relacionamento amoroso mostraram-se importantes preditoras dos três componentes do bem-estar subjetivo, explicando 20% da variância da satisfação de vida, 19% do afeto positivo, e 14% do afeto negativo, para além de variáveis sociodemográficas e fatores de personalidade. Ainda, a satisfação com o relacionamento amoroso foi uma das principais preditoras do bem-estar subjetivo. Os resultados evidenciam a importância dos relacionamentos amorosos sobre o bem-estar subjetivo, sugerindo que cultivar relacionamentos amorosos satisfatórios contribuem para uma vida mais feliz.

Key words: romantic relationship, romantic satisfaction, personality, subjective well-being

Abstract

This study aimed to investigate the predictive power of aspects of the romantic relationship on subjective well-being, beyond what is explained by sociodemographic and personality variables. Participants were 490 heterosexual adults (68.8% women), all involved in a monogamous romantic relationship. Romantic relationship variables were important predictors of the three components of subjective well-being, explaining 20% variance in life satisfaction, 19% positive affect, and 14% negative affect, in addition to sociodemographic variables and personality factors. Still, satisfaction with the romantic relationship was one of the main predictors of subjective well-being. The results highlight the importance of romantic relationships over subjective well-being, suggesting that cultivating satisfying romantic relationships contributes to a happier life.

Key words: romantic relationship, romantic satisfaction, personality, subjective well-being

De maneira geral, bem-estar subjetivo (BES) refere-se “ao grau em que uma pessoa acredita ou sente que sua vida está indo bem” (Diener, Lucas, & Oishi, 2018, p. 2) e envolve, frequentemente, três componentes: satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo. O BES é maior quanto maior for a satisfação de vida, mais afeto positivo e menos afeto negativo a pessoa vivencia. Os afetos são termos genéricos que abrangem um grande número de sensações experimentadas pelas pessoas, incluindo emoções e sentimentos. Afeto positivo (vivência de emoções e sentimentos positivos) e afeto negativo (vivência de emoções e sentimentos negativos) são componentes afetivos do bem-estar subjetivo. A satisfação de vida, componente cognitivo do bem-estar subjetivo, refere-se à avaliação de uma pessoa sobre sua vida e pode ser considerada uma atitude frente à própria vida (Schimmack, 2008).

Inúmeras pesquisas foram realizadas em todas as partes do mundo para investigar possíveis preditores do BES (para uma revisão ver Diener, Oishi, & Tay, 2018; Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999). Elas sugerem múltiplos fatores (genéticos e ambientais) como responsáveis para explicar a variância dos componentes do BES. Importantes preditores encontrados são variáveis sociodemográficas (e.g., gênero, idade, situação financeira, religião, ter filhos), fatores de personalidade (e.g., neuroticismo, extroversão) e variáveis relacionadas a relacionamento amoroso (para uma revisão, ver Diener, Oishi, & Tay, 2018a; Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999). Apesar de estudos apontarem tanto para características individuais (e.g., personalidade) quanto contextuais (e.g., relacionadas ao relacionamento amoroso) como preditoras do BES, é importante que essas variáveis sejam analisadas em conjunto, avaliando-se a importância de cada uma delas em predizer o BES.

Dentre as variáveis demográficas associadas ao BES, gênero, idade, situação financeira e religião são frequentemente estudadas. No entanto, para algumas dessas (e.g., gênero e idade), os resultados muitas vezes são divergentes entre si. Mesmo em pesquisas com grandes amostras representativas de populações ou em meta-análises, os achados de pesquisas sobre diferenças de gênero no BES são inconsistentes (para uma revisão, ver Batz & Tray, 2018). Também, em relação à idade, não são infrequentes os achados contrastantes (para uma revisão, ver Lansford, 2018). Estudos têm encontrado uma relação em forma de U entre bem-estar e idade, caracterizada por maiores níveis de bem-estar no começo e no fim da vida adulta, no entanto, essa forma de relação é mais frequentemente relatada em pesquisas em países com alto desenvolvimento econômico. Já em países em desenvolvimento a relação mais regularmente encontrada, ao longo da fase adulta, é uma relação linear decrescente (e.g., González Gutiérrez, Jiménez, Hernández, & Puente, 2005; Steptoe, Deaton, & Stone, 2015).

Ter filhos é outra variável demográfica que parece impactar no bem-estar subjetivo, no entanto os achados muitas vezes são conflitantes. Nelson-Coffey (2018) relata que a relação entre parentalidade e bem-estar subjetivo é complexa e dinâmica. No entanto, no geral, estudos longitudinais têm encontrado um aumento no bem-estar após ter filhos, seguido por um declínio. Ainda, outras variáveis demográficas (e.g., status do relacionamento, status econômico) parecem mediar a relação entre ter filhos e BES (e.g., Angeles, 2009; para uma revisão, ver Nelson-Coffey).

Em relação a outras variáveis demográficas (e.g., recursos econômicos e religiosidade), os resultados têm sido mais uniformes. Recursos econômicos são

consistentemente associados positivamente com BES (e.g., Angeles, 2010; Diener, Tay, & Oishi, 2013; Stevenson & Wolders, 2013; para uma revisão, ver Mogilner, Whillans, & Norton, 2018). Ter disponibilidade de recursos econômicos parece contribuir para aumentar o bem-estar subjetivo, dado que eles podem ser empregados para melhorar a qualidade de vida (e.g., melhor assistência médico-sanitária, investir em tempo de lazer, compra de objetos que beneficiem a vida) (ver Mogilner, et al.). De fato, a relação entre renda e bem-estar é mais forte em países mais pobres (nos quais se tem piores condições de vida) comparado com países mais ricos (ver Diener, Oishi, & Tay, 2018b). Já em relação à religiosidade, estudos têm encontrado evidências de que pessoas religiosas apresentam maiores níveis de BES do que pessoas não religiosas (e.g., Tay, Li, Myers, & Diener, 2014; para uma revisão ver Kim-Prieto & Miller, 2018). Apesar de ainda não ser bem claro como se dá a relação entre religiosidade e BES (para uma revisão ver Newman & Graham, 2018).

Apesar da relação entre variáveis demográficas e BES terem sido amplamente estudadas, elas explicam somente uma pequena quantidade de variância do BES (ver Nes & Roysamb, 2015; Diener et al., 1999). As variáveis mais consistentes e importantes preditoras do BES parecem ser os fatores de personalidade (para uma revisão, ver Diener, Lucas & Oishi, 2018; Diener & Lucas, 2018). A associação entre BES e fatores de personalidade é um dos achados mais coerentes e robustos encontrados na literatura. Em uma meta-análise, DeNeve e Cooper (1998) encontraram que, comparado com os demais fatores de personalidade, Neuroticismo foi o fator que apresentou correlação de maior intensidade, seja com Satisfação de vida ($r = -0,24$), seja com Afeto Negativo ($r = -0,23$). Já Extroversão e Socialização foram os fatores que

apresentaram correlação de maior intensidade com Afeto Positivo ($r = 0,20$; $r = 0,17$, respectivamente) (DeNeve & Cooper). Estudos longitudinais revelaram que o principal preditor dos componentes do bem-estar subjetivo é neuroticismo, no entanto, extroversão, socialização e realização mostraram-se importantes preditores dos três componentes do BES (Soto, 2015).

Variáveis do relacionamento amoroso também têm sido associadas ao BES, principalmente o status do relacionamento. Pesquisas evidenciam uma relação entre estado civil e bem-estar subjetivo, indicando que pessoas casadas apresentam maiores níveis de bem-estar subjetivo, comparadas às com demais estados civis (e.g., Argyle, 1999; Diener, Gohm, Suh e Oishi, 2000; Myers, 1999). No entanto, esses achados devem ser analisados com cautela. Por conta da adaptação hedônica, a satisfação de vida após o casamento tende a retornar aos níveis anteriores ao matrimônio (Stutzer & Frey, 2006; ver Diener, Lucas, et al., 2018). Ainda, os maiores níveis de BES das pessoas casadas parece decorrer, parcialmente, do fato de que pessoas com altos níveis de bem-estar subjetivo, mais frequentemente, casam e permanecem em seus relacionamentos. Já as pessoas com baixos níveis de bem-estar subjetivo permanecem solteiras ou se divorciam (Lucas, 2007; Stutzer & Frey).

Diante do aumento de uniões consensuais sem casamento (sem reconhecimento legal ou em união estável), pesquisas têm investigado diferenças de bem-estar entre pessoas casadas e em união consensual sem casamento. Diener et al. (2000) encontraram que pessoas casadas apresentam maiores níveis de bem-estar subjetivo do que pessoas vivendo em regime de coabitação. No entanto, essa associação entre status do relacionamento e bem-estar parece ser moderada por outras variáveis. Depois de controlar o efeito de vieses de seleção dos

participantes (características que estão associadas à propensão ao matrimônio, como, por exemplo, divórcio dos genitores e renda financeira dos genitores) e da satisfação com o relacionamento amoroso, Perelli-Harris, Hoherz, Lappegard e Evans (2019) não encontraram diferenças entre pessoas casadas e em união consensual sem casamento (coabitantes).

A duração do relacionamento amoroso também pode ser um fator que impacta o bem-estar subjetivo. No entanto, além de ter poucos estudos que investiguem o impacto da duração do relacionamento e BES, não se tem um consenso sobre a relação entre essas variáveis. Enquanto Ventegodt, Flensburg-Madsen, Andersen e Merrick (2008) encontraram uma associação fraca, porém significativa, entre duração do relacionamento e qualidade de vida, Rhoades, Kamp Dush, Atkins, Stanley e Markman (2011) relataram que a duração do relacionamento não foi um preditor significativo nem de satisfação de vida, nem de distresse psicológico, após a separação do casal. Ainda, em estudos que investigaram a relação entre duração do relacionamento e satisfação com o relacionamento de pessoas casadas têm mostrado uma relação linear decrescente entre essas variáveis (para uma revisão ver Karney, 2015).

Pessoas que estão em relacionamentos felizes relatam têm altos níveis de bem-estar subjetivo (Kamp Dush & Amato, 2015). Uma meta-análise mostrou que qualidade do relacionamento amoroso está significativamente associada ao bem-estar (Proulx, Helms, & Buehler, 2007). Pesquisas, consistentemente, têm encontrado relação entre satisfação com o relacionamento amoroso e BES (e.g., Cao, Wang, & Wang, 2019; Londero-Santos, Pereira Neto, & Natividade, 2017; Love & Holder, 2016). Ainda, pesquisas longitudinais sugerem que a satisfação com o relacionamento tem uma influência causal na satisfação de vida (e.g.,

Headey, Veenhoven, & Wearing, 1991). Outras pesquisas ainda destacam o aumento da importância dos relacionamentos amorosos sobre o bem-estar das pessoas, evidenciado pelo fato de que nos últimos anos, observa-se um aumento na associação entre satisfação com o relacionamento e indicadores de bem-estar (ver Braithwaite & Holt-Lunstad, 2017; Finkel, Cheung, Emery, Carswell, & Larson, 2015)

Uma possível explicação para a relação observada entre satisfação com o relacionamento e BES pode ser dada por teorias que se utilizam de modelos de processamentos bottom-up (ver Schimmack, 2008). Modelos de processamento bottom-up sugerem que o bem-estar subjetivo deriva de uma soma de momentos e experiências agradáveis e desagradáveis. As teorias da satisfação de objetivos, que se fundamentam nesses modelos de processamento, afirmam, por exemplo, que a satisfação com a própria vida decorre da satisfação das próprias necessidades, desejos e objetivos (ver Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999; Diener, Oishi, & Tay, 2018b). Bons relacionamentos amorosos satisfariam, portanto, necessidades básicas, desejos e objetivos dos indivíduos. Diener, Scollon e Lucas (2009) presumem que, se fosse possível acessar todos os domínios da vida de uma pessoa, seria possível inferir a avaliação que essa pessoa tem sobre própria vida (satisfação de vida), utilizando o processamento bottom-up. Assim, a atitude frente à própria vida (isto é, satisfação de vida) deriva de atitudes frente a aspectos específicos de vida (para uma revisão, ver Schimmack, 2008). O indivíduo, logo, seria tanto mais satisfeito com a própria vida, quanto mais atitudes positivas tiver sobre aspectos específicos de sua vida (e.g., satisfação com o próprio relacionamento amoroso).

Assim, quanto maior acessibilidade e intensidade das atitudes de aspectos específicos de vida, mais esses aspectos serão utilizados para avaliar a satisfação com a própria vida (Schwarz & Strack, 1999). De fato, Diener et al. (2009) afirmam que a avaliação sobre a satisfação de vida decorre de informações que estão salientes na memória do indivíduo no momento da avaliação. Diener Scollon e Lucas incluíram na definição de bem-estar subjetivo a satisfação com aspectos específicos de vida. Satisfação com o relacionamento amoroso seria, portanto, um desses domínios específicos que contribuiriam para a avaliação do aspecto geral da satisfação de vida.

Muitas variáveis explicam variações nos níveis de bem-estar, e não há um consenso sobre todas aquelas que mais bem predizem o BES. Além disso, a cultura tem um papel importante no BES (ver Suh & Choi, 2018). Isso ressalta a importância de pesquisas em diferentes culturas a fim de propiciar um entendimento mais completo sobre os fatores que interferem no bem-estar. Os resultados de estudos em diferentes culturas podem permitir identificar preditores do BES específicos e universais. Portanto, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de investigar o poder preditivo de variáveis do relacionamento amoroso sobre o bem-estar subjetivo, para além do que é explicado por variáveis sociodemográficas e de personalidade.

Método

Participantes

Participaram 490 adultos heterossexuais, com média de idade de 33,9 anos ($DP = 9,66$), variando de 18 a 69 anos. A maioria dos participantes era mulher, 68,8% ($n = 337$). Todos os participantes estavam envolvidos em um relacionamento amoroso monogâmico. O tempo médio de relacionamento foi de

9,45 anos ($DP = 8,67$). Grande parte dos participantes era casada, 45,5%; 27,1% deles viviam em união consensual sem casamento (união estável com ou sem reconhecimento legal), e os demais 27,4% estavam namorando ou eram noivos. A maioria dos participantes, 73,9%, declarou coabitar com o cônjuge ou parceiro. Do total dos participantes, 33,1% declararam ter filhos.

A maior parte dos participantes residia nas regiões sul (41,4%) e sudeste (37,1%) do Brasil, os outros eram da região nordeste (11,6%), centro-oeste (6,1%), norte (1,0%), e os demais estavam fora do Brasil quando responderam (2,7%). Em relação à escolaridade, 42% dos participantes declararam ter concluído pós-graduação (em específico, 17,3% especialização de nível superior, 17,6% mestrado e 7,1% doutorado). Estavam frequentando ou frequentaram (sem ter concluído) pós-graduação 22,8% dos participantes. Declararam ter até o ensino superior completo 20,0% dos participantes, 14,1% afirmaram ter ensino superior incompleto, e 1,1% declarou ter até ensino médio completo. A renda per capita média dos participantes foi de R\$ 4.098,17 ($DP = 3.508,23$). Em relação à prática religiosa, 36,5% declararam não ter religião, 29,4% declararam ser religiosos não praticantes, e 34,1% declararam ser religiosos praticantes.

Instrumentos

Os dados foram levantados por meio de um questionário on-line disponibilizado na internet contendo questões sociodemográficas (e.g., gênero, orientação sexual, escolaridade, tempo de relacionamento, religiosidade, renda familiar, coabitação do parceiro com o participante). O questionário também continha escalas para medir satisfação com o relacionamento e personalidade.

A satisfação com o relacionamento foi mensurada por meio da Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso Revisada (ENSRA-R,

Londero-Santos, Natividade, & Féres-Carneiro). A ENSRA-R é uma versão revisada da escala de Rusbult, Martz e Agnew (1998). O instrumento contém cinco itens em formato de afirmativas para serem respondidos numa escala de concordância de nove pontos, tal que 0 = Discordo completamente e 8 = Concordo completamente, quanto maiores os escores, maior a satisfação com a relação amorosa. A escala apresentou satisfatórias evidências de validade e coeficiente alfa igual a 0,91.

Escala Reduzida de Descritores de Personalidade - RED5 (Natividade & Hutz, 2015). Essa escala avalia os cinco grandes fatores de personalidade: extroversão, socialização, realização, neuroticismo, e abertura a experiências. A escala é composta de 20 adjetivos ou pequenas expressões, quatro para cada fator, para que os participantes respondam o quanto concordam que cada um deles os descreve adequadamente, em uma escala de sete pontos. Quanto maiores os escores dos participantes em cada fator, maior a intensidade dos fatores. No estudo de Natividade e Hutz, os coeficientes alfa dos fatores variaram de 0,59 a 0,84 e as correlações teste-reteste variaram de 0,69 a 0,81.

O questionário teve versões diferentes para as palavras, quando necessárias, fossem flexionadas de acordo com o gênero do participante e do seu respectivo parceiro, a fim de evitar vieses na resposta (Natividade, Barros, & Hutz, 2012). Ainda, junto com os itens das escalas, havia questões de controle para verificar a fidelidade das respostas aos itens.

Procedimentos

De coleta de dados.

Os participantes foram recrutados por meio de convites por e-mail e em redes sociais na internet. Aqueles que aceitavam participar deviam clicar no link

do endereço disponibilizado no convite e eram direcionados para o questionário. A pesquisa foi encaminhada a Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e obteve parecer favorável.

De análise de dados.

Foi realizada limpeza dos dados, excluindo as respostas incorretas às questões controle. Então, elaboraram-se gráficos de dispersão dos dados. As variáveis renda per capita e tempo de relacionamento, por apresentarem substancial assimetria negativa, foram transformadas em logaritmos. Posteriormente foram calculados os coeficientes de correlação entre idade, renda per capita, prática religiosa, tempo de relacionamento, cinco grandes fatores de personalidade, três componentes do bem-estar subjetivo e satisfação com o relacionamento. Por fim, testou-se o poder preditivo de variáveis do relacionamento amoroso (tempo de relacionamento, tipo de relacionamento e satisfação com o relacionamento) sobre o bem-estar subjetivo, controlando-se os efeitos de variáveis sociodemográficas (gênero, idade, renda per capita, prática religiosa, e ter filhos) e dos cinco grandes fatores, por meio de regressões múltiplas hierárquicas, método Enter. As variáveis dicotômicas gênero, ter filhos, status de relacionamento (união consensual, casado, coabitação) foram transformadas em variáveis dummies de 0 (ser homem; não ter filhos/ não viver em união consensual; não ser casado; não viver em regime de coabitação) e 1 (ser mulher; ter filhos; viver em união consensual, ser casado, viver em regime de coabitação). A variável prática religiosa foi codificada como 0 = sem religião; 1 = religioso não praticante e 2 = religioso praticante.

Resultados

Inicialmente, calculou-se o coeficiente de correlação de Pearson entre a satisfação com o relacionamento e as demais variáveis do estudo. A Tabela 1 mostra os coeficientes encontrados. Destacam-se as correlações entre as dimensões do bem-estar subjetivo e satisfação com o relacionamento.

INSERIR TABELA 1

Procedeu-se, então, à investigação do poder preditivo de variáveis concernentes ao relacionamento amoroso sobre o bem-estar subjetivo. Mais especificamente, buscou-se verificar se tempo de relacionamento, tipo de relacionamento (estar casado, estar em união consensual, coabitação) e satisfação com o relacionamento explicariam o bem-estar subjetivo (satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo), para além de variáveis sociodemográficas e de personalidade. Para tanto, realizaram-se três análises de regressão hierárquica, uma para cada componente do bem-estar subjetivo, em que se incluíram no primeiro bloco as variáveis sociodemográficas, no segundo bloco, os fatores de personalidade e, no terceiro bloco, variáveis do relacionamento amoroso. Os resultados podem ser vistos nas Tabelas 2, 3 e 4.

INSERIR TABELA 2

INSERIR TABELA 3

INSERIR TABELA 4

Satisfação de vida foi explicada por variáveis sociodemográficas (gênero, idade, renda per capita, prática religiosa), variáveis de personalidade (neuroticismo, abertura) e por variáveis de relacionamento amoroso (satisfação com o relacionamento). As variáveis sociodemográficas explicaram 6% da variância da satisfação de vida; os cinco grandes fatores de personalidade, 13%; já os aspectos do relacionamento amoroso, 20%. Afeto positivo foi explicado por

variáveis sociodemográficas (idade, prática religiosa, ter filhos), personalidade (extroversão, neuroticismo, realização, abertura) e aspectos do relacionamento amoroso (satisfação com o relacionamento). Da variância do afeto positivo, 3% foram explicados por variáveis sociodemográficas; 17%, por variáveis de personalidade; 19%, por variáveis do relacionamento. Afeto negativo foi explicado por variáveis de personalidade (extroversão, neuroticismo) e variáveis do relacionamento amoroso (satisfação com o relacionamento). Da variância do afeto negativo, 1% foi explicado por variáveis sociodemográficas; 25%, por personalidade; 14%, por aspectos do relacionamento amoroso.

Discussão

Este estudo teve por objetivo investigar o poder preditivo de variáveis concernentes ao relacionamento amoroso, como tempo de relacionamento, tipo de relacionamento (união consensual, casamento, coabitação com o parceiro), e satisfação com o relacionamento amoroso, sobre o bem-estar subjetivo, para além do que explicam variáveis sociodemográficas (gênero, idade, renda per capita, prática religiosa e ter filhos) e de personalidade (extroversão, socialização, neuroticismo, realização, abertura a experiências). Os resultados revelaram que variáveis do relacionamento amoroso são importantes variáveis preditoras do bem-estar subjetivo, adicionando explicação para além das variáveis sociodemográficas e de personalidade.

No entanto, nem o tempo de relacionamento, nem o status do relacionamento (união estável, casamento, coabitação) impactaram sobre o bem-estar subjetivo, apesar de estudos anteriores apontarem associação entre status do relacionamento (e.g., casado) e satisfação de vida (e.g., Lucas, 2007; Luhmann, Hofmann, Eid, & Lucas, 2012). Dentre as variáveis do relacionamento amoroso, a

única variável preditora significativa do bem-estar subjetivo foi a satisfação com o relacionamento amoroso. Comparando os pesos padronizados de todas as variáveis predictoras da satisfação de vida e de afeto positivo incluídas neste estudo, satisfação com o relacionamento amoroso foi a que teve poder explicativo mais forte ($\beta = 0,46$, para satisfação de vida; $\beta = 0,44$, para afetos positivos). A satisfação com o relacionamento também foi uma importante preditora negativa de afeto negativo ($\beta = -0,39$), apresentando peso padronizado somente inferior ao fator neuroticismo ($\beta = 0,44$). As outras variáveis concernentes ao relacionamento amoroso podem ter tido seu peso diminuído diante da importância da satisfação com o relacionamento para o bem-estar. Esse resultado ressalta a importância da satisfação com o relacionamento na vida das pessoas.

Os achados deste estudo referentes ao impacto da satisfação com o relacionamento sobre bem-estar subjetivo também vão ao encontro de resultados de outras pesquisas (e.g., Hudson, Lucas, & Donnellan, 2019; Londero-Santos et al., 2017; Margelisch, Schneewind, Violette, & Perrig-Chiello, 2017). Ainda, apesar de não terem sido encontrados resultados que mostraram o poder preditivo da satisfação com o relacionamento, para além de variáveis sociodemográficas e de personalidade, os resultados deste estudo revelaram que a satisfação com o relacionamento amoroso é uma variável crucial para prever o bem-estar subjetivo.

Esses resultados sugerem que para avaliar a própria vida, os indivíduos se baseiam em avaliações de aspectos específicos da vida, neste caso, o relacionamento amoroso. Isso traz evidências adicionais para teorias baseadas em modelos de processamento bottom-up, os quais presumem que situações e eventos de vida influenciam o bem-estar subjetivo (ver Diener et al., 1999; Diener et al.,

2009; Diener et al., 2018b; Schimmack, 2008). Manter positiva a atitude frente ao relacionamento amoroso (satisfação com o relacionamento amoroso) parece, portanto, impactar positivamente na atitude frente à própria vida (satisfação de vida). Os resultados sugerem que atitudes frente ao relacionamento amoroso são levadas em conta para formar atitudes frente à própria vida. No entanto, deve-se ressaltar que a presente pesquisa teve corte transversal, impossibilitando identificar a relação causal dessas variáveis. Ainda, é possível que a relação entre BES e satisfação com o relacionamento amoroso pode ter ocorrido pela moderação/mediação de outras variáveis que não foram consideradas neste estudo ou que tenham sido determinadas, ambas, por outras variáveis. Estudos longitudinais poderão ser realizados com o objetivo de investigar a variação do BES e da satisfação com o relacionamento amoroso ao longo do tempo.

Além da satisfação com o relacionamento amoroso, variáveis sociodemográficas e de personalidade também predizem o bem-estar subjetivo. A partir dos modelos testados, os resultados, em específico, sugerem que variáveis sociodemográficas predizem satisfação de vida e afeto positivo. Por exemplo, ser mulher foi preditor negativo de satisfação de vida. Apesar de resultados de outras pesquisas sobre diferenças de gênero na satisfação de vida serem inconsistentes, diversas meta-análises também identificaram que homens apresentam maior satisfação de vida do que mulheres (para uma revisão, ver Batz & Tray, 2018).

A idade foi preditora negativa de satisfação de vida e afeto positivo. Logo, entre as pessoas que estão em um relacionamento amoroso, quanto mais jovem o indivíduo, mais ele reporta satisfação sobre sua vida e mais relata vivenciar afetos positivos. Esse resultado está em conformidade com os achados de outras pesquisas, principalmente de países em desenvolvimento (e.g., González

Gutiérrez et al., 2005; Steptoe et al. 2015). Uma possível explicação para essa relação negativa seria pelo fato de que as condições de vida tenderiam a piorar com o avanço da idade (e.g., aumento de dores, preocupações, piores condições de vida), principalmente em países em desenvolvimento. Assim, os níveis de satisfação de vida e de afeto positivo diminuiriam com o avançar da idade.

Renda per capita mostrou-se preditora positiva de satisfação de vida. Esse resultado vai ao encontro de estudos anteriores (e.g., Diener et al., 2013; Stevenson & Wolfers, 2013). Uma das possíveis explicações sobre efeitos positivos da renda per capita sobre a satisfação de vida é o fato de recursos econômicos possibilitarem a conquista de melhorias para a vida das pessoas (ver Diener et al., 2018b).

Prática religiosa também foi preditora positiva de satisfação de vida. Quanto mais envolvidos com a religião, maiores os níveis de satisfação de vida dos participantes. Esse resultado corrobora outros estudos que encontraram relação positiva da religiosidade com bem-estar subjetivo (e.g., Fleury, et al., 2018; para uma revisão, ver Diener et al, 1999; Kim-Prieto & Miller, 2018). Pessoas religiosas tendem a apresentar maior sentido de vida e melhores estratégias de coping, além disso, a prática religiosa pode ser uma fonte importante de suporte social, isto é, estar envolvido em uma prática religiosa, principalmente se feito em um contexto grupal, aumentaria o contato social e a disponibilidade de suporte social recebido (para uma revisão, ver Kim-Prieto & Miller, 2018).

Quanto aos traços de personalidade, satisfação de vida foi predita, negativamente, por neuroticismo e, positivamente, por abertura. Afeto positivo foi predito, positivamente, por extroversão, realização e abertura, e, negativamente,

por neuroticismo. Enfim, afeto negativo foi predito por extroversão (negativamente) e neuroticismo (positivamente). Dentre os fatores de personalidade, o neuroticismo foi a principal variável explicativa da satisfação de vida e do afeto negativo, consistente com o encontrado na meta-análise de DeNeve e Cooper (1998). Logo, apresentar altos níveis de neuroticismo parece predispor o indivíduo a avaliar insatisfatoriamente a própria vida e vivenciar mais afetos negativos. Esses achados corroboram, de maneira geral, outros estudos que investigaram a relação dos cinco grandes fatores de personalidade com o bem-estar subjetivo (e.g., DeNeve & Cooper, 1998; González Gutiérrez et al., 2005; Soto, 2013; Natividade et al., 2019; Noronha, Martins, Campos & Mandão, 2015).

Diante do exposto, os resultados desse estudo evidenciaram importantes preditores do BES, em especial fatores de personalidade e satisfação com o relacionamento amoroso. Pode-se concluir que, a partir dos resultados deste estudo, estar satisfeito com o próprio relacionamento amoroso mostrou-se benéfico para bem-estar subjetivo do indivíduo. Ainda, bem-estar subjetivo parece refletir a avaliação de importantes aspectos de vida, tais como os relacionamentos amorosos. Logo, é importante cultivar relacionamentos amorosos saudáveis e felizes a fim de vivenciar uma vida mais feliz e satisfatória. Esses resultados podem trazer subsídios para políticas públicas e prática clínica, já que sugerem que ajudar pessoas a melhorar seus relacionamentos amorosos pode trazer impactos positivos para o bem-estar subjetivo.

Tabela 1

Correlação entre Bem-Estar Subjetivo, Variáveis Sociodemográficas, Personalidade e Relacionamento Amoroso

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Satisfação de vida	(0,87)											
2. Afeto Positivo	0,59**	(0,89)										
3. Afeto Negativo	-0,46**	-0,51**	(0,90)									
4. Idade	-0,01	-0,03	0,01									
5. Log renda capita	0,18**	<0,001	-0,02	0,25**								
6. Prática religiosa	0,11*	0,15**	-0,10*	0,12**	-0,04							
7. Extroversão	0,09*	0,25**	-0,08	0,05	0,01	0,15**	(0,84)					
8. Socialização	0,13**	0,24**	-0,12**	-0,03	-0,06	0,11*	0,45**	(0,78)				
9. Neuroticismo	-0,30**	-0,24**	0,46**	-0,16**	-0,02	0,001	0,10*	-0,16**	(0,68)			
10. Realização	0,17**	0,25**	-0,14**	-0,02	-0,01	0,14**	0,10*	0,21**	-0,12**	(0,72)		
11. Abertura	0,10*	0,22**	-0,07	0,07*	-0,05	-0,12**	0,32**	0,32**	-0,09	0,09*	(0,60)	
12. Satisf. relac.	0,51**	0,47**	-0,45**	-0,03	0,09	0,04	0,02	0,004	-0,15**	0,04	-0,03	(0,91)
13. Log tempo relac.	-0,02	-0,06	0,04	0,59**	0,10*	0,11*	-0,01	-0,09	-0,03	0,005	-0,04	-0,07

Nota. Log renda capita = logaritmo de renda per capita. Satisf. relac. = satisfação com o relacionamento amoroso. Log tempo relac. = logaritmo de tempo de relacionamento. Entre parênteses, na diagonal principal, estão os coeficientes alfa de Cronbach das escalas. $N = 490$.

* $p < 0,05$;

** $p < 0,01$

Tabela 2

Variáveis Sociodemográficas, Personalidade e Variáveis do Relacionamento Amoroso como Preditores da Satisfação de Vida

	Bloco 1			Bloco 2			Bloco 3		
	β	t	p	β	t	p	β	t	p
Constante		5,01	<0,001		3,92	<0,001		1,95	0,05
Gênero (1 = mulher)	-0,06	-1,25	0,21	-0,10	-2,14	0,03	-0,09	-2,16	0,03
Idade	-0,05	-0,87	0,38	-0,11	-2,06	0,04	-0,12	-2,31	0,02
Renda per capita	0,20	4,24	<0,001	0,21	4,87	<0,001	0,17	4,36	<0,001
Prática religiosa	0,12	2,65	0,008	0,11	2,54	0,01	0,09	2,32	0,02
Ter filhos (1 = sim)	-0,04	-0,63	0,53	-0,03	-0,55	0,58	-0,004	-0,08	0,94
Extroversão				0,07	1,32	0,19	0,032	0,73	0,47
Socialização				<0,001	0,003	1,00	0,029	0,68	0,50
Neuroticismo				-0,33	-7,42	<0,001	-0,25	-6,37	<0,001
Realização				0,08	1,73	0,08	0,07	1,79	0,07
Abertura				0,08	1,73	0,09	0,10	2,36	0,02
Tempo de relacionamento							0,034	0,65	0,52
União consensual (1 = sim)							-0,05	-0,50	0,62
Casado (1 = sim)							-0,045	-0,37	0,71
Coabitação (1 = sim)							0,08	0,80	0,43
Satisfação com o relacionamento							0,45	12,0	<0,001
	R^2	0,06		0,19			0,39		
	R^2 ajustado	0,05		0,17			0,37		
	F	5,60***		11,0***			20,0***		

Nota. Regressão linear hierárquica, método Enter, variáveis sociodemográficas (gênero, idade, renda per capita, prática religiosa e ter filhos) inseridas no primeiro bloco, fatores de personalidade (extroversão, socialização, neuroticismo, realização e abertura), no segundo bloco, e variáveis do relacionamento amoroso (tempo de relacionamento, união consensual, casamento, coabitação e satisfação com o relacionamento amoroso), no terceiro bloco. Gênero: Masculino = 0; Feminino = 1. Para variáveis ter filhos, união consensual, casado e coabitação: 0 = não; 1 = sim. 1 $N = 490$. *** $p < 0,001$.

Tabela 3

Variáveis Sociodemográficas, Personalidade e Variáveis do Relacionamento Amoroso como Preditores do Afeto Positivo

	Bloco 1			Bloco 2			Bloco 3		
	β	t	p	β	t	p	β	t	p
<i>Constante</i>		10,33	<0,001		5,03	<0,001		3,23	0,001
Gênero (1 = mulher)	0,01	0,33	0,75	0,03	0,71	0,48	0,04	1,02	0,31
Idade	-0,10	-1,66	0,10	-0,15	-2,80	0,005	-0,13	-2,53	0,012
Renda per capita	0,03	0,62	0,53	0,05	1,07	0,28	0,005	0,14	0,89
Prática religiosa	0,15	3,26	0,001	0,13	2,94	0,003	0,11	2,81	0,005
Tem filhos (1 = sim)	0,07	1,20	0,23	0,06	1,22	0,22	0,11	2,25	0,025
Extroversão				0,18	3,66	<0,001	0,14	3,34	0,001
Socialização				0,02	0,39	0,69	0,04	1,01	0,31
Neuroticismo				-0,23	-5,30	<0,001	-0,16	-3,98	<0,001
Realização				0,17	3,89	<0,001	0,17	4,31	<0,001
Abertura				0,15	3,30	0,001	0,16	4,01	<0,001
Tempo de relacionamento							-0,02	-0,34	0,73
União consensual (1 = sim)							0,017	0,16	0,87
Casado (1 = sim)							0,001	0,004	1,00
Coabitação (1 = sim)							0,019	0,19	0,0,85
Satisfação com o relacionamento							0,45	11,9	<0,001
	R^2	0,03		0,20			0,39		
	R^2 ajustado	0,02		0,19			0,37		
	F	2,75*		12,4***			20,5***		

Nota. $N = 490$. Regressão linear hierárquica, método Enter, variáveis sociodemográficas (gênero, idade, renda per capita, prática religiosa e ter filhos) inseridas no primeiro bloco, fatores de personalidade (extroversão, socialização, neuroticismo, realização e abertura), no segundo bloco, e variáveis do relacionamento amoroso (tempo de relacionamento, união consensual, casamento, coabitação e satisfação com o relacionamento amoroso), no terceiro bloco. Gênero: Masculino = 0; Feminino = 1. Para variáveis ter filhos, união consensual, casado e coabitação: 0 = não; 1 = sim. * $p < 0,05$. *** $p < 0,001$.

Tabela 4
Variáveis sociodemográficas, personalidade e do relacionamento como Preditores do Afeto Negativo

	Bloco 1			Bloco 2			Bloco 3		
	β	t	p	β	t	p	β	t	p
<i>Constante</i>		7,03	<0,001		2,89	0,004		5,20	<0,001
Gênero (1 = mulher)	-0,01	-0,21	0,84	0,07	1,55	0,12	0,06	1,64	0,10
Idade	0,014	0,24	0,81	0,10	1,87	0,06	0,09	1,72	0,08
Renda per capita	-0,027	-0,56	0,58	-0,04	-0,91	0,36	-0,01	-0,26	0,80
Prática religiosa	-0,11	-2,34	0,019	-0,09	-2,16	0,031	-0,07	-1,95	0,051
Ter filhos (1 = sim)	0,023	0,40	0,69	0,019	0,39	0,70	-0,03	-0,54	0,59
Extroversão				-0,13	-2,73	0,007	-0,10	-2,29	0,022
Socialização				0,05	0,96	0,34	0,025	0,58	0,56
Neuroticismo				0,51	11,9	<0,001	0,44	11,2	<0,001
Realização				-0,040	-0,96	0,34	-0,039	-0,91	0,36
Abertura				-0,019	-0,44	0,66	-0,034	-0,86	0,39
Tempo de relacionamento							-0,025	-0,49	0,63
União consensual (1 = sim)							0,07	0,64	0,52
Casado (1 = sim)							0,10	0,83	0,41
Coabitação (1 = sim)							-0,05	-0,51	0,61
Satisfação com o relacionamento							-0,38	-10,4	<0,001
	R^2	0,012			0,26			0,40	
	R^2 ajustado	0,002			0,24			0,38	
	F	1,16			16,6***			21,0***	

Nota. $N = 490$. Regressão linear hierárquica, método Enter, variáveis sociodemográficas (gênero, idade, renda per capita, prática religiosa e ter filhos) inseridas no primeiro bloco, fatores de personalidade (extroversão, socialização, neuroticismo, realização e abertura), no segundo bloco, e variáveis do relacionamento amoroso (tempo de relacionamento, união consensual, casamento, coabitação e satisfação com o relacionamento amoroso), no terceiro bloco.. Gênero: Masculino = 0; Feminino = 1. Para variáveis ter filhos, união consensual, casado e coabitação: 0 = não; 1 = sim. *** $p < 0,001$.

Capítulo 6

Conclusão

A presente tese teve como objetivos gerais identificar preditores da satisfação com o relacionamento amoroso e verificar a relação da satisfação com o relacionamento amoroso com o bem-estar subjetivo. Para atingir tais objetivos, foram desenvolvidos quatro estudos. O primeiro estudo teve como principal finalidade identificar os conceitos associados a cargas afetivas positivas sobre relacionamento amoroso e sobre parceiros amorosos, a fim de caracterizar os esquemas sobre esses dois fenômenos. Esse estudo revelou que muitas das palavras e categorias mencionadas para caracterizar os aspectos positivos do relacionamento também foram utilizadas para caracterizar os aspectos positivos do parceiro, assim os conceitos associados ao relacionamento amoroso também estão associados ao parceiro amoroso, sugerindo que os esquemas de parceiro amoroso e de relacionamento amoroso são coerentes entre si.

Ainda, os conceitos associados aos aspectos positivos do relacionamento e do parceiro relevados no primeiro estudo estavam em conformidade com os resultados encontrados em outras pesquisas nacionais e internacionais (e.g., Buss & Barnes, 1986; Boxer et al., 2015; Féres-Carneiro, 1997). Muitos dos conceitos que compuseram os esquemas de relacionamento e parceiro amoroso se referiam a investimentos do parceiro no relacionamento (e.g., carinhoso, afetuoso, afeto, respeito, cuidadoso). Os resultados mostraram, ainda, que indivíduos que carregavam em seus esquemas de relacionamento amoroso os conceitos de companheirismo, afeto, respeito e diálogo, e em seus esquemas de parceiro amoroso conceitos de companheiro e carinhoso apresentaram um maior grau de satisfação com o relacionamento, comparados com aqueles que não carregam tais

conceitos em seus esquemas. Logo, quem associou esses conceitos com o próprio relacionamento e parceiro amoroso apresentou maior nível de satisfação.

Os resultados do Estudo 1 sugerem que conceitos fortemente associados à valência positiva servem de base para a avaliação da satisfação com o relacionamento amoroso, sobretudo ao se considerar que a satisfação diz respeito a uma atitude e deriva de um julgamento avaliativo acerca do relacionamento com o parceiro amoroso. Isso permitiu levantar a hipótese de que a percepção de respeito, afetividade e diálogo em seus relacionamentos seriam preditores de satisfação com o relacionamento. Outros estudos também encontraram essas variáveis como preditoras da satisfação (e.g., Floyd et al., 2005; Gullede, Gullede, & Stahmann, 2003; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Shackelford & Buss, 2000). Esses conceitos, possíveis preditores da satisfação, representam percepções que os indivíduos têm sobre os investimentos passivos simbólicos de seus parceiros em seus relacionamentos amorosos, conforme definição de Ellis (1998).

Antes de testar os preditores da satisfação com relacionamento, foi necessário encontrar um instrumento adequado à realidade brasileira e capaz de aferir um aspecto global da satisfação. Assim, o segundo estudo foi desenvolvido com o objetivo de adaptar e buscar evidências de validade para a população brasileira da Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (ENSRA), instrumento de autorrelato que mede satisfação com o relacionamento amoroso, proposto por Rusbult et al. (1998). Conforme resultados da análise fatorial confirmatória, a escala ENSRA apresentou estrutura unidimensional, assim como propõem teoricamente Rusbult et al. No entanto, a análise dos itens, de acordo com a Teoria de Resposta ao Item, indicou que os itens da ENSRA não

cobriam adequadamente altos níveis do traço latente. Então, elaborou-se uma versão revisada do instrumento, ENSRA-Revisada (ENSRA-R), em que se incluíram itens com parâmetro b mais elevados. A ENSRA-R apresentou satisfatórias evidências de validade e de fidedignidade.

Tendo-se um instrumento com satisfatórias evidências de validade e precisão, partiu-se para o terceiro estudo com o objetivo de investigar as relações entre o investimento passivo simbólico do parceiro, apego e satisfação com o relacionamento. Para tanto, testou-se um modelo de mediação, em que a variável percepção de investimento foi incluída como mediadora da relação entre apego e satisfação com o relacionamento. Após testar os efeitos de mediação, e a comparação entre os ajustes dos modelos, os resultados evidenciaram que a percepção de investimento do parceiro media completamente a relação entre os fatores ansiedade e evitação relacionada ao apego e à satisfação com o relacionamento amoroso. Esse resultado reforça a noção de que o esquema cognitivo relacionado ao apego auxiliaria na atribuição de significado de comportamentos do parceiro e de eventos ocorridos no relacionamento (ver Cassidy & Shaver, 2016; Mikulincer & Shaver, 2016).

Os resultados do Estudo 3 mostraram que indivíduos com baixos níveis nos fatores ansiedade e evitação do apego eram mais propensos a interpretar comportamentos dos seus parceiros de modo mais positivo, percebendo que seus parceiros investiam mais no relacionamento (i.e., percebiam que seus parceiros são mais afetuosos e respeitosos, e mais dispostos a manter diálogo no relacionamento). A percepção de investimento do parceiro, por sua vez, impactou positivamente na atitude frente ao parceiro e ao relacionamento, isto é, na satisfação com o próprio relacionamento. Assim, quanto mais os indivíduos

percebiam que seus parceiros investiam no relacionamento, compreendido pela percepção de que seus parceiros são afetuosos, respeitosos consigo e mantêm diálogo em seus relacionamentos amorosos, mais satisfeitos eles relataram estar em seus relacionamentos amorosos.

Por fim, o quarto estudo teve por objetivo investigar o poder preditivo de variáveis concernentes ao relacionamento amoroso, como tempo de relacionamento, tipo de relacionamento (união consensual, casamento, coabitação com o parceiro), e satisfação com o relacionamento amoroso, sobre o bem-estar subjetivo, para além do que explicam variáveis sociodemográficas (gênero, idade, renda per capita, prática religiosa e ter filhos) e de personalidade (extroversão, socialização, neuroticismo, realização, abertura a experiências). Os resultados revelaram que variáveis do relacionamento amoroso são importantes variáveis preditoras do bem-estar subjetivo, adicionando explicação para além das variáveis sociodemográficas e de personalidade. Dentre as variáveis do relacionamento amoroso, a única variável preditora significativa do bem-estar subjetivo foi a satisfação com o relacionamento amoroso.

Os resultados do Estudo 4 referentes ao impacto da satisfação com o relacionamento sobre bem-estar subjetivo vão ao encontro de resultados de outras pesquisas (e.g., Hudson, Lucas, & Donnellan, 2019; Londero-Santos et al., 2017; Margelisch, Schneewind, Violette, & Perrig-Chiello, 2017). Esses resultados sugerem que ao avaliar a própria vida e seu bem-estar, os indivíduos se baseiam em avaliações sobre aspectos específicos da vida, tais como, o relacionamento amoroso. Desenvolver e manter atitudes positivas frente ao relacionamento amoroso (satisfação com o relacionamento amoroso) parece, portanto, impactar

positivamente tanto na atitude global frente à própria vida (satisfação de vida), quanto na experiência de mais afetos positivos e menos afetos negativos.

A realização desses quatro estudos possibilitou identificar a percepção de investimento passivo simbólico dos parceiros no relacionamento como um importante preditor da satisfação com o relacionamento amoroso. Além disso, pôde-se verificar que a satisfação com o relacionamento amoroso impacta significativamente no bem-estar subjetivo (de modo positivo nos componentes satisfação de vida e afeto positivo e, de modo negativo, na componente afeto negativo). Esses resultados podem trazer subsídios para a prática clínica, sugerindo que para melhorar a qualidade dos relacionamentos amorosos é importante realizar intervenções com os objetivos de modificar esquemas mal-adaptativos relacionados ao apego, e de reduzir vieses perceptivos. Bem como, pode ajudar a fundamentar intervenções que contribuam para melhorar a maneira de sinalizar o investimento no relacionamento ao parceiro, a fim de que o indivíduo perceba que seu parceiro investe de maneira efetiva no relacionamento.

Essas intervenções se mostram ainda mais importantes ao se considerar que estar satisfeito com o próprio relacionamento amoroso mostrou-se benéfico para o bem-estar subjetivo do indivíduo. O bem-estar subjetivo parece refletir a avaliação de importantes aspectos de vida, sobretudo dos relacionamentos amorosos. Logo, é importante cultivar relacionamentos amorosos saudáveis e gratificantes a fim de vivenciar uma vida mais feliz e satisfatória. Esses resultados podem trazer subsídios também para políticas públicas e a prática clínica, já que sugerem que ajudar pessoas a melhorar seus relacionamentos amorosos pode impactar positivamente no bem-estar subjetivo.

Referências

- Baiocco, R., Santamaria, F., Ioverno, S., Fontanesi, L., Baumgartner, E., Laghi, F., & Lingiardi, V. (2015). Lesbian mother families and gay father families in Italy: Family functioning, dyadic satisfaction, and child well-being. *Sexuality Research & Social Policy: A Journal of the NSRC*, *12*(3), 202-212. doi: 10.1007/s13178-015-0185-x
- Baker, F. B. (2001). *The basics of Item Response Theory* [Second edition]. Clearinghouse on Assessment and Evaluation.
- Baker, L. R., McNulty, J. K., VanderDrift, L. E (2017). Expectations for future relationship satisfaction: unique sources and critical implications for commitment. *Journal of Experimental Psychology: General*, *146*(5), 700-721. doi: 10.1037/xge0000299
- Baker, Z. G., Petit, W. E., & Brown, C. M. (2016). An investigation of the rusbult investment model of commitment in relationships with pets. *Anthrozoös*, *29*(2), 193-204. doi: 10.1080/08927936.2015.1092732
- Baldwin, M. (1992). Relational schemas and the processing of social information. *Psychological Bulletin*, *112*(3), 461-484. doi: 10.1037/0033-2909.112.3.461
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bell, R. A., Daly, J. A., & Gonzalez, M. C. (1987). Affinity-Maintenance in Marriage and Its Relationship to Women's Marital Satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, *49*(2), 445. doi: 10.2307/352313
- Bowlby, J. (1969/2004). *Apego e perda: Apego - A natureza do vínculo* (3ª edição). São Paulo: Martins Fontes, vol. 1.

- Bowlby, J. (1973/2004). *Apego e perda: Separação - Angústia e raiva* (4ª Edição). São Paulo: Martins Fontes, vol. 2.
- Bowlby, J. (1980/2004). *Apego e perda: Perda - Tristeza e depressão* (3ª edição). São Paulo: Martins Fontes, vol. 3.
- Boxer, C. F., Noonan, M. C., & Whelan, C. B. (2015). Measuring mate preferences: A replication and extension. *Journal of Family Issues*, 36(2), 163-187. doi: 10.1177/0192513X13490404
- Brassard, A., Lussier, Y., & Shaver, P. R. (2009). Attachment, perceived conflict, and couple satisfaction: Test of a mediational dyadic model. *Family Relations*, 58(5), 634–646. doi: 10.1111/j.1741-3729.2009.00580.x
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161. doi: 10.1590/S0102-79722005000200002
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2016). The internal Working model construct in light of contemporary neuroimaging research. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment* (Third Edition, pp. 63–88). New York, NY: The Guilford Press.
- Briñol, P., Petty, R., & Guyer, J. (2019). A historical view on attitudes and persuasion. In P. Hegarty, C. Logan, W. Long, P. Pettikainen, & W. Ricken (Eds.), *Oxford Encyclopedia of the history of psychology* (pp.1–34). New York, NY: Oxford University Press.
- Buss, D. M. (2012). *Psicologia evolucionista*. Milano, Italia: Pearson.

- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of personality and social psychology*, 50(3), 559. doi: 10.1037/0022-3514.50.3.559
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate preferences and their behavioral manifestations. *Annual Review Psychology*, 4(70), 77-110. doi: 10.1146/annurev-psych-010418-103408
- Buss, D. M., Shackelford, T. K., Kirkpatrick, L. A., & Larsen, R. J. (2004). A half century of mate preferences: the cultural evolution of values. *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 491-503. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00491.x
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships*, 15(1), 141–154. doi: 10.1111/j.1475-6811.2007.00189.x
- Candel, O. S., & Turliuc, M. N. (2019). Insecure attachment and relationship satisfaction: A meta-analysis of actor and partner associations. *Personality and Individual Differences*, 147(April), 190–199. doi: 10.1016/j.paid.2019.04.037
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da relationship assessment scale. *Psico-USF*, 16(3), 255-264. doi: 10.1590/S1413-82712011000300002
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.). (2016). *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (Third Edition). New York, NY: The Guilford Press.
- Cavallo, J. V., Murray, S. L., & Holmes, J. G. (2014). Risk regulation in close relationships. In M. Mikulincer & P. R. Shaver, *Mechanisms of social*

connection: from brain to group (pp. 237-254). Washington, DC: American Psychology Association.

Choice, P., & Lamke, L. K. (1999). Stay/leave decision-making process in abusive dating relationships. *Personal Relationships*, 6, 351-367. doi: 10.1111/j.1475-6811.1999.tb00197.x

Collins, N. L., & Allard, L. M. (2001). Cognitive representations of attachment: The content and function of working models. In G. J. O. Fletcher & M. S. Clark (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: Vol. 2. Interpersonal processes* (pp. 60-85). London: Blackwell.

Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment shape perceptions of social support: Evidence from experimental and observational studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87(3), 363–383. doi: 10.1037/0022-3514.87.3.363

Collins, N. L., Ford, M. B., Guichard, A. M. C., & Allard, L. M. (2006). Working models of attachment and attribution processes in intimate relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(2), 201–219. doi: 10.1177/0146167205280907

Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16-31.

Cramer, D. (2006). How a supportive partner may increase relationship satisfaction. *British Journal of Guidance and Counselling*, 34(1), 117–131. <https://doi.org/10.1080/03069880500483141>

- Crano, W. D., & Gardikiotis, A., (2015). Attitude formation and change. In J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (2nd ed., Vol. 2, pp. 169–174). Oxford: Elsevier.
- De Andrade, A. L., & Garcia, A. (2012). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos-Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 634-643. doi: 10.1590/S0102-79722012000400002
- De Andrade, A. L., Oliveira, M. Z. & Hatfiel, E. (2017). Conflito trabalho-família: um estudo com brasileiros e norte-americanos. *Revista Psiocologia Organizações e Trabalho*, 17(2), 106-113. doi: 10.17652/rpot/2017.2.12738
- De Andrade, A. L., Wachelke, J. F. R., & Howat-Rodrigues, A. B. C. (2015). Relationship Satisfaction in Young Adults: Gender and Love Dimensions. *Interpersona*, 9(1), 19-31. doi: 10.5964/ijpr.v9i1.157
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala. *Psico*, 18(2), 90-112.
- Duffy, S. M., & Rusbult, C. E. (1986). Satisfaction and commitment in homosexual and heterosexual relationships. *Journal of Homosexuality*, 12(2), 1-23. doi: 10.1300/J082v12n02_01
- Dumitrescu, D., & Rusu, A. S. (2012). Relationship between early maladaptive schemas, couple satisfaction and individual mate value: an evolutionary psychological approach. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies*, 12(1), 63-76.
- Eickholt, M. S., & Goodboy, A. K. (2017). Investment model predictions of workplace ostracism on K–12 teachers’ commitment to their schools and the

- profession of teaching. *Journal of Workplace Behavioral Health*, 32(2), 139-157. doi: 10.1080/15555240.2017.1332483
- Ellis, B. J. (1998). The Partner-Specific Investment Inventory: An Evolutionary Approach to Individual Differences in Investment. *Journal of Personality*, 66(3), 383–442. doi: 10.1111/1467-6494.00017
- Feeney, J. A. (2016). Adult romantic attachment: developments in the study of couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment* (Third Edit, pp. 435–463). New York, NY: The Guilford Press.
- Feeney, J. A., Noller, P., & Roberts, N. (1998). Emotion, attachment, and satisfaction in close relationships. In *Handbook of Communication and Emotion* (pp. 473–505). doi: 10.1016/B978-012057770-5/50020-5
- Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 351-368. doi: 10.1590/s0102-79721997000200012
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379–394. doi: 10.1590/S0102-79721998000200014
- Festinger, L. (1957). *Teoria da dissonância cognitiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Fletcher, G. J. O., & Simpson, J. A. (2000). Ideal standards in close relationships: Their structure and functions. *Critical Social Policy*, 9(3), 311-334. doi: 10.1177/026101830102100303
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). Ideals, perceptions, and evaluations in early relationship development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(6), 933–940. doi: 10.1037/0022-3514.79.6.933

- Florian, V., Mikulincer, M., & Bucholtz, I. (1995). Effects of adult attachment style on the perception and search for social support. *The Journal of Psychology, 129*(6), 665–676. doi: 10.1080/00223980.1995.9914937
- Floyd, K. (2016). Affection exchange theory. In C. R. Berger & Roloff, M. E. (Eds.) *The international encyclopedia of interpersonal communication* (pp. 1- 8). New York: John Wiley & Sons, Inc. doi: 10.1002/9781118540190.wbeic0115
- Floyd, K., Hess, J. A., Miczo, L. A., Halone, K. K., Mikkelson, A. C., & Tusing, K. J. (2005). Human affection exchange. *Communication Quarterly, 53*(3), 285-303, doi: 10.1080/01463370500101071
- França, P. S., Natividade, J. C., & Lopes, F. A. (2016). Evidências de validade da versão brasileira da escala amor do Marriage and Relationships Questionnaire (MARQ). *Psico-USF, 21*(2), 233-243. doi: 10.1590/1413-82712016210202
- Frei, J. R., & Shaver, P. R. (2002). Respect in close relationships: Prototype definition, self-report assessment, and initial correlates. *Personal Relationships, 9*, 121–139.
- Gadassi, R., Bar-Nahum, L. E., Newhouse, S., Anderson, R., Heiman, J. R., Rafaeli, E., & Janssen, E. (2016). Perceived Partner Responsiveness Mediates the Association Between Sexual and Marital Satisfaction: A Daily Diary Study in Newlywed Couples. *Archives of Sexual Behavior, 45*(1), 109–120. doi: 10.1007/s10508-014-0448-2
- Gana, K., & Broc, G. (2019). *Structural equation modeling with Lavaan*. London, UK: ISTE Ltd.

- Glenn, N. D. (1990). Quantitative Research on Marital Quality in the 1980s: A Critical Review. *Journal of Marriage and Family*, 52 (4), 818–831. doi: 10.2307/353304
- Gonçalves, M. P., Gouveia, V. V., Cavalcanti, T. M., Bezerra, C. C., Medeiros, E. D., Oliveira, G. F., . . . Santos, W. S. (2018). Atributos desejáveis de parceiro ideal: Podem variar segundo o sexo e o lugar de residência? *Trends in Psychology*, 26(3), 1221-1234. doi: 10.9788/TP2018.3-04Pt
- Gouveia, V. V., Carvalho, E. A. B., Santos, F. A., & Almeida, M. R. (2013). Escala Tetrangular do Amor: testando sua estrutura e invariância fatorial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(1), 32-45. doi: 10.1590/S1414-98932013000100004
- Greenwald, A. G., Banaji, M. R., Rudman, L. A., Farnham, S. D., Nosek, B. A., & Mellott, D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept. *Psychological Review*, 109(1), 3–25. doi: 10.1037/0033-295X.109.1.3
- Greifeneder, R., Bless, H., & Fiedler, K. (2018). *Social cognition* (2nd Ed.). New York: Routledge.
- Gulledge, A. K., Gulledge, M. H., & Stahmann, R. F. (2003). Romantic physical affection types and relationship satisfaction. *The American Journal of Family Therapy*, 31(4), 233-242. doi: 10.1080/01926180390201936
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. doi: 10.1037/0022-3514.52.3.511
- Heim, E., Ajzen, I., Schmidt, P., & Seddig, D. (2018). Women’s decisions to stay in or leave an abusive relationship: results from a longitudinal study in

bolivia. *Violence Against Women*, 24(14), 1639–1657. doi:
10.1177/1077801217741993

Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The relationship assessment scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(1), 137-142. doi:
10.1177/0265407598151009

Hendrick, S. S., Hendrick, C., & Adler, N. L. (1988). Romantic Relationships: Love, Satisfaction, and Staying Together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 980–988. doi: 10.1037/0022-3514.54.6.980

Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico, *Psicologia em Estudo*, 13(3), 593-601. doi: 10.1590/S1413-73722008000300021.

Hernandez, J. A. E. (2014). Evidências de validade da Escala de Avaliação do Relacionamento. *Estudos de Psicologia*, 21(3), 237-336. doi: 10.1590/0103-166X2014000300001

Hernandez, J. A. E., Ribeiro, C. M., Carvalho, A. L. N., Fonseca, R. C. T., Peçanha, R. F., & Falcone, E. M. O. (2017). Revisão da estrutura fatorial da escala de satisfação conjugal. *Trends in Psychology*, 25(4), 1977-1990. doi: 10.9788/TP2017.4-22Pt

Hollist, C. S., Falceto, O. G., Seibel, B. L., Springer, P. R., Nunes, N. A., Fernandes, C. L. C., & Miller, R. B. (2016). Depressão pós-parto e satisfação conjugal: impacto longitudinal em uma amostra brasileira. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*. 11(38), 1-13. doi: 10.5712/rbmfc11(38)1044

Holmbeck, G. N. (1997). Toward terminological, conceptual, and statistical clarity in the study of mediators and moderators: Examples from the child-

- clinical and pediatric psychology literatures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(4), 599–610. doi: 10.1037/0022-006X.65.4.599
- Hone, L. S., Hurwitz, W., & Lieberman, D. (2015). Sex differences in preferences for humor: A replication, modification, and extension. *Evolutionary Psychology*, 13(1), 167-181. doi: 147470491501300110.
- Huang, H-C., Hou, C-I., Tseng, Y-H. (2017). Research on decision making regarding in dating events for unmarried female junior high school teachers. *International Journal of Computer Science & Information Technology*, 9(1), 85-93. doi:10.5121/ijcsit.2017.9107
- Hudson, N. W., & Fraley, R. C. (2016). Adult attachment and perceptions of closeness. *Personal Relationships*, 24(1), 17–26. <https://doi.org/10.1111/pere.12166>
- Ingoglia, S. (2013). L'analisi fattoriale confirmative e le sue applicazioni ai problemi della misurazione. In C. Barbaranelli e S. Ingoglia, *I modelli di equazioni strutturali: Temi e prospettive* (pp.59-110). Milano: LED.
- Jackson, J. B., Miller, R. B., Oka, M., & Henry, R. G. (2014). Gender differences in marital satisfaction: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 76(1), 105-129. doi: 10.1111/jomf.12077
- Jose, A., Rajaram, S., O'Leary, D., & Williams, M. C. (2010). Memory for partner-related stimuli: free recall and frequency estimation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(5), 658-670. doi: 10.1177/0265407510369144
- Kamp Dush, C. M., & Amato, P. R. (2005). Consequences of relationship status and quality for subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(5), 607-627. doi 10.1177/0265407505056438

- Karney, B. R. (2015). Why marriages change over time. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, J. A. Simpson, & J. F. Dovidio (Eds.), *APA Handbook of Personality and Social Psychology* (Vol. 3, 557-579). Washington, DC: American Psychology Association.
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research. *Psychological Bulletin*, *118*(1), 3–34. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.3
- Karney, B. R., McNulty, J. K., & Frye, N. E. (2001). A social–cognitive perspective on the maintenance and deterioration of relationship satisfaction. In J. Harvey & A. Wenzel (Eds.), *Close romantic relationships: Maintenance and enhancement* (pp. 195-214). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Kimmes, J. G., Durtschi, J. A., Clifford, C. E., Knapp, D. J., & Fincham, F. D. (2015). The Role of Pessimistic Attributions in the Association Between Anxious Attachment and Relationship Satisfaction. *Family Relations*, *64*(4), 547–562. doi: 10.1111/fare.12130
- Kochar, R. K., & Sharma, D. (2015). Role of love in relationship satisfaction. *The International Journal of Indian Psychology*, *3*(1), 80-107.
- Laurenceau, J. P., Barrett, L., & Pietromonaco, P. (2004). Intimacy as an interpersonal process. In H. T. Reis & C. E. Rusbult (Eds.), *Close relationships* (pp. 199–211). New York: Psychology Press.
- Lawrence, E., Rothman, A. D., Cobb, R. J., Rothman, M. T., & Bradbury, T. N. (2008). Marital satisfaction across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology : JFP : Journal of the Division of Family Psychology of*

the American Psychological Association (Division 43), 22(1), 41–50. doi: 10.1037/0893-3200.22.1.41

Le, B., Dove, N. L., Agnew, C. R., Korn, M. S., Mutso, A. A. (2010). Predicting nonmarital romantic relationship dissolution: A meta-analytic synthesis. *Personal Relationships*, 17, 377-390. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01285.x

Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Feres-Carneiro, T. (2018). *O que faz seu relacionamento ser bom? Associações entre o discurso e a satisfação com o próprio relacionamento*. Pôster apresentado na 48ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, São Leopoldo, RS.

Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Féres-Carneiro, T. (submetido-a). Esquemas de relacionamento e de parceiro romântico: conceitos associados à valência positiva

Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Féres-Carneiro, T. (submetido-b). Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso.

Londero-Santos, A., Pereira Neto, J. C., & Natividade, J. C. (2017). *Satisfação conjugal e coping diádico como preditores do bem-estar subjetivo*. Pôster apresentado na 47ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, SP.

Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H.A.L. (2011). The Hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46, 340-364. doi:10.1080/00273171.2011.564527

Madey, S. F., & Rodgers, L. (2009). The effect of attachment and Sternberg's triangular theory of love on relationship satisfaction. *Individual Differences Research*, 7(2), 76-84.

- Mak, M. C. K., Bond, M. H., Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2010). Adult attachment, perceived support, and depressive symptoms in Chinese and American cultures. *Journal of Social and Clinical Psychology, 29*(2), 144–165. doi: 10.1521/jscp.2010.29.2.144
- McNulty, J. K., O'Mara E. M., & Karney, B. R. (2008). Benevolent cognitions as a strategy of relationship maintenance: “don't sweat the small stuff”....but it is not all small stuff. *Journal of Personality and Social Psychology, 94*(4), 631-646. doi: 10.1037/0022-3514.94.4.631
- McNulty, J. K., Wenner, C. A., & Fisher, T. D. (2016). Longitudinal associations among relationship satisfaction, sexual satisfaction, and frequency of sex in early marriage. *Archives of sexual behavior, 45*(1), 85–97, doi:10.1007/s10508-014-0444-6
- Medlin, M. M., Brown, M., & Sacco, D. F. (2018). That's what she said! Perceived mate value of clean and dirty humor displays. *Personality and Individual Differences, 135*, 192-200. doi: 10.1016/j.paid.2018.07.017
- Menkin, J. A., Robles, T. F., Wiley, J. F., & Gonzaga, G. C. (2015). Online dating across the life span: users' relationship goals. *Psychol Aging, 30*(4), 987-993. doi: 10.1037/a0039722
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2016). *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change* (Second Edition). New York, NY: The Guilford Press.
- Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: A influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 39*(3), 96-107.

- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Escala reduzida de descritores dos cinco grandes fatores de personalidade: Prós e contras. *Psico*, 46(1), 79-89. doi: 10.15448/1980-8623.2015.1.16901
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2016). Personal characteristics associated with sexuality can be classified into seven dimensions in Brazil. *Personality and Individual Differences*, 97, 88-97. doi: 10.1016/j.paid.2016.03.030
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484-494. doi: 10.1590/0103-656420140086
- Natividade, J. C., Barros, M. C., & Hutz, C. S. (2012). Influência da flexão de gênero dos adjetivos em instrumentos psicológicos em português. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 259-264.
- Nettle, D., & Clegg, H. (2008). Personality, mating strategies, and mating intelligence. In G. Geher & G. F. Miller (Eds.), *Mating intelligence: Sex, relationships, and the mind's reproductive system* (pp. 121-135). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584. doi: 10.4013/ctc.2016.91.03
- Overall, N. C., Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Fillo, J. (2015). Attachment insecurity, biased perceptions of romantic partners' negative emotions, and hostile relationship behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 108(5), 730-749. doi: 10.1037/a0038987

- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39. doi: 10.5935/1808-5687.20120005
- Pedrabissi, L. & Santinello, M. (1997). *I test psicologici*. Bologna: Il Mulino.
- Proulx, C. M., Helms, H. M., & Buehler, C. (2007). Marital quality and personal well-being: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 69(3), 576-593. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00393.x
- R Core Team (2019). R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*, Vienna, Austria.
- Regan, P. C., Levin, L., Sprecher, S., Christopher, F. S., & Cate, R. (2000). Partner preferences: what characteristics do men and women desire in their short-term sexual and long-term romantic partners? *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 1-21. doi: 10.1300/J056v12n03_01
- Reis, H. T., & Gable, S. L. (2015). ScienceDirect Responsiveness. *Current Opinion in Psychology*, 1(Relationship science), 67–71. doi: 10.1016/j.copsyc.2015.01.001
- Reis, H. T., Crasta, D., Rogge, R. D., Maniaci, M. R., & Carmichael, C. L. (2017). Perceived Partner Responsiveness Scale (PPRS). In *The Sourcebook of Listening Research* (pp. 516–521). doi: 10.1002/9781119102991.ch57
- Rosseel, Y. (2012). Lavaan: An R package for structural equation modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1-36.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172-186. doi: 10.1016/0022-1031(80)90007-4

- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186. doi: 10.1016/0022-1031(80)90007-4
- Rusbult, C. E., Agnew, C. R., & Arriaga, X. B. (2011). The investment model of commitment processes. *Department of Psychological Sciences Faculty Publications*, 26, 1–33. doi: 10.4135/9781446249222.n37
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357-387. doi: 10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x
- Samejima, F. (1969). Estimation of Latent Ability Using a Response Pattern of Graded Scores *Psychometric Monograph No. 17*. Richmond, VA: Psychometric Society.
- Sarason, B. R. & Sarason, I. G. (2001). Ongoing aspects of relationships and health outcomes: social support, social control, companionship and relationship meaning. In J. Harvey & A. Wenzel (Eds.), *Close Romantic Relationships: Maintenance and Enhancement* (pp. 277-298). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2000). Sexual dimensions of person description: Beyond or subsumed by the Big Five? *Journal of Research in Personality*, 34(2), 141-177. doi: 10.1006/jrpe.1999.2267
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: Correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 439-447. doi: 10.1590/S0102-79722011000300007.

- Scribel, M. C., Sana, M. R., & Benedetto, A. M. (2007). Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 3 (2), 1-10. doi: 10.5935/1808-5687.20070012
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. In R. J. Stenberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (p.p. 7-25). New York: Guilford.
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (2000). Marital satisfaction and spousal cost-infliction. *Personality and Individual Differences*, 28, 917-928. doi: 10.1016/S0191-8869(99)00150-6
- Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Casamentos de longa duração: recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. *Psico-USF*, 22(2), 323-335. doi: 10.1590/1413-82712017220211.
- Souza, A. L., Conroy-Beam, D., & Buss, D. M. (2016). Mate preferences in Brazil: evolved desires and cultural evolution over three decades. *Personality and Individual Differences*, 95, 45-49. doi: 10.1016/j.paid.2016.01.053.
- Souza, L. K., Ávila-Souza, J., & Gauer, G. (2016). As escalas dos questionários McGill de amizade. In C. S Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva* (pp. 125-140). São Paulo: Hogrefe.
- Stackert, R. A., & Bursik, K. (2003). Why am I unsatisfied? Adult attachment style, gendered irrational relationship beliefs, and young adult romantic relationship satisfaction. *Personality and Individual Differences*. doi: 10.1016/S0191-8869(02)00124-1
- Stafford, L., & Canary, D. J. (1991). Maintenance Strategies and Romantic Relationship Type, Gender and Relational Characteristics. *Journal of Social*

and Personal Relationships, 8(2), 217–242. doi:
10.1177/0265407591082004

Sternberg, R.J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27, 313-335. doi: 10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4

Suntornkanit, N., & Varma, P. (2018). Influence of gender role attitude, quality of alternatives, investment size, and commitment on marital satisfaction between Thai women who married Thai men and Thai women who married foreign men. *Scholar: Human Sciences*, 9(2), 106-119.

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (Sixth Edition). Boston: Pearson.

Tan, K., Arriaga, X. B., & Agnew, C. R. (2018). Running on empty: Measuring psychological dependence in close relationships lacking satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 35(7), 977-998. doi: 10.1177/0265407517702010

Tran, P., Judge, M., & Kashima, Y. (2019). Commitment in relationships: An updated meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 26(1), 158-180. doi: 10.1111/pere.12268

Ubando, M. (2016). Gender Differences in Intimacy, Emotional Expressivity, and Relationship Satisfaction. *Pepperdine Journal of Communication Research*, 4(13), 18-29.

Ullman, J. B. (2013). Structural equation modeling. In B. G. Tabachnick & L. S. Fidell, *Using multivariate statistics* (sixth edition, pp. 681 - 785). New York: Pearson.

- Vecchione, M., Natali, E. M. & Fida, R. (2013). L'analisi di variabili categoriali e non normali. In: C. Barbaranelli & S Ingoglia, *I modelli di equazioni strutturali* (pp. 265-294). Milano: LED.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L. D., Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *PsicoUSF*, 9(1), 11-18. doi: 10.1590/S1413-82712004000100003
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187–204. <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>
- Weiser, D. A., & Weiser, D. J. (2016). Self-efficacy in romantic relationships: direct and indirect effects on relationship maintenance and satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 89, 152-156. doi: 10.1016/j.paid.2015.10.013
- Whisman, M. A., & Delinsky, S. S. (2002). Marital satisfaction and an information-processing measure of partner-schemas. *Cognitive Therapy and Research*, 26(5), 617-627. doi: 10.1023/A:1020305226067
- Wilde, J. L., & Dozois, D. J. A. (2018). It's not me, it's you: self- and partner-schemas, depressive symptoms, and relationship quality. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 37(5), 356-380. doi: 10.1521/jscp.2018.37.5.356
- Winking, J., Eastwick, P. W., Smith, L. K., & Koster, J. (2018). Applicability of the Investment Model Scale in a natural-fertility population. *Personal Relationships*, 25(4), 497-516. doi: doi.org/10.1111/pere.12257

Yela, C. (2006). The evaluation of love: simplified version of the scales for Yela's tetragonal model based on Sternberg's model. *European Journal of Psychological Assessment*, 22(1), 21-27. doi: 10.1027/1015-5759.22.1.21